Duas Epocas da Vida

TERCEIRA EDIÇÃO

1906

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XLIX

DUAS ÉPOCAS DA VIDA

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Coisas espantosas.
N.º 2 — As tres irmans.
N.º 3 — A engeitada.
N.º 4 — Dozo casamentos felizes.
N.º 5 — O esqueleto.
N.º 6 — O bem e o mal.
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.
N.º 8 — Anathema.
N.º 9 — A mulher fatal.
N.º 10 — Cavar em ruinas.
N.ºs 11 e 12 — Correspondencia epistolar
N.º 13 — Divindade de Jesus.
N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.ºs 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.ºs 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro.
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade?
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.ºs 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.ºs 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.ºs 47 e 48 — O judeu.
N.º 49 — Duas épocas da vida.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Duas épocas da vida

INCLUINDO O FOLHETO INTITULADO

HOSSANA

TERCEIRA EDIÇÃO

1906

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

O author, relendo este livro, afim de melhoral-o para ser impresso, achou em cada pagina uma saudade, e magoou-se. Depois, descendo da idéa para a fórma, desenrugou a fronte, e riu-se. É que ha ahi coisas incriveis e impossiveis, desatinos que nem o proprio Cupido perdôa, nem a grammatica, nem o leitor, nem sei se Deus m'os perdoará com todo o infinito da sua misericordia!

E sabem lá como tudo isso que ahi está adiante me pareceu bonito quando o fiz! Como eu batia na testa, antes e depois, devendo então, agora, e sempre bater no peito contricto pedindo aos bons poetas perdão de tamanho sarapatel de anjos e lagrimas!

O' meu divino Apollo, o que a gente faz quando ama! Como o teu Pegaso deslomba os infelizes que o cavalgam em pêllo!

Leitor, eu entendi que devia consentir na republicação destas lastimas para castigo meu, e vingança vossa.

A segunda metade deste livro tem alguma coisa sacratissima, que, se não internece a lagrimas, ousa pedir aos felizes que não as escarneçam. Se a dôr fosse alguma vez poesia, havia ahi muita.

Quand je reçus la vie au milieu des alarmes.
Et qu'aux cris maternels répondant par mes larmes,
J'entrai dans l'univers, escorté de douleurs,
J'y vins pour y marcher de malheurs en malheurs.

RACINE.

O homem:

Insondavel mysterio, mixto informe
De crenças, de vontades, e de acções!
Cháos confuso de revoltos seres,
De encontradas paixões!

Comprehendes-te? não! Estuda, oh sabio,
Esse abysmo que tens fechado em ti!...
Ah! mostra-me a verdade, aponta-a, e diz-me:
«Se a amas, eil-a aqui!»

PRECEITOS DO CORAÇÃO

Minha mãe

Ma mère!.. Oh! laisse-moi le prononcer encore
Ce nom que avec amour...
J'ai voulu couronner de poetiques fleurs!

VIOLEAU.

Oh meu anjo d'amor, que me deixaste
No meu berço a chorar,
Vigia-me do ceu, já que na terra,
Não pude os teus conselhos escutar.

Eu sei que foste martyr d'agonias,
Muito antes de mim:
Herança d'amarguras me legaste,
Recebo-a, que a soffrer ao mundo vim.

Abrindo os olhos para vêr o mundo
Oh mãe, não te encontrei!
Mostraram-me o sepulchro de teu nada,
E, junto d'elle, erguendo as mãos sem mancha,
Creança, ajoelhei,

Resára um *Padre nosso* fervoroso
Por tua salvação;
Creança, eu não sabia que as torturas,
E as lagrimas da dôr purificaram
Teu grande coração.

Depois as minhas preces afflictivas
Em horas de terror,
Pediam-te no ceu as tuas preces,
Por mim, triste ludibrio d'infortunios,
Sem ti, anjo d'amor!

Sem ti, sem pae, deixado aos meus instinctos,
Esqueci-me de ti!
Cuidei que fôras astro passageiro,
E desceras do nada ao seio escuro,
Quando, oh mãe, te perdi!

Suppuz que um somno eterno era o teu somno
No leito sepulchral,
Em quanto, eu, velador de incriveis maguas,
No teu sepulchro via extincto o facho
Do affecto maternal.

Hoje, não! Hoje, oh mãe, as mãos erguendo
Com lagrimas e fé,
Resisto á desventura irmã da vossa,
E supporto os tufões da tempestade,
Como o robre de pé.

Não sei que o mundo possa dar á alma
Alentos quaes os meus.
Aos lances, que não tem nome na terra
Era força ceder, se a mão d'um anjo
Não descesse dos ceus!

É a vossa! Sois vós... que eu entre os vivos
Não importo a ninguem...
Embora seja muda a sepultura,
Onde um filho se prostra, ninguem diga,
Que perdeu sua mãe.

Saudade

Douce ou grave, tendre ou sévère,
L'amitié fut mon premier bien,
Quelque soit la main qui me serre
C'est un coeur qui répond au mien.

LAMARTINE.

Quem já teve os bellos dias
D'um primeiro e sancto amor,
Quem sentiu as alegrias
Misturadas com a dôr...
Quem na face enxuga o pranto,
Quem saudades vivas tem,
Não rirá do pobre canto
D'um cantor novo, que vem.

Cantor novo... sim, no mundo,
Onde os hymnos tem um som;
Mas ha outro mais profundo,
Que é do poeta amargo dom.
N'esse, eu sou cantor antigo,
Como antiga é minha dôr...
Lá chorei a sós commigo,
E a saudade, irman do amor.

O meu passado foi lindo
Como a singeleza o é;
Vi brilhar-me um astro infindo
Pelo meu prisma de fé.
Era á luz, que derramava
A mulher, astro dos ceus,
Quando eu via e meditava
Desde a conchinha até Deus.

Mal me lembro n'esta idade
Com que fogo amei então;
Se era amor, se era amisade
Não o sei... era paixão!
Se entre os anjos a ventura
É do affecto o intenso ardor,
Era assim minha candura,
Era d'anjo o meu amor.

Nunca mais desfiz a imagem
Da mulher que então amei;
Jurei-lhe eterna homenagem...
Se faltou, eu não faltei...
Tenho orgulho d'este preito

Que ninguem já me avalia;
Na saudade me deleito,
Que não tenho outra poesia.

Vejo-a sempre, e sempre bella
Qual a vi, sendo eu feliz!
Se ninguem me falla d'ella,
Tudo o seu nome me diz;
No fragor da tempestade,
No soprar da viração,
Ouço-a sempre!... é a *saudade*
Minha eterna inspiração.

Já busquei na vida inquieta
Deslembral-a... em vão tentei...
Eu por ella fui poeta,
Os meus dons não aviltei.
Este espirito elevado
Fôra ella quem m'o deu:
Devo dar-lh'o não manchado,
Aqui não, mas lá no ceu.

Quando ao homem lhe não resta
Do que foi uma affeição,
Vida amarga será esta
Que não doura uma illusão!
Eu perdi da mocidade
A esperança, que extasia...
Se não fosse uma *saudade*,
N'este mundo eu que seria!?

Amas-me?

Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornára um corpo humano.

CAMÕES.

Olha, Dulce, as tuas crenças
São profundas como a dôr,
Que exacerba uma saudade,
De incomprehensivel amor?

Se intendesses minha alma!
Por ventura vês escripta,
Na paixão que os labios callam,
Uma paixão infinita?

Se o SENHOR, um dos seus anjos,
Enviasse a ti dos ceus,
Amarias com ternura
Esse emissario de Deus?

Se teus olhos penetrassem
Segredos do coração,
Chorarias, vendo a mágua
Que envenena uma paixão?

Queres a flôr?

> Tive flôres, vivi d'ellas,
> Seu aroma respirei;
> Desfolhaste-m'as!... agora
> De que vida viverei?
>
> P. C.

Em má hora, amiga intima,
Me pediste alguma flôr!...
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*,
Que da seiva exhauriu
O coração generoso
Onde, viçosa, floriu.

A segunda é um *martyrio*,
Que me deram, quando amei...
Foi-me caro!—é um thesouro
Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulchros...
É um *goivo*... não t'o dou...
Fui colhel-o ao cemiterio,
Entre mortos vegetou.

A quarta... sim, dou-te a quarta,
É uma *roza;* mas olha,
Se eu morrer, e tu sentires,
Na minha campa a desfolha.

Não chores

Dans sa vague tristesse on la voit tout le jour.

DESBORDES-VAHNON.

Teus olhos beberam nos seios da aurora
As lagrimas d'anjo, que alindam teu rosto?
Caprichos de virgem, tão bella se chora!
Se não são caprichos, terás um desgosto?

Já sentes no peito vagar-te um desejo
Nas azas douradas d'um terno gemido?
Sonhaste que, a furto, n'um callido beijo
Sorvêra teus labios fantasma atrevido?

Não sabes que os anjos, embora na terra
Descessem seu vôo, não devem chorar?
Que o riso d'um anjo mil hymnos encerra,
Que vão entre incensos o ETERNO exaltar?

Esqueces que um throno de virgem te exalça
Acima da angustia, que a vida amargura?
Não vês ficar muda uma lingua, que é falsa,
Se estuda a mentira que infama a candura?

Não chores. Repára na torva tristeza
Dos dias que eu passo... e não sei chorar!
Lamenta-me a vida, que tanto me pêza;
As máguas estranhas te incumbe chorar.

Chora!... Chora!...

Ses larmes aujourd'hui la soulagent du moins.

MAD. TASTU.

Tão longe vives dos anjos!
Este mundo é-te um deserto,
E, tão perto,
Quando cantas,
Sons divinos,
Sons do ceu, ouço em teus hymnos!

Eu não sei, virgem, que mágoas
Podem ser, tão cêdo, as tuas!...
Já fluctuas
Sobre a onda
Inclemente
Da paixão, que turva a mente?!

Por ventura já sentiste,
Ao colher singelas flôres,
Essas dôres,
Que torturam,
Desabridas,
Tantas obscuras vidas?

Ai! quem sabe os teus segredos!...
Ninguem diz, ao vêr tão bella
Uma estrella,
Se, bem cedo,
Nevoa densa
Vem toldar-lhe a luz intensa!...

Ninguem diz o preço amargo
D'uma lagrima vertida!
Ai! que a vida
Tanto engana!
Quem te diz
Que ser bella é ser feliz!?

Se á magia de teus olhos,
Se a teus labios, se á lindeza
Viesse preza
Amiga sorte...
Que ventura
Te não déra a formosura!...

Se aos teus dons de singeleza,
Que a virtude em ti excita,
Feliz dita
Se ligasse...
Não terias
Não, rival nas alegrias.

Se a fortuna cá na terra
Se comprasse com thesouro,
Farto d'ouro,
Bem podéras
Tudo vêr
Pelo prisma do prazer.

Mas tu choras, insensivel
Aos consolos, que te dei!...
Ah! já sei
O mysterio
D'essa dôr...
Chorar tanto... *só d'amor!*

Primeiros affectos

Oui, je veux, á l'oubli condamnant ma tristesse,
Retrouver les transports de ma fraiche jeunesse.

JULES LEFEVRE.

Eu fiz versos, que esta alma inspirava,
Quando em somno de enlevos dormia
N'aureo berço, que o amor embalava
Com mil sonhos de maga poesia.

Uma estrella, em alta noute,
Pela solidão dos ceus,
Qual, suspensa em mãos d'um anjo
Luz perpetua aos pés de DEUS...
Inspirava-me um divino,
Innocente e casto hymno
De espontanea devoção.
Nem eu sei que tinha a estrella,
Ou que fé teria eu n'ella,
Para tanta inspiração!

Se, no ceu, ligeira nuvem
Pelas brizas balouçada,
Perpassando, se detinha
Nessa estrella enamorada...
Se, depois, torva e sombria
Pela face lhe estendia
Assombrado veu de dó...
Não sei eu porque delirio
Me julgava, em meu martyrio,
Para sempre, triste e só.

D'uma flôr, êrma na encosta
Lá na aldeia onde eu vivi...
Nessa aldeia... — oh! ninguem sabe,
Em perdel-a, o que eu perdi! —
D'uma flôr, sem mais belleza,
Que os teus dons, ó natureza,
Me inspirei a muito amor.
Tudo em mim era então vida
Embalsamada, embebida
Na fragancia d'esta flôr!

Se da crista das montanhas
Vinha abaixo impetuosa
A soberba ventania
Desfolhar-me a minha roza...
Se acurvada a florinha,
Tão depressa, por ser minha
Se mirrava em tenue pó,
Não sei eu porque delirio
Me julgava, em meu martyrio,
Para sempre, triste e só!

É que os versos que esta alma inspirava
Quando em somno de enlevos dormia,
Eram sonhos, que o amor embalava,
No meu berço de maga poesia.

Vem!

Une surtout — un ange ..
VICTOR HUGO.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este êrmo sem ti!...
Vem, meu anjo, se não vôas,
Cuidarei que te perdi.

Tu já sabes quantas mágoas
Uma saudade contem...
Ah! são muitas... sinto-as todas...
Vem, meu anjo, corre... vem!

Aqui n'esta soledade
Cada flor é tua imagem,
Cada murmurio um suspiro,
Cada gemido uma aragem!

Vejo em tudo a tua sombra...
Nas mudas sombras me fallas!
Vem, meu anjo de ternura,
Reflorir entre ellas galas.

Vem, rainha d'estes prados,
Que o teu throno tens aqui!
Deixa as turbas d'esse mundo...
Não é mundo para ti...

Tens um êrmo aonde a vida
É tranquilla em singeleza,
Onde o Eterno ostenta as pompas
Da formosa natureza.

Tens no alvor da madrugada
As canções do rouxinol,
Que festeja os froixos raios,
Que lhe dá benigno sol.

Tens, á tarde, os horisontes
Purpurinos d'além-mar,
Que nos fazem sentir n'alma
Sensações d'um vago amar.

Tens, á noite, este silencio
De saudade e de tristeza,
Quando a alma vela tanto,
E adormece a natureza.

Tens, a cada instante, um ente,
Que te diz, em voz da terra,
Mil celestes pensamentos
Que no coração encerra.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este êrmo sem ti!
Vem, meu anjo, se não vôas,
Pensarei que te perdi...

Verdades

Alors j'ai bien compris par quel divin mystère
Un seul coeur encarnait tous les maux de la terre.

DE LAMARTINE.

I

Anjo, donzella, és divina
Do diadema virginal;
Tens na face purpurina
Um córar tão natural!...

Candida pomba, não creias
Nas caricias da paixão:
Peito de virgem, que anceias
Toda amor, teme a traição...

N'esse teu berço infantil
É tão puro o teu sonhar!...
Tão singelo o rir subtil
Que em teus labios vem brincar!

Se mão de homem não se atreve
N'esse teu sonho do céu,
Ir, se quer, muito ao de leve,
Da innocencia erguer-te o véu...

Infeliz! teu mago sonho
É de curta duração...
Virá o instincto risonho
Despertar-te o coração...

II

Eu vi gemer, sósinha em desabrigo,
No êrmo da saudade, uma innocente.
Innocente, que crêra amor de homem,
Que ardêra na paixão, que amára quanto
Em peito virginal póde a ternura.

Quem viu carpir-se a rôla em soledade,
Perdida na soidão de alpestres cêrros,
A quem do fragil ninho os tenros filhos
A impia mão do homem desnudára...
— Quem viu mãe carinhosa, á luz funerea
Da tocha sepulchral, buscar no esquife
As gélidas feições d'um filho d'alma...

Beijar-lhe os labios roixos, impassiveis
Ao beijo maternal, convulso ardente. . .
— Quem viu rojar no chão do cemiterio
A face da mulher, que pede á campa,
No delirio da dôr, do morto amante
Ao menos um gemido. . . uma saudade ?. . .
Quem viu que não soffreu ?
A dôr da martyr
Cujas faces eu vi ararem prantos
Pungia como a dôr da mãe afflicta ;
Vibrava as cordas intimas do seio
Como o beijo da amante em muda campa ;
Como a angustia da mãe que chama o filho
Qual da rôla o gemer, orfan, sósinha.

III

Era n'um baile. Ondulava
De ouro e sedas o salão ;
O ar, que ali se respirava,
Escaldava o coração.
Tinha fogo o olhar da virgem,
Fogo de amor, de vertigem,
D'esse que inflamma o pudor ;
Tinha a mulher, anjo ou fada,
Uma existencia encantada,
Um condão fascinador !

Que linda noute, que vida
No salão se não viveu !
Que existencia tão florida
N'essa quadra rescendeu !

Que sorrisos tão mimosos
Se trocaram carinhosos
N'esse angelico festim!
Um galanteio era um hymno,
Que soava um som divino
Nos labios d'um cherubim.

Era um folgar incessante,
Era um delirio febril!
Cada qual cinge da amante
Breve cintura gentil;
Vôa com ella, embebido
No lindo collo pendido
No eburneo peito ao desdem...
Sente arfar tão junto d'ella
O coração que revela
Ventura... e mágoas?... tambem!

E, depois, lá murmuravam
Brandas, doces expressões...
Cada palavra que davam
Resumia mil paixões...
Uma só, um sorriso,
Um olhar terno, indeciso,
Uma supplica... talvez!
E, no fim do baile, a pena...
A saudade... ai! tão pequena
Foi a noute d'esta vez!

. . . .

IV

O genio do martyrio, entre os folgares,
Erguera o throno seu de pranto e espinhos
N'um pobre coração, em debil peito,
D'uma fraca mulher. Equilibrada
A dôr d'esta infeliz era que farte
C'o intenso prazer da leda turba.
Chorava; e se dos labios desprendia
Um forçado sorrir, quanta amargura
Não tinha essa expressão mal contrafeita!
Em vão tentavas, anjo da agonia,
Um gemido prender, sevar d'angustias
Na taça do teu fel, vasado n'alma,
O grito de mulher, que foi trahida
Mal a corôa de virgem renuncia!
Que o diadema virginal, lançado
Aos pés do que o pisou, aos pés do homem
Ovante da traição, quem pôde erguel-o
Na fronte da mulher? Ninguem! que as rozas
Dispersas ahi estão, e, descóradas
Na face as do pudor, fallam d'um crime!
E esse crime qual é?.............
Maldito o mundo,
Que o instincto sanctifica dos prazeres,
Que alastra de florões a estrada ao vicio,
E lá, quando o pudor succumbe ao instincto,
Crimina-lhe os tremendos sacrificios
E, rasgando-lhe o véu, mostra-lhe as nodoas!

....

V

E as turbas, que folgam, se enlaçam na salla,
Expandem-se alegres... que vida ali vae!
Ninguem vê a martyr... sósinha, não falla,
Ninguem vê da virgem a corôa, que cáe.

As vozes celestes, que afina a ternura,
Acendem no peito fremente paixão;
O riso dos anjos doudeja em ventura,
Dos impios o riso é rir de traição.

Retinem dos copos os sons excitantes,
Saudes occultas lá fazem, talvez;
Nas faces ressaltam desejos d'amantes
Que a facil promessa de um anjo lhes fez.

E as turbas, que folgam, se enlaçam na salla,
Expandem-se alegres... que vida ali vae!
Ninguem vê a martyr!... sósinha, não falla,
Ninguem vê da virgem a corôa, que cáe!

VI

Tu soffrias, mulher! e eu, que era o impio,
O sceptico do amor,
Fui eu talvez o só que vi descer-te
A lagrima da dôr!

Ha lagrimas de sangue; essas aos olhos
Não manda o coração;
Chorei-as eu por ti, pomba ferida
Por ti, que por mim... não!

Um tempo me lembrou... fôra um martyrio
Irmão do teu soffrer!...
Amei...— se não trahido — exhausta a crença,
Que mais posso eu perder?

Um cadaver, que vae passando mudo,
Sem uma aspiração;
A vèrgontea mirrada, ėsteril, secca,
Pendida para o chão!

VII

Amára-te, ainda assim, flôr desfolhada
Entre espinhos de dôr calcada aos pés!
Amára-te, se aqui, na alma cançada
Te abrigasses qual és!

Pedir a labios mortos um sorriso
É ao cynico dizer: «vive do amor!»
Que importa o anjo vir do paraizo,
Amal-o com fervor?

Que importa á roza murcha e descahida
Da tige onde floriu já tão louçã,
Que um beijo matinal lhe imprima a vida
Na brisa da manhã!

Que importa o pranto amargo em vão chorado
Na lousa sepulchral, que é muda e fria?
Que filho viu seu pae erguer-se ao brado
Da intima agonia!

....

A uma roza branca

Muere, infeliz! ..
ESPRONCEDA.

Era candida e mimosa
A, que eu vi, magica roza
Em mãos impias maltratada!
Tive dó d'esta florinha
Ao seu vergel arrancada!
A profana mão que a tinha,
Não amava essa mesquinha
Como symbolo d'amor!
Ai! se a roza fosse minha,
Como premio á minha dôr,
Dera-lhe o meu coração
Por cristalina redoma;
Dera-lhe em beijos de fogo
Mais valor ao seu aroma..

Pensava n'ella de dia,
Sempre de noute a sonhava...
Se com ella despertava
Longa noute de insomnia
Meu amor acrisolava.
Namorei-me d'esta roza,
Qual mãe terna e carinhosa
Ao beijar filha mimosa
Que afagada em grato enleio
Lhe bebe a vida no seio!

Não a tinha junto a mim,
Mas então?... tal como a aragem
Ama o calix do jasmim
Eu amava a sua imagem.
Era uma vez, e, sósinha
Vi a roza abandonada,
Entre cristaes mal guardada,
Mas, entre as flôres, rainha.
E eu lhe disse: «vem ser minha,
Em meu peito vem florir;
Teu aroma faz subir
Com meus prantos ao teu ceu;
Por condão que Deus te deu
Faz-me uma esperança sentir!»
D'entre o lindo ramilhete,
A tremer, toquei na roza;
Mal lhe toco, perde a flôr
Uma petala mimosa!...

Quiz depôl-a... mas em vão...
Instinctos do coração
Nem o dever os venceu!
Vi ali no chão cahida
Uma petala perdida...
Por minha causa... fui eu!...
Não importa... affago a flôr,
Faço-a córar aos meus beijos...
Eram de fogo; e os desejos
De lhe dar novo verdor...
Foram vãos!... tinha seccado,
Murchas petalas cahido...

E eu d'um goso fementido
Colhi... o que?... as tristezas
Que em mil outras emprezas
Tenho aqui sempre colhido.

No album da ex.ma sr.a D....

Sei que existe a Divindade,
Atravez d'um denso veu,
Sei que esconde mil segredos
Esta abobada do ceu.

Sei que rolam muitos mundos
N'este horisonte infinito,
Onde leio, e tremo ao lêl-o,
Um perpetuo *hossanna* escripto.

Sei que brilha um astro eterno
A que os homens chamam *lua*,
Vejo um prestito de estrellas
Que no ceu d'annil fluctua.

Mas não sei d'esses mysterios
Levantar mystico veu.
Nem conheço a Divindade
Sobre o seu throno do ceu.

Nem direi que são os mundos,
Que fulguram sobre mim,
Nem pergunto á razão debil,
Se as estrellas tem um fim.

E, com tudo, adoro o enygma
Que me diz *existe Deus!*
Adoro os astros, que passam
Na profundeza dos ceus.

Mais fervente culto eu presto
No altar da phantasia.
Ha segredos que me inspiram
Uma cega idolatria.

Assim, posso amar a imagem
Da mulher que nunca vira,
Posso mesmo dar-lhe um nome,
Seja anjo... ou seja ELVIRA...

O meu segredo

Tout fuit,
Tout passe.
V. HUGO.

Mimosa filha dos astros,
Magica, doce illusão,
Fada santa, que desceste
A acender-me a inspiração...

Que mago enlêvo me déste,
A que ceus tu me subiste...
Não, tu não eras mentira...
Se eu descri... tu não mentiste!

Que importa se te não ouço
Como inda hontem te ouvi...
Anjo, vieste, e fallavas
Quando Deos chamou por ti!...

E subiste ao astro aereo
Onde o espirito se esconde
Aos olhos do homem, vérme
Que de rojo vae... aonde?

«Aonde vae?» esta pergunta,
Estas ancias d'um destino,
Dão ao homem vôos d'anjo,
Dão-lhe um fôlego divino.

Dão-lhe estimulos!... Recordo
Que era mais que humano estimulo...
Oh! se o amor é fogo ethereo,
Esse amor senti .. sentimol-o.

Era um fervor de poetas,
Era anciar ventura e céu,
Era a nossa mão ousada
Do porvir rasgando o véu!

Rasgando o véu... para que?...
Ai! nós queriamos viver,
Sobre um astro d'estes astros
Que tu vês no espaço arder.

....

E quando a fada fallava
Como o coração tremia...
A respiração nos seios
Suffocada estremecia.

Era tão sancto o respeito
Com que a sentença lhe ouviamos;
E tão de dentro era a crença
Com que esperança pediamos!...

O que eu sentia!... que vôos
Eu cortei na immensidade!...
Com que orgulho eu puz a vista
No throno da Divindade!...

Oh! Deus sabe que desejos
Fervorosos eram esses!...
Pedi mundos sobre mundos,
Mundos onde tu vivesses!

Viver comtigo, meu astro,
Que na terra me alumias!
Viver comtido onde esquecem
D'este mundo as agonias!...

Fugiu a fada! A propheta
Levou comsigo o condão,
Que fizera arder delirios
No meu... no teu coração...

Deixal-a... Embora! Soubemos
Que existe um mundo além d'este...
Sim... existe... é a patria d'anjos,
D'onde tu, anjo, vieste!

DÓ

Palidas sombras de illusion perdida...
BERMUDES DE CASTRO.

Não posso, por mais que eu queira,
Imaginal-o feliz!
Uma pena verdadeira
Me deixou no coração!...
Eu sei que elle não póde
Illudir-se muitos dias!...
E depois... tudo agonias
Em troca d'uma illusão!

Lamentêmo'l-o! A desdita
Não tem balsamo!... que dôr!
Depois da sêde, o fastio;
E o enfado, apoz o amor!
E então... que desventura,
Que longa noute é a vida,
Com que ardor a sepultura
Não deve então ser pedida!..

Ai! amigo, que deixaste
Atraz de ti a ventura!
Fechaste as portas da vida,
Tornaste-a pesada e escura.
Apagaste a luz brilhante
Da tão cara liberdade!
Lançaste algemas nos pulsos
Com suicida crueldade!...

Um anjo

Elle parlait ainsi dans sa douleur mortelle.

DELFINE GAY.

Que importa chamar um filho,
Que morto no berço está?
Quem usurpa ao ceu o brilho
De estrella, que era de lá?

....

«Ah! tu dormes, meu filho, descanças
Um momento dos trances da dôr!
Já não choras, não gemes, meu filho?
Ah! tu dormes?... Bem-hajas, SENHOR!

«Sim, bem-hajas, meu DEUS, que eu só tinha,
N'este mundo o meu filho... este só!...
Já pensei de o perder; mas o pranto,
Que eu d'esta d'alma chorei, fez-vos dó!

«O meu filho está vivo!... Na febre
Não lhe sinto as entranhas arder...
Mas tão frias as mãos!... quem me dera
A meus peitos já vêr-lh'as erguer!

«Tão serenos os labios!... e as faces
Tão coadas que estão!... este alvor
De saude é signal, mas eu quero
N'estes labios um riso d'amor.

«Accordar-te quizera... e não posso;
Mas beijar-te, aquecer-te esta mão
Com meus beijos frementes de fogo,
E de vida, e de amor, e paixão.

«E estas faces, tão lindas, banhar-t'as
D'este pranto que vérte o prazer...
Vêr-te um raio de luz n'estes olhos,
Que despertos cuidei mais não vêr...

«Dorme ainda!... Que somno profundo!...
Dos que morrem o somno é assim!...
Não despertas, meu filho? estes beijos
Não os sentes gravados por mim?

«VIRGEM SANTA! meu filho não falla...
Não se move... meu DEUS... que será!?...
Um gemido, sequer um gemido,
Este anjinho do ceu, não me dá?!...

«Que desgraça!... que medo!... piedade!
Compaixão!... que sou mãe, oh SENHOR!
O meu filho não sente, não falla...
E não chora... está morto!... que horror!...»

....

Que importa chamar um filho,
Que morto no berço está!?
Quem usurpa ao ceu o brilho
De estrella, que era de lá?...

N'um album

Vainement il appela...
Le vent seul repondit à sa voix.

ALFRED DE VIGNY.

Das margens do Douro, no livro d'um anjo
Envio um suspiro ás margens do Tejo.
Outr'ora, ditoso, corri essas margens
Apoz uma sombra, que em sonhos cá vejo.

Amei-a! perdi-me por ella, e não choro
A morte bem triste da minha illusão,
N'esta alma nascida, e morta tão cedo,
Por ella a quem déra carinhos d'irmão!

Deixal-a! Ainda vivo talvez para vêl-a,
Um dia, entre espinhos colher essa palma,
Devida ao perjurio, e lançada em triumpho
Aos pés de uma virgem, não virgem na alma.

Resigna-te

Pourquoi pleurer?... les pleurs n'effacent rien.

C. DELAVIGNE.

Escreveste um canto triste,
Quando ao sol de amor te abriste,
Linda flor d'este jardim!
Revelaste dissabores,
N'essa idade em que os amores
Tem horisontes sem fim.

Eu bem sei como se chora,
Mal da vida assoma a aurora
D'entre as trevas do porvir;
São tristezas com doçura,
São caprichos que a ternura
E o desdem sabem fingir.

Vertes lagrimas mimosas
Orvalhando as frescas rozas
Do teu rosto juvenil;
Mas não choras pranto ardente,
Onde a morte está latente
Com seu veneno subtil.

N'essa idade é que arfa o seio
Em seus sonhos d'almo enleio,
Aspirando um ideal;
N'essa idade, ó meiga virgem,
É que o amor sente a vertigem
Da paixão sancta, e immortal.

Ai d'aquelles que inda esperam
Vêr dos sonhos que tiveram
Raiar-lhe a bella estação!
Ai de todos, se é mentira
Este ceu, que a alma aspira,
Quando o amor é seu condão.

És tão nova!... não descreias
D'essa immensa fé, que anceias,
D'esse amor, que em vão retens.
És rainha em throno d'ouro,
Quando ostentes o thesouro
Da alma nobre, que tens.

Quem podera ter viçosa
Uma flor inda donosa,
No queimado coração!
Quem podera, anjo celeste,
Dar-te um hymno, mas não este
Sem ornatos de paixão!...

Ao merito

Pour toi seul l'aimable muse
Qui t'amuse,
Réserve encore des chansons
Aux doux sons.

CHARLES NODIER.

Dera-te o genio uma lyra,
E ouviste um canto divino,
Afinaste-a pelo canto
Descantaste um mago hymno.

Cantaste sempre inspirada,
Sempre triste; mas a estrella,
Entre as sombras d'uma nuvem,
Quando brilha, vem tão bella!...

Eu, de todos os teus cantos,
Uma harmonia compuz:
Cada nota era um suspiro,
Suspirado aos pés da cruz.

Não me ensinaste os perfumes,
Que embalsamam a poesia,
Pois não podem labios d'anjo
Verter n'outros a harmonia.

Mas sopraste a flamma ardente,
Que illumina o entendimento,
Para vêr erguido aos astros,
O vôo d'um pensamento.

Sei que tens uma saudade,
Que, espontanea, se revela;
Mas, interpretes do mundo,
Dirão homens qual é ella?

Um anjo, n'este desterro,
Para o ceu erguendo as mãos,
Não prantea, em suas preces,
Saudades de seus irmãos?

Sentir saudades da infancia,
Quando é sonho a existencia,
Não é sentir o desejo
De voltar á innocencia?

Tal é, cantora, a saudade,
Essa terna afinação
De teus versos, modelados
Pelo gemer da paixão.

Não te comprehende o mundo;
Chama-te escrava do amor;
Diz que a morte das chymeras
E' que inspira a tua dôr.

Mas não são do mundo os hymnos,
Onde o mysterio se calla...
Sei que a tua lyra é sancta,
Tanto basta... hei-de adoral-a.

A Clara Belloni

(FALLECIDA NA CORUNHA EM 20 DE NOVEMBRO DE 1849)

Maintenant la jeune trépassée,
Sous le plomb du cercueil, livide, en proie au ver,
Dort...

VICTOR HUGO.

Vi pulsar no ardor da gloria
Da cantora o coração;
E' que as lagrimas desciam
Nas faces da multidão.
Vinha-lhe á fronte mimosa
Essa dôr mysteriosa
Que em seus cantos revellou...
Fôra a desgraça imprevista
Que, de nobre, a fez artista
Pelo pão que mendigou!

Quem lhe ouviu seus hymnos tristes
Que não visse uma infeliz?
Quem não viu nas faces d'ella
O chorar de *Beatriz!*...
Suffocára uma agonia,
E a ficção lhe consentia
Livre, no palco, chorar...
Só ahi gemeu, partido,
Em cada nota um gemido,
Seu peito no vivo arfar!

Era um anjo, quando as maguas
Da sua vida contou...
Ouvil-a fallar da infancia
Que tão leda lhe passou...
Vêl-a chorar a mãe cara,
E seu pai, que tanto amára,
E suas crenças d'então...
Era um quadro tão pungente,
Que no peito mais dormente
Despertava a compaixão...

E, depois... vê-la humilhada
Receber affrontas vis,
Como as recebe a virtude
Se é o patrimonio da actriz...
Era triste inda mais vêl-a
A chorar-se, não por ella,
Que foi martyr com valor...
E' que em seu regaço tinha
Mãe, e esposo, que mantinha
Do seu pão... do seu suor...

Desceu do leito onde a morte
Pelas faces lhe rossou
No proscenio a voz d'um anjo
Dos febris labios soltou...
Hymno foi d'acerbo trance
Qual da luz extremo lance
No derradeiro clarão...
No pallor da face linda
Vi voar-lhe um riso ainda
De sentida gratidão.

Gratidão a quem lhe dera
Um soccorro d'infeliz;
Gratidão a quem de apupos
Não coroou a nobre actriz...
Nobre de louros honrosos
Quaes os tem os desditosos
Que soffrem sem maldizer:
Nobre e grande d'essa palma
Que ante Deus recebe a alma
Resignada em padecer!

Partida a roza na haste
Rijo norte lhe soprou;
Quasi pendida ao sepulchro,
Grato aroma inda exhalou...
—Foi esse *adeus* penetrante, [1]
Que de longe, e agonisante,
Manda ao Porto onde viveu!
Foi n'esse instante anciado,
Que, sorrindo ao seu passado,
Voou ao throno do ceu!

[1] Belloni, pouco antes do seu ultimo dia, escreveu uma lagrimosa carta á ex.ma condessa de Terena, onde vi os signaes das lagrimas, que acompanhavam aquelle afflictivo *adeus* a todas as pessoas que a protegeram no Porto.

Juramento

Na ventura, os meus sorrisos,
Alma pura, serão teus;
Pois tu és a providencia,
Que vela a minha existencia
Por vontade do meu Deus.

Na tristeza, as minhas lagrimas
Hão-de ser tuas tambem:
Pois tu só tens o segredo,
De adoçar-me este degredo,
Como filha, e esposa, e mãe.

Serei teu, como não posso
Ser de alguem, ou ser de mim.
Meu condão, seja qual fôr,
Vivo ou morto, um nobre amor,
Filho d'alma, não tem fim.

Aqui tens um juramento!
Triste dia em que t'o fiz!...
. . . .
Não te esqueça a hora e o dia;
Não dês preço á poesia,
Dá valor ao infeliz.

Irman no soffrimento

Á EX.^{ma} SR.^{a} D. ***

> .... Elle aussi, défaillante en son deuil,
> Comme un roseau brisé sous le chêne qui tombe
> Céde au poids qui l'accable....
>
> HIPPOLYTE VIOLEAU.

Quem é que, alta noute, sósinha, n'um ermo,
Tristezas profundas revela a chorar?
Que mão lhe desfere na harpa da alma
Um hymno dorido de intenso penar?

E' alma que opprimem saudades amargas?
Mysterios que o vulgo não sabe dizer?
Receios, de enlevos que brilham e morrem
No berço onde torvo se assenta o descrer?

Bonina mimosa na encosta da serra
Em torno a tormenta lhe adeja a rugir;
Assim tu, donzella, sósinha alta noute,
Não temes ao longe o trovão a bramir!

As lagrimas, virgem, choradas de noute,
Se a lua saudosa no ceu vês brilhar,
São ellas extremo recurso a quem soffre...
«Bemdito, meu Deus, que nos deste o chorar!»

Amante, ou trahida na crença, se o fôste,
Sepulta bem funda, no abysmo da dôr,
A queixa saudosa, que póde um sorriso,
Em vez de consolo, pedir ao traidor.

Quizeras que o pranto nas faces purpureas
Estranho carinho te fosse enchugar?
Não sentes, mais livre, gemer a tristeza
Nos ermos, nos bosques, nas praias do mar?

Eu sinto!... e quizera, se choro do sangue
As lagrimas, filhas da intensa afflicção,
Quizera choral-as occultas, que eu temo,
Bem mais que o rancor, inspirar compaixão.

Adeus!

Sou um martyr do amor,
Sou um anjo soffredor
Nem um prazer me sorri!
***

Anjo! eu tenho um crime!—Ergui de ousado
Ao throno onde o Senhor te ha levantado,
Cá de baixo do chão, olhos mortaes!
Tão puro coração, qual te offertára,
Em peito de mortal nunca pulsára,
Nem pulsará por ti, anjo, jámais!

Eu li no teu semblante o gelo inerte
Do frio coração, que já não verte
A lagrima d'amor, que á face vem:
Eu li no teu sorriso contrafeito
Esse lento pulsar, que tem no peito,
Quem não póde no mundo amar alguem.

Julguei-te a mão de Deus sobre este abysmo,
Cavado pela mão do scepticismo,
Onde á crença d'amor expira a luz!
Julguei-te, em vulto humano, anjo celeste,
Que do seio de Deus aqui vieste
Mandar-me, em fim, pousar a minha cruz!

Bem hajas, luz do ceu, que me has fulgido,
Relampago d'amor, breve sumido
Na eterna escuridão do meu viver!
Fizeste-me sentir que eu bem podia
Deixar a estrada acerba da agonia,
Ter um leito suave onde morrer!

Bem podéras, mulher, manter-me a vida,
Embora d'illusões, que, fementida,
Pagara-te com pranto uma traição!
Bem podéras dizer-me—*Eu posso amar-te!*
Eu não queria de ti mais que adorar-te,
Viver de ti... morrer n'esta illusão!

Terrivel teu silencio... anniquilou-me
A triste convicção... precipitou-me

D'este crêr infantil onde subi!...
Sorri ao mar d'encantos que sonhava,
Pensei vêr um farol, e naufragava...
A crença, a vida, a paz, tudo perdi!

Abri mui fundo o peito ao sentimento...
Não posso inda votar-te ao esquecimento,
Que o golpe da paixão rasgou sem dó!...
Eu dei-te de minh'alma o que podia,
Sagrei-te a corda extrema que sentia...
Partida ella ahi está... desfeita em pó...

Da morte lenta a febre me devora!...
Cadaver tão depressa... quando a aurora
Da vida me raiou... foi triste fim!...
Ouvir-te—*nunca mais*—mas adorar-te...
Oh! sempre... até á morte!... hei-de obrigar-te
Nos olhos uma lagrima por mim!

O teu livro

CHATTERTON

. . . .

La poesie !...—elle m'a sauvé... elle m'a perdu !

QUAKER

Et à present que fais-tu donc ?

CHATTERTON

Que sais-je ?... j'ecri.—Pourquoi ? Je n'en sais rien... Parce qu'il le faut...

ALFRED DE VIGNY, *Chatterton.*

Um livro, anjo do ceu, quero offertar-t'o,
Não rico d'instrucção ; pomposo e altivo
De sentimento, sim ! Filho d'est'alma,
Nasceu-me entre gemidos, e martyrios
E lagrimas de fel... Mal sabes quanto
De profundo soffrer m'inspira os hymnos
Que ahi dispersos vês nas pobres paginas,
Tão pobres para ti, perola augusta
Da Corôa do SENHOR !... Mal avalias
O fel que ahi repassa as minhas trovas,
As tuas... minhas, não—que eu nada tenho
Além do teu amor !

Vivi, sósinho,
Muito longe de ti, entre as fraguras
D'essas serras d'além, onde a tristeza
Esmaga o coração, qual o rochedo,

Que lá nos calvos serros se debruça,
Pesando em peito de homem!... Tristes versos
No ermo descantei!... a dôr m'os dava,
A dôr m'os inspirou! Trovas descrentes,
Não luzem de prazer, não tem um nome
Perfumado no amor, rindo ao futuro!
Peregrino, sem fé, estranho ao mundo,
Busquei no meu deserto abrigo ao menos
Aonde repousar do afan da vida
Mentida d'illusões. Mortal espinho
Varou-me o coração... senti-me baldo
A todo o sentimento, a toda a crença
Na terra, onde viver tanto que eu tinha!
Affeito ao meu soffrer, achei um instante
De sancto refrigerio. Circumscripto
Aos meus, tão meus amargos pensamentos,
Pedi á fantasia uma chymera,
Uma estrella, uma flor, um anjo, um sonho,
Que eu carecia d'amor; e exhaurido
Em ancias de paixão, não tinha um raio
De luz celestial n'esta negrura
D'espirito sem fé, nem luz, nem vida!
Sonhei-te, errante sombra! e vi-te a imagem
Envôlta nos arminhos transparentes
D'um extasis do ceu... Vi-te um sorriso
Pendente em labios virgens, onde o orvalho
Da candida innocencia rossiava
Um halito de vida! Cantos mysticos
Fervorosos d'amor, indifinidos
D'aspirações tão vãas, mas tão passadas
De ternura e de fé... sagrei-t'os, anjo,

No silencio da dôr, como um gemido
Soltado na soidão d'amplo deserto,
Gemido para Deus, defeso aos homens!

Não eras tu n'esse tempo
Propheta de coração?
Não previas uma vida
A pedir-te animação?

Não sonhavas esta imagem
Como eu sonhei a tua?
Não a buscaste de noite
Entre o cortejo da lua?

Não escutaste uma estrella,
Que te fallava de mim?
Aos teus sonhos d'innocencia
Não quizeste achar um fim?

Não tinhas na harpa da alma
Vagos sons sem harmonia?
Não sentiste um hymno dentro
Em vibrações de poesia?

Uns olhos, que tinham fogo,
Não scintillaram nos teus?
Tinhas sentido já d'outros
O que sentiste dos meus?

Tinhas já visto uma lagrima
Em faces d'homem brilhar?

Viste um gemido espontaneo
Gelidos labios queimar?

Ouviste igual juramento
Dado em presença dos céus?
Alguem, pedindo-te amor,
Jurára o nome de Deus?

Quero dar-te o meu livro, embora o rasgues...
Se em tuas mãos viveu breves minutos
De mais foi venturoso!... Se d'entre ellas
Desfolhado cahiu... que importa?... o goivo
Colhido entre sepulchros não se mirra
Em dedos innocentes? Póde o aroma
Da flôr, que emmurcheceu, valer um riso
A' pobre que não tem outra existencia,
Outro reverdecer de primavera?!...
. . . .
E' este o meu thesouro d'amarguras!...
Das paginas, que tem, se alguma vires
Matisada d'amor... crê que um delirio
D'esta alma, que repelle o desalento,
Ahi gravado foi... Se desditosa
A vida te correr... quem sabe... um dia...
Recorda-te da infancia, abre esse livro,
Um balsamo, um consolo acharás n'elle.

Mal sabes que prazer revive n'alma,
Embora angustiada na saudade,
Se das grandes paixões resta a memoria!

Traição e vingança

Anjo dos anjos,
Ai! quem te fez demonio?...
CASTILHO. *(Noite do Castello).*

Sempre o crime e a vingança;
Mas as vinganças d'então
Eram terriveis!—as d'hoje
São do crime o galardão.
*

(A MINHA PRIMEIRA POESIA)

I

Um cavalleiro partira
A batalhar por Jesus:
Negro era o manto, e a cota;
Era d'ouro a espada e cruz.

Se foi a amante, se Christo
Que nas luctas invocou,
Não n'o dizem—que não podem—
Os hereges que matou.

Entre as hordas agarenas,
Quem o viu—rei do terror—
Nuvem de pó, e de sangue
Entre arrancos d'estertor...

Quem o viu rasgar co'a lança
Um 'squadrão cerrado, inteiro,
Não nos conta se era raio,
Satanaz, ou cavalleiro!

A vizeira nunca erguêra,
Nem despregára o broquel...
Quem lhe visse a face torva
Vira-lhe um riso cruel...

A mal-f'rido contendor,
Quando aos pés lhe agonisava,
No extremo arfar da vida
Uma risada lhe dava.

Ninguem trava armas com elle
Que lhe ás mãos alfim não morra!
—Era a colera do Eterno...
Era o anjo de Gomorra!

Se dormiu, foi entre mortos,
Que, feroz, acutilou...
Respira sangue, e exterminio
E carnagem, se accordou.

Um arranco d'agonia
Mal no ceu raiava a luz,
Encantava o cavalleiro,
Era o seu signal da cruz.

II

Cavalleiro! a tua hora
De morrer chega tambem!...
Olha... aqui... um filho chora...
Tinha um pai... mataste-o agora...

Não lhe deixaste ninguem!
Olha a esposa abandonada
N'um cadaver abraçada
N'aquelle cerro d'além!

Cavalleiro! o frio norte
Vem murchar o teu laurel!
O fatal sopro de morte
Não recua á malha forte
De teu ferrado broquel!
Por que dama batalhaste?
Por que Deus acutilaste?
Quem te fez assim cruel?
....
....

III

Que lindas, custosas festas,
Vão lá no paço real!
Que ricas bodas são estas?
—Casa o rei de Portugal?

O rei, não, mas D. Fernando,
Seu irmão, vai-se a casar
Das herdeiras co'a mais rica
Virgem, formosa Guiomar.

Vêde-lhe as faces tão lindas
D'innocencia e candidez!
Vêde ali se póde um crime
Revellar aquella tez!

Que lhe punge inda o remorso
No seu virgem coração;
Ella é candida florinha,
O amor é viração.

Viração, que as lindas faces
Lhe faz de pejo córar!
Inda não sabe... não sente...
Que amarguras tem o amar!...

Menestreis! tangei um hymno
A' formosa Guiomar!
D'uma corôa, vinde, ó virgens,
A formosa engrinaldar.

....
....

IV

A' porta do salão um vulto assoma...
Traz negra a fronte, negra a vestidura;
De sangue salpicada a ferrea cota
Estatua ensanguentada se figura!

Quem é? Ninguem o sabe! Um rito ardido...
A estatua sepulchral mostra que falla
O ecco, ao longe, repetiu—*perjura*—
Terror de morte se incutiu na salla!

Vêde a face da donzella
Vêde-lhe a mimosa tez...
A *perjura* será ella?!
Vêde aquella palidez!...

A poucos passos, magestosos, lentos,
Bem perto de Guiomar, turva d'assombro,
O vulto pára, e a viseira erguendo,
A ferrea mão lhe põe no debil hombro...

«Conheces-me, Guiomar? não te recordas
«D'um tempo que já foi tão prazenteiro!...
«Recordas ter amado, e ter trahido
«A fé que te empenhara um cavalleiro?

Vêde a face da donzella,
Vêde-lhe o pranto a correr!
A *perjura* será ella?!
Que triste sorte vai ter!

«Nos combates, mulher, vendi minh'alma
«Ao Rei do inferno, ao Satanaz das íras;
«Com meus guantes esmaguei mil peitos
«Innocentes... sem crime... e tu respiras!...

«Não sabes a que eu vim?—Venho a pedir-te
«As crenças infantis que me mataste!....
«Confiei-te esta existencia... dá-me a vida...
«Dá-me a esperança do ceu, que me roubaste!

Vêde a face da donzella
Roxa, livida, mortal...
Adivinha ella que morre
Certo é... ninguem lhe val!

V

Tinha o olhar do cavalleiro
Um fitar fascinador...
Ninguem quer fallar primeiro...
Temem todos seu furor!

Quem o viu no arraial
Rojar a morte, inclemente,
Teme-lhe agora o punhal
Sobre a victima pendente!

Um corpo debil cahiu
Mal do guante foi tocado...
Ai! Guiomar...! pede perdão...
Que o punhal scintilla irado!

Pede perdão ao trahido...
Dá-lhe as crenças... dá-lhe o amor...
Já no ar vibrando o golpe
O punhal lampeja...............
................Horror!

Morreu ao despontar-lhe o sol da vida
Em tão ledo festim!...
Foi-lhe cara a traição á fementida...
Bem triste foi seu fim!...

*

Mulher! se te contei d'esta perjura
As contas que ella deu...
Não temas... vingador de mão segura
E' o remorso... que é teu!...

A uns annos

> Oh! toujours, n'est-ce pas? vous garderez...
> Pieusement cachés, comme un tresor, dans l'ame,
> Les souvenirs sacrés des jours qui ne sont plus.
>
> TOURNEFORT.

Não é marcada aos anjos duração;
Se na terra poisaram leve instante,
Prestai-lhe adoração.
Depressa o vôo seu, vai arrogante,
Das miserias da terra triumphante,
Ao seio do Senhor;
Depressa o rijo sopro da desgraça
A alma, que é do ceu, cá despedaça
Nas angustias da dôr.

Estende os olhos teus por toda a face
Da terra aonde estás—mostra-me ahi
Um anjo qual tu és!...
Que riso de mulher que não matasse?
Qual é que uma traição não guarda em si?
Quem é que um tenro amor não calca aos pés?
Muitos anjos eu vi
Na cega adoração;
Mas eu, sem crêr no amor, só foi em ti
Que achei um coração.

És um anjo, mulher, que a tua sina
Foi no mundo soffrer desde menina...
Escrava d'uma lei...
Não viveste p'ra ti;—douraste a vida
A quem t'a não dourou!... eras nascida
P'ra mim... que te adorei.
Divina, sem rival, alma grandiosa,
Devêras ter calcado, de orgulhosa,
As offertas d'um rei!

Crês tu que já viveste? oh! crê que não...
De lagrimas aqui foi teu viver...
Mas choradas em vão!...
Nasceras para amar—e encontraste
A perola que a mão de Deus engaste
N'esse teu coração?
As pulsações da alma ennobrecida
Foi tarde que as senti, já quando a vida
Não pôde, para o tumulo pendida,
Pagar-te uma affeição!...

Não tens tempo marcado... O soffrimento
Travou d'uma existencia, e só na morte
Lhe marca o nascimento.
Que o morrer é nascer, se a desventura,
Qual a soffri por ti, persegue e dura
Em quanto se viveu!...
Teus annos conto-os só pelo tormento,
E, quando vem co'a morte o esquecimento,
É feliz quem morreu!

Desalento

Souffrir ! pleurer ! mourir ! voilà ma destinée ;
Le malheur m'a bercé : qu'il creuse mon tombeau !

DEVOILLE.

Deus permitte que eu na terra
Possua immensa riqueza
D'amarguras sem refugio,
De inconsolavel tristeza.

Quiz que, a par d'estes martyrios,
Viesse um anjo d'amor ;
Mas não ouço a voz do anjo,
Quando grita a minha dôr.

N'esses momentos terriveis
De insondavel amargura,
Quando o calix não supporto,
Peço a Deus a sepultura.

Fragmentos do livro de

***

. . . .
. . . .
Silence, esprit de feu !

DE LAMARTINE.

VIII

Foi grande esta paixão! grande, insondavel
Como os antros do mar, como os abysmos
Na alma da mulher!... Amei p'ra sempre!

Tinha uma vida dormente,
Gelada em frio torpor...
Que mal te fez esta vida
Na solidão consumida,
Algemada á sua dôr?

Quem te trouxe ao meu desterro,
Que vieste em mim buscar?
Quizeste vêr quasi morto,
Nos trances do desconforto,
Um coração expirar?

Sondaste o peito que arfava
As pulsações do morrer;
Tua mão aqui pousava,
E a morte a respeitava
Porque eu senti-me viver.

Era forçoso adorar-te...
Muito da alma te quiz!...
Uma cegueira... um delirio...
Amor... não!... foi um martyrio...
Foi quanto ha de infeliz!

Uma lagrima não tinhas
Quando o que fui te contei...
E, com tudo... todo o sangue
D'este coração exangue
No sudario te mostrei!

Foi grande, esta paixão!... grande, insondavel,
Como os antros do mar, como os abysmos
Na alma da mulher!... Amei p'ra sempre!

IX

Sobre a livida fronte d'esse homem,
Que na terra uma esp'rança não tem,
Cingireis um diadema radiante,
Mas gravar-lhe uma crença... ninguem!

Dae-lhe um throno, e de escravos e flores
Alastrae-lhe o caminho até lá...
Que essa fronte, baixada p'ra sempre,
Sobre o throno jámais se erguerá!

Esse brilho, que ostenta na face
Quem de trevas a alma tem só,
É qual brilho sinistro dos tumulos
Que da lampada expira no pó.

Quem percebe o sorrir da desgraça,
Vae sondal-o no abysmo da dôr;
Ha sorrisos que escaldam nos labios
Qual na ancia da febre o estertor!...

E eu senti vir um sopro de morte
Quando a vida aspirava do céu;
A mortalha desceu-me na fronte,
Quando esp'rava enlaçar-lhe um tropheu.

Eras tu... sombra vã!... que és agora?
D'entre campas te vejo acenar...
Vaes, rainha da morte, entre tumulos
Sobre ossadas um throno fundar?

Inda bem! errarei pelas vallas...
E p'ra vêr-te a mortalha erguerei...
Se na terra fui escravo de vivos
Entre o pó de esqueletos sou rei!
....
....

X

Anjo de sancta magia,
Filha de Deus, ó poesia,
Que, nos trances da agonia,
Meu consolo foste já...
Libra as tuas azas d'ouro,
Sóbe ao ceu, que o teu thesouro
Não é aqui... é n'esse côro
Que cantam anjos de lá.

Se inda em mim resta escondida
Uma crença indefinida,
Que s'inspira d'outra vida,
Onde não mata a paixão...
O' meu anjo!... este sagrado...
Sancto espolio não manchado,
Salva, salva ao naufragado
No seu mar de corrupção!

....
....

Se lagrimas tivesses... chorarias...
Que acerbo o *livro* é!...
É um canto de morto em seu sudario
Na campa erguido em pé!

É um grito, mulher, do que succumbe
Varado por punhal...
Depois... a morte vem... cerram-se os labios...
Silencio sepulchral!...

Não me chores

> Peut-être des cœurs généreux seront attendris á ce recit, et repandront des larmes...»
>
> P. JAVANOISE (*vers. de Marchal*).

Alma pura! não me chores,
Quando ao mundo eu der o adeus!
Minha fé, anceando o ermo,
É d'um crente a fé nos ceus.

Ergo a fronte, aqui vergada
No altar da vil mentira;
Fito-a em Deus; e o ceu, e os anjos,
Com que ardor esta alma aspira!...

Lacerada sobre espinhos,
Ai! que vida aqui perdi!...
Era immensa, era infinita
Uma esp'rança que nutri!...

Illusões, affectos nobres,
Desalento e desconforto,
São a mortalha... o sepulchro
D'este coração já morto!

N'um album

É de poeta o lindo album,
Cujas paginas douradas,
Ao capricho d'escriptores
Por seu dono são votadas?

Se é de poeta o lindo album,
Não o sacrifique a alguem:
Nunca os outros dizem tanto
Como o poeta n'alma tem.

Cada pagina consagre-a
A gravar, em cada dia,
O pensamento inconstante
Em que a alma desvaria.

Que o poeta é um mysterio,
Que ninguem sabe o que é:
Hoje crê; ámanhã nega...
Nem em si proprio tem fé.

Isso mesmo é bello e grande,
Quando a consciencia o diz,
E n'um album escreve a historia
Do poeta, anjo infeliz!

E mais bello e grande ainda
E', nos trances da velhice,
O poeta abrir o album,
E dizer: «Olha o que eu disse!

«Vejam tanta vida e fogo!
«Vejam tanta alma aqui!
«Que amargoso desengano!...
«Foi mentira o que eu senti!...

«Inda bem que o desengano
«Me rasgou mentidos veus!...
«Fui um prodigo no affecto,
«Que hoje restituo a Deus!...»

Eis-aqui de que servira
Um tal album para mim;
Mas em tudo n'este mundo,
Cada qual tem o seu fim.

Eu não sou rebelde á moda
Que triumpha em nossos dias,
Se tambem na moda entra
Archivar semsaborias.

No album do sr. Rezende

PINTOR INSIGNE

. . . . une mère chrétienne
A préparé votre âme en vous ouvrant la sienne.

VIOLEAU.

Sahes da patria, illustre genio,
Mas da patria pobre vais!
Nada tens, tudo perdeste...
Mãe, irman... que importa o mais?

Quando o coração trasborda
D'amargos dons da poesia,
É mister um mundo grande
Onde illudir a agonia.

Volta, um dia, á pobre patria,
Paga-lhe um feudo tambem,
Vem depôr o teu deadema
Na campa de tua mãe.

Innocencia

N'as-tu pas, me dis-tu, dans ton cœur, jeune encore,
Quelque chose... ?

V. HUGO.

Serrana! tão lindos olhos
E cabellos Deus te deu!
Que altivez, e que donaire
Seductor é esse teu?

Tu de certo que não sabes
O valor grande que tens!
Se soubesses, valerias
Hoje amor, manhã desdens.

Tão pasmada me contemplas!...
Não me entendes, bem o sei...
Serrana! se tu me entendes,
Ai de ti, que me enganei!

Ai de ti... se tua alma
Festejasse este elogio!...
O pudôr não tinge as faces,
Quando n'alma exulta o *brio*..

Tu que vens buscar á selva,
Quando mal desponta o sol?
Harmonias afinadas
Nas canções do rouxinol?

Vens, e sentes, mas não sabes
O que sentes exprimir...
Ah! serrana!... se soubesses,
Tambem sabias mentir...

Quando, á noite, á sombra amena
Do pomar sentada estás,
Não me dizes as tristezas
Dos suspiros que tu dás?

E não fallas!... Teu silencio
Que mysterios annuncia!...
Ah! serrana... se fallasses,
Nunca eu mais te fallaria!

Victima!...

...... Laches! que lui reprochez-vous?
D'un courage inspiré la brulante énergie ..

C. DELAVIGNE.

Filha da dôr, calcaram-te os cobardes,
Que comtigo ao ceu dos sonhos teus
Não poderam subir, nem viram Deus,
O Deus da luz, do fogo, em que tu ardes.

Resuscita, mulher! surge! não tardes
Em vir mostrar á terra esses tropheus,
Que os archanjos te deram lá nos ceus,
Embora o teu mysterio aos homens guardes.
....

E eu vejo o scintillar d'aureo deadema!
És tu, mystica pomba, o nume sancto
Que vens aqui mostrar a luz suprema?
Salve, filha do ceu, anjo do pranto!
Se vens arrebatar-me á dôr extrema,
Oh! leva-me no teu lucido manto!

Perdida!...

Já não brilhas, minha aurora!
Foi tão rapido o meu dia
De repouso e d'alegria!
Tão depressa vem a hora,
Da tristeza, e da agonia!
Já não brilhas, minha aurora!

Minha estrella que luziste
N'este meu torvo viver,
Melhor fôra não nascer
Se tão depressa fugiste!
Porque has-de escurecer
Minha estrella, que luziste!?

D'essa fronte radiosa
Dá-me ainda um raio teu...
Seja um só, lirio do ceu,
Casta pomba luminosa!
Seja um só raio sem veu
D'essa fronte radiosa.

Sobre a minha sepultura,
Venha o raio scintillar...
Sentirei meu peito arfar,
Verei luz na campa escura:
Vem, ó sancta, ajoelhar
Sobre a minha sepultura.

Indignação

> Malheur à vous qui sur la terre
> Glanez le poète et la fleur,
> Et dont le pied sur la poussière
> Brise les perles en passant !
>
> TOURNEFORT.

Tu da morte anjo funesto,
Que devassas os mysterios,
Nas entranhas dos sepulchros,
Em trevas de cemiterios...

Vem comigo!... A hora é esta:
Não respira a natureza...
Tudo é negro, mas os mortos
Lá terão lampada accesa.

Vem comigo!... Eu quero vêr-te
Ao clarão da torva luz....
Quero vêr-te entre os vallados,
Onde alvejam ossos nus.

E's o archanjo! Evoca as cinzas,
Da trombeta o brado espalha!
Faz que além cadaver se êrga
Tincta em sangue inda a mortalha.

Surge um poeta; acaso vês-lhe
Sobre a fronte algum laurel?
Em vez do fogo dos olhos,
Vês de vermes negro annel!

Podes, anjo, um ar de vida
Nos seus labios bafejar?
Dá-lhe um alento!... elle que diga:
«Se ha na campa o repousar!

«Se dos labios d'um perverso
«Atravez irá da lousa
«Inda o fel da injuria infame
«Perturbar quem lá repousa.

«Ou se o infame a horas mortas,
«Do remorso é arrastado
«Junto á campa, e pede ao morto,
«O perdão de o ter matado!»

....
....

Não despertes

Viens-tu devoiler l'avenir
Au cœur fatigué que l'implore?
Rayon divin, es-tu l'aurore
Du jour qui ne doit pas finir ?

DE LAMARTINE.

Não vives triste ? não sentes
Cálida sêde d'amor ?
Não dás os vôos vehementes
Das aspirações ferventes
Por outro mundo melhor ?

Como vives ? no que pensas ?
O teu destino qual é ?
Por ventura, inda tens crenças
Sanctas, intimas, intensas
Quaes te deu no berço a fé ?

Tão sósinha!... se és ditosa,
Oh ! que bens deves a Deus !
Não saber o mal profundo,
Que se passa n'este mundo,
É na terra achar os ceus.

Se soubesses, virgem, crê-me...
As angustias que lá vão,
A paz, que tens, não terias;
No banquete d'agonias
Fôra-te dado um quinhão.

E, depois... que outro remedio
Se não a taça esgotar!
Das paixões, primeiro, o assedio,
E, depois, da vida o tedio,
E, por fim... DEUS renegar!...

Ha quem diga que a virtude
Póde sem mancha viver...
É mentira! Eu nunca pude,
Por mais que este mundo estude,
Combinar *honra* e *prazer*.

O *prazer* exprime agora
A *deshonra* d'outros dias:
Uma nobre acção outr'ora
Era sempre a precursora
De singelas alegrias.

Hoje, não! Chama-se goso
«Vida fertil de emoções»:
—Quem na paz busca repouso,
Diz o mundo, é desditoso...
Só ha vida nas paixões!—

E as paixões, anjo do ermo,
São do crime o ouropel;
São do espirito enfermo,
Quando o estrago chega ao termo,
Dourado calix de fel.

Essa palavra maldita
Todo o prestigio perdeu,
Quando, despida de encanto,
Se tornou idolo sancto
Do corrupto e do atheu.

Embalde tenta a poesia
Dar-lhe um matiz ideal.
Da fogosa phantasia
Os *nadas* d'alta valia,
Vão-se na vida real.

Bello foi, mas não é hoje,
O suave e brando amor;
Quanto mais a alma se arroje,
Nas paixões, tanto mais foge
A's leis d'um sancto pudor.

Flôr, escondida entre flôres,
Nova aurora do meu ceu!
Não queiras outros amores.
Pois bem vês do mundo as dôres,
Atravez d'um facil veu.

Não queiras tu vêl-o erguido,
Não, não manches tua mão ..
Que, se o vês... verás perdido
Esse thesouro escondido
Que tens no teu coração.

Vi-te...! e queira o ceu piedoso
Que eu não torne a vêr-te aqui!
Pódes tu, astro formoso,
Ser, no ceu, penhor d'um goso,
Que eu gosei, scismando em ti?

Paixão unica

Aquella em cuja vida já vivi.
CAMÕES.

Quem me déra poder vêr-te!
Ai! quem me déra dizer-te,
Que pude amar-te, e perder-te,
Mas olvidar-te... isso não!
Que no ardor d'outros amores,
Atravez mil dissabores,
Senti vivas sempre as dores
D'uma remota paixão.

Com que dorida saudade
Penso n'essa mocidade,
N'essa vaga anciedade,
Que soubeste comprehender.
E tu só, só tu soubeste,
Que, n'um mundo, como este,
Qual florinha em penha agreste,
Póde a flôr d'alma morrer.

Orvalhaste-a, quando ainda,
Ao nascer, singela e linda,
Respirava a esp'rança infinda,
Que comsigo a infancia tem.
Amparaste-a, quando o norte
Das paixões, soprando forte,
Lhe quiz dar rapida morte
Como á candida cecem!

E, depois, nuvem escura
Lá no ceu d'esta ventura
Enluctou-me a aurora pura
De meus annos infantis.
Houve n'esta vida um espaço,
Onde nunca dei um passo,
Em que não deixasse um traço
De paixões torpes e vis!

E não tenho outra memoria
Que me inspire altiva gloria,
Nem outro nome na historia
De meus delirios fataes.

Se percorro a longa escala
De paixões que a honra cala,
Quem d'um nobre amor me falla
És só tu... e ninguem mais!...

És só tu! De resto, apenas
N'estas variadas scenas
De illusões, e inglorias penas,
Nada sinto o que perdi!...
Sinto bem esse desdouro,
Que comprei com falso ouro,
Em despreso d'um thesouro,
Que só pude achar em ti!

Febre

FRAGMENTO DO LIVRO DE * * *

III

Oh! revenez encore, mes douces visions,
Rêves de mon bonheur, saintes émotions,
Passez encore, passez toujours devant mes yeux,
Comme à l'ange exilé les visions des cieux!

JULES T.

Nuvem, que passas ligeira
Além, nas orlas do ceu,
Serás tu a mensageira
D'uma virgem, que morreu?

Virás tu do paraiso,
Encantada n'um sorriso,
Qual te vi nos sonhos meus?
Vens ao martyr dos tormentos
Trazer-lhe sanctos alentos
Em nome d'ELLA e de DEUS?

Pára! vê que n'éste rosto
Fogo d'alma não transluz!...
Olha o profundo desgosto
Que me verga á minha cruz!
Soffro muito!... ninguem pensa
A dôr que estala de intensa
Este coração, que foi
Nas paixões sempre delirio,
Na recompensa martyrio
E no martyrio um heroe!...

Soffro muito! E nenhum laço
Me tem hoje ao mundo preso;
Os que tive eu despedaço
Quando eu proprio me despreso!
Soffro muito, e ninguem sabe
Quanto fel aqui me cabe
Nos seios do coração!
Soffro, calado, maldito
Como Ashaverus proscripto,
Por infinda maldição!

IV

Fizeram-me infeliz! Nasci sem culpas,
Um berço tambem tive d'innocencia,
Fallei com labios puros, senti n'alma,
    Candidezas dos ceus.
Fizeram-me infeliz! Entrei no mundo
Com este coração rico de alentos,
Abrazado no amor, ardente em crenças
    Vehementes em Deus!

Fizeram-me infeliz! Vêde-me apenas
No começo da vida, e tenho a face
Myrrada pela dôr, e a luz dos olhos
    Vasquejante a morrer!
Se apalpo o coração, não acho vida,
Nem lagrimas ao menos que me prestem
Na hora do trespasse inda o desejo
    D'um dia mais viver!

Foi a Filha do ceu, a Providencia,
Que ao *nada* quiz descer do throno augusto,
Do *nada* me tirou, e as portas amplas
    Do mundo abrir-me quiz.
Maldigo a Providen... perdão, oh Christo!
Os homens, sim, maldigo-os... foram elles
Que em paga d'illusões que me mataram,
    Fizeram-me infeliz!

V

. . . .

Ao nada!—grita-me um brado
Que a consciencia me dá:
Ao nada!—diz-me o cadaver,
Que n'aquella campa está!

Desgraçado! eu nada tenho!
Quero crêr... não tenho fé!
Erguei-vos, mortos, dizei-me:
«*Eternidade*... o que é?»
. . . .

VI

Reprobo, blasfemei, por que este inferno,
Que me abraza por dentro, é em meus labios
Um sinistro clarão!
O impio é desgraçado; e quantas vezes
A livida desgraça faz o impio
Sem fé, sem contricção?

Eu contricto, prostrado, hei-de ter lagrimas
Nas torvas horas do morrer afflicto
Contorcido na dôr!
Choral-as-hei então... Talvez que o *crime*,
Assim chamado aqui, sejam *virtudes*
No ceu, ante o SENHOR!
. . . .

No album de ***

Chama-te o mundo poeta...
Não sabe o mundo o que diz...
O teu nome é outro, amigo,
Devem chamar-te infeliz.

Porque o és, porque tens sonhos
Que são mentiras aqui,
Porque aspiras e vês mortas
As aspirações em ti.

Por que sentes sacro fogo
Escaldar-te o pensamento,
Por que te batem na fronte
As pulsações do talento.

Porque vês um grande mundo
Pelo prisma da poesia,
Porque vês em cada homem
Um algoz da phantasia.

Porque sonhas bellos anjos
E no mundo vêl-os queres;
E, se acordas, só deparas
Como eu, sempre mulheres.

És feliz? não és por certo...
És poeta? Oxalá não!
Ser poeta é ter na fronte
Um signal de maldição.

Vivia!

Lembra-te tu, que só de ti esperava
Remedio aos males meus, e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.
CAMÕES.

Ao lêr, querida, teus versos
Tive orgulho e fui feliz!
Senti muito... quiz contar-t'o,
Mas não posso revelar-t'o
Como o coração m'o diz.

Tens talento, sentes muito,
Comprehendes quanto queres...
És distincta quando fallas,
Quando sentes, quando callas,
Quando és anjo entre mulheres.

Tens desprezo pelo mundo?...
Ah! não tens... não podes ter...
Corações taes como o teu,
Podem, sim, prender-se ao ceu,
Mas tem fogo até morrer.

Existencias ha na terra,
Que ninguem comprehendeu ;
Ha mysterios escondidos,
Ha segredos não sabidos,
Oh!... se os ha... que os sinto eu..

Adivinhas, por ventura,
Se no mundo existe alguem,
Que não falla, e só comprime
A paixão, que nem exprime
Pelo amor que em si contem ?

Adivinhas se é poeta
Que te adora e não te vê...
Que se impõe cruel preceito
De sentir morrer-lhe o peito,
Antes que um suspiro dê ?

Adivinhas se nos sonhos
D'esse escravo, que te adora,
Vem fugir-lhe de passagem,
O clarão da tua imagem,
Como á flor lhe fulge a aurora ?

Tu sorris!... Eu adivinho
Que sorris dos pobres versos,
Onde não achas bellesa,
Mas só vês de quem te presa
Vagos sons d'alma dispersos.

Tu sorris!... talvez sentisses
Uma outra inspiração,
Se pensasses que ha mysterios,
Que não dizem cemiterios,
Nem mudas campas no chão.

Chorarás?... talvez!... quem sabe
O que tu sentes por mim?
Compaixão, ou desconceito,
Indifferença, ou um despeito,
Tudo sentes, não é assim?

Podes ser gêlo na alma,
Podes não ter coração;
Mas privar que eu por ti sinta
Affeição, já mais extincta,
Tu... poder... não podes, não!...

Vi-te!... e a causa?... ha um destino,
Em que eu creio, e não m'o diz!...
A razão porque te amei,
Essa, sim, sou eu que a sei...
—E' por ser muito infeliz!

Ha paixões, anjo do ceu,
Que, embaladas na ventura,
Nem o mundo as envenena,
Nem a critica as condemna,
Nem lhes cava a sepultura.

Mas eu, filho da desgraça,
Que amo só para soffrer,
Já prevejo o meu martyrio...
Muito amor, muito delirio,
Para em fim tudo perder!

Não irei a paz dos anjos
Em teu seio perturbar...
Dorme o teu somno de virgem,
Que eu, no ardor d'esta vertigem,
Não te irei lá despertar!

Dá-me um annel

Dá-me um annel; mas que seja
Como o annel em que cingida
Tem gemido a minha vida.
Dá-me um annel; mas de ferro,
Negro, bem negro, da côr
D'esta minha acerba dôr,
D'este meu negro desterro!

Dá-me um annel; mas de ferro...
Sempre comigo hei-de têl-o;
Ha-de ser o negro élo,
Que me prenda á sepultura.
Quero-o negro... seja o estigma,
Que decifre o escuro enigma
D'uma grande desventura.

Dá-me um annel; mas de ferro,
Que resista mais que os ossos
D'um cadaver aos destroços
Do roaz verme do pó.
Entre as cinzas alvacentas,
Como espolio das tormentas,
Appareça o ferro só.

E o teu nome, impresso n'elle,
Fallará d'um grande amor,
Nutrido, em ancias de dôr,
Pelo fel da sociedade...
Que teu nome n'elle escripto,
N'esse padrão infinito,
Vá comigo á Eternidade.

N'um album

Donzella! não queiras versos
De quem lagrimas só tem.
Uma flôr, junta ao cipreste,
E' triste, não fica bem.

O teu album quer sorrisos,
Quer esp'ranças, quer amor;
A candura não concebe
Uma lagrima de dôr.

Se eu te désse, anjo, os meus versos,
Que importava dar-t'os eu?
D'este inferno a linguagem
Não se entende no teu ceu!

Folga, e ri, ave cantora
Em teus hymnos matinaes;
Foge aos sons do campanario,
Foge ás nenias funeraes.

Uma tarja côr da morte
N'esta pagina verias...
Para que? de que te serve
Uma historia d'agonias?!

O orphão

Mais qu'importe un soupir? Sans l'entendre, la foule
.... à flots bruyants s'ecoule......
Moi seule je demeure, et consacre tout bas
Les sons d'un luth obscur à cet obscur trépas.

MADAME TASTU.

Vêde-lhe as faces palidas de fome,
E os olhos torvos d'um chorar sem fructo!
D'entre andrajos fétidos e palha,
Ergueu, ha pouco, os franzininhos membros,
E ei-lo, vindo a vós, medroso e timido
Uma esmola pedir por caridade.

Ao orphão desvalido, que humedece
De lagrimas o pão, que lh'esmolardes,
As costas não volteis.
Arrastado no mundo sobre espinhos,
Não vos pede caricias... só implora
Que a fome lhe mateis.

Quando o frio da noite lhe apavora
Das palpebras o somno, que é refugio,
Derradeiro, talvez, ao desgraçado...
O orphão, que não tem porvir ou esp'rança,
Transporta-se ao que foi, e a vaga imagem
Da mãe, que lhe sorri, dá-lhe um conforto.

Ledas recordações, se póde têl-as
Um filho, que perdeu meigos afagos...
E' o orphão feliz...
Recorda-se que uns labios lhe tocaram
Seus labios, não eivados pela fome,
Nas faxas infantis.

Ledas consolações em largas noites
São essas, que lhe presta a phantasia,
Liberta das algemas da miseria.
O orphão embalado por chimeras
Da mente a recordar gosos perdidos,
Dorme, e sonha depois mentidos sonhos.

No ceu desponta a luz... Desperta o triste,
Olha em torno de si... não vê um escaço
Bocadinho de pão!...

O filho da amargura, as mãos mirradas
Erguendo para Deus, pede-lhe a morte
Em férvida oração.

E' surda a Providencia... Eccos doridos
Do martyr da penuria não commovem
A compaixão do Eterno!... Elle, mendigo,
O orphão vae á porta do abastado,
Supplíca, e a chorar, espera... espera...
Do gélido cynismo um *não* tardio.

Exhausto de vigor, lasso de fome,
De lagrimas e supplicas cançado,
Não póde já rogar.
No portico de marmore d'um rico,
Sentára-se o infeliz, e o rico, ao vêl-o,
Mandára-o *caminhar*.

«*Caminha*, que é teu crime esse ferrête
«De mendigo, que tens na magra face,
«E nos trapos nojentos que te vestem...
«*Caminha*, que é vedado ao verme ascôso,
«De rojos pela esqualida miseria,
«Roçar-se vil nos pórfidos do rico.»

E o orphão caminhou... Rodavam seges,
Cruzavam-se librés faustosas, ricas
De nobre corrupção...
As faces salpicaram-lh'as de lama,
E á mão, que elle estendêra supplicante,
Foi cega a compaixão!

A' tarde, quando o sol dourava as orlas
Do magestoso ceu nos horisontes,
O orphão mendigava um gazalhado,
Um eido onde morrer!... A fome acerba
Minára-lhe as entranhas, lacerando-as
N'esse agro espicaçar d'intimas dôres.

Ouviram-o gemer a horas mortas,
E d'entre os labios, que sellára a fome,
Soltára uma expressão...
Não pedira comer, nem gota d'agua,
Nem vestes que a nùdez lhe agasalhassem...
Pedira a confissão.

No mesmo alvergue, ali, em pôdre esteira
Velava angustias, como elle, um velho
De faces cadavericas, sulcadas
Por fomes, e trabalhos, e tristezas,
Que não sabem chorar, os que vão indo
Do berço á sepultura em chão de flôres.

Erguêra-se o ancião, e junto do orphão
Soluçante joelhou, e com seus braços
O corpo lhe cingiu...
«Pediste a confissão—diz-lhe o mendigo—
«Aqui vim p'ra te ouvir... n'esta hora extrema,
Irmão, JESUS te ouviu...

....
....

Que culpas confessára o agonisante
Não disse o confessor... Diz que em seus braços
Expirára de fome um desgraçado,
Quaes outros que, vergados á penuria,
Salvára muitas vezes n'um mosteiro,
Onde, antes de mendigo, fôra monge.

....

A viuva

La sainte vérité, qui m'échauffe et m'inspire,
Ecarte et foule aux pieds les voiles imposteurs:
Ma muse de nos maux fletrirá les auteurs,
Dussé-je voir briser ma lyre
Par le glaive insolent de nos libérateurs.

C. DELAVIGNE.

I

A donzella, gentil de seus encantos,
Em casa de seus paes, farta, mimosa,
Vivera virgem casta d'innocencia.
Anhelante de crenças, vê delicias
Nos quadros, que lhe alindam aureos sonhos
Embalados por mão da virgindade.

Melindrosa, córava quando ouvia
Estranhos galanteios, que não eram
As frazes de seu pae, não perfumadas
D'um ether seductor, que a perturbava.
Quizera ella, outra vez não mais ouvil-as;
E n'esse esforço vão luctava, e debil,
Deixava-se prender nos laços meigos
Das caricias d'amor, ebrio d'incensos.

Amou. Viva paixão ella inspirara
Em mancebo formoso de virtudes,
De genio, de feições, d'altos alentos.
Foi d'elle ante o altar. Ali, tão linda,
Curvada aos pés da cruz, arfa-lhe o seio,
As faces virginaes são côr dos labios,
E a mão, que aperta a mão feliz do esposo,
Estremece... porque?.................
.... Mysterios d'alma!...

II

Tão feliz, nos braços d'elle,
Aquella meiga consorte
Scismava tanto na vida
Tão longe estava da morte!...
Não lhe pungia a saudade
De singela mocidade
Nem dos carinhos da mãe...
Seu coração não podia
Tanto amor, tanta poesia,
Repartir por mais alguem.

As frescas rosas da face
Não lh'as murchára o tufão
Da tempestade que passa
E desfolha uma illusão.
Dera-lhe o ceu piedoso,
D'entre os seus anjos, o esposo
Para todo o seu viver!...
Só pedia a DEUS—na morte
Lhe coubesse a ella em sorte,
Primeiro que elle, morrer.

Que importava o laço augusto,
Que a cingira ante o altar
Ao mais leal dos maridos,
Que lhe não déra um pesar?
Desgraçada!... ella só tinha
Seu dominio de rainha
Sobre um nobre coração:
Mas, se o *alarma* das batalhas,
Rugir ao trom das metralhas,
Quem lhe respeita a paixão?

Seu marido... esse não póde
Que jurou bandeiras já:
Pela honra d'um partido
Em que *crê* á guerra irá.
Irá no campo onde a lucta
E' d'irmãos feroz disputa
Ser um cadaver, talvez...
Mas ceder aos prantos d'ella...
Trepidar ante a procella...
Isso não—que é portuguez.

Nem dos tenros dois filhinhos
Podem lagrimas valer:
Diz que o nobre amor da patria
Não permitte filhos ter.
Diz que a patria geme escrava,
E que o solo, onde ella crava
Da *liberdade* o pendão,
Deve ser honrosa lousa
Onde vá carpir-se a esposa,
Livre já da escravidão.

E partira. N'esse dia
De dorido e acerbo adeus,
Joelhara a mãe e os filhos
De mãos erguidas aos ceus.
Pelo pae mais carinhoso,
Pelo mais amado esposo
Choravam juntos da cruz:
Pranto de sangue chorava
A mãe, que os filhos mostrava
A' VIRGEM, mãe de JESUS.

III

Ao sopro fervente dos campos da morte
Lá marcham soldados heroes tantos mil!...
Accêsos se abrazam nos seios da patria
Os odios malditos da guerra civil!

Dos braços da esposa, que o susto apavora,
O pae de seus filhos a guerra usurpou;
Dos braços maternos a mão da desgraça
O filho, que extremo lhe resta, arrancou.

Intrigas perversas de *nobres* traidores
No sangue se nutrem da patria commum;
Que mostrem nas faces o sangue que vertem
Os grandes, que os odios inflamam?—nenhum!

Quem pende a cabeça no chão mutilada,
Quem sente no peito uma bala a ferver,
—E' esse que a *lei* roja em nome da patria,
Qual rez no açougue da patria a morrer.

E' esse, que arbitrio não teve—o *soldado*—
Se a voz prepotente d'um grande bradou!
E' esse que um *soldo* escravisa a caprichos,
E em nome da patria bastarda expirou.

Ao sopro fervente dos campos da morte
Lá marcham soldados heroes tantos mil...
Accêsos se abrazam nos seios da patria
Os odios malditos da guerra civil.

IV

Desfraldam-se estandartes salpicados
De sangue fratricida!
No campo frente a frente, pavorosos,
Dois bandos vão travar, vertiginosos,
Questão de morte ou vida!

D'um lado é portuguez quem brande a espada
Em nome do seu REI.
Ali, não vêdes só rojar-se o escravo
Aos pés de seu senhor... vêdes um bravo
Que morre pela LEI.

Tambem é portuguez quem vibra o ferro,
A' voz de LIBERDADE!
Mentidas illusões, mentida palma,
Freneticas paixões lhe accendem n'alma
Baldada heroicidade!...

Cruzam-se as balas... estridor confuso
Retumba o arraial...
Fremente escarva o andaluz irado
O fosso onde seu dono ensanguentado
O ai soltou final!

Além, n'aquelle cerro, o peito aperta,
Nas contorsões da dôr,
Um mancebo gentil, que vê, na morte,
Myrrados labios d'infeliz consorte
Dar-lhe um beijo d'amor...

No collo d'ella, dois filhinhos caros
Banhados de chorar...
Dois orphãos desvalidos, miserandos,
Que irão pedir esmola a um dos bandos
Que um dia triumphar.

Mil turbidos fantasmas lhe revoltam
A mente allucinada...
Em seus labios febrís um nome esvoaça,
Um beijo... extremo adeus do que trespassa,
A' esposa angustiada!...

Lá tem na fronte a c'rôa do guerreiro...
—E' do sangue d'irmãos!—

E a fronte vacillou!... já sente o forte
Geladas bagas do suor da morte
Nas já convulsas mãos.

E as mãos convulsas levantando a CHRISTO,
Em segredo rezou...
—Legara os filhos seus á Providencia?
—Pedíra para a esposa a Deus clemencia?
Quem sabe?... Elle expirou!

V

Orgulhosos castellos ostentam
As bandeiras do seu vencedor:
Borrifadas as faces de sangue
Vem na paz pedir premio ao valor.

Foram fartos os premios que deram
As mãos largas de quem triumphou...
E dos mortos que os vermes roeram...
Eram mortos...—ninguem se lembrou!

Vão nos campos heroicos da guerra,
Onde jazem as cinzas do heroe,
Vão seus filhos ás urzes da terra
Perguntar—o seu leito onde foi?!

Nem um pobre vestigio de lousa,
Nem nas trevas do olvido uma luz,
Nem legenda que diga—*repousa*
Um christão ao sopé d'esta cruz!

Ai dos vivos, que os mortos não erguem
Mais a fronte que a espada rasgou;
Nem infamias de vivos perseguem
Quem na morte heroismos legou!

Ai da esposa, dos filhos, que vagam
Dando um nome, que grande já foi...
Mas que importa, se insultos lhes pagam
Do soldado as façanhas de heroi!

VI

Depois de anoitecer, envergonhada,
Vos pede a parca esmola a mãe d'uns filhos,
Que perderam seu pae.
Erguei-lhe o véo de dó... vêde-lhe o rosto
Lacerado da fome, e o pranto amargo
Que nas faces lhe cae!

Viuva... sem recursos... sem parentes,
Um amparo, que tinha... o seu marido,
Nas batalhas morreu!...
Passageiro, que vaes, não tens que dar-lhe,
Não tens um só ceitil?... mas dê-lhe a esmola
Essa mão que venceu.

Vós, grandes, que subistes á grandeza,
Por cima do cadaver do soldado,
Vergae á compaixão!
As migalhas da mesa, os vossos restos,
Lançae-os a dois orphãos que mendigam
Da fome o negro pão...

Manhã... morta, talvez, a mãe que os chora,
Ingratos, que fareis dos pobres filhos
D'um nobre militar! ?
Deixal-os-heis passar, lividos, rotos,
Descrentes, sem pudor, mortos d'esp'rança
No roubo o pão buscar?

Irão, irão, que a mãe na sepultura
Esquecida por vós, martyr d'affrontas,
Seus filhos não verá...
No tribunal de DEUS... sois *vós* e *ella*...
Mas as contas que encerram crime e infamia,
Quem é que as saldará?!

Se podesses

Esta imaginação só me accrescenta
Mil magoas no sentido. ....

CAMÕES

Eu não sei se affectos podem
Galvanisar quem morreu!
Tu, mulher, tão carinhosa,
Como a esperança presa ao ceu,
Queres, á luz da evidencia,
Levar a tua experiencia
Sobre um cadaver? Sou eu!

Fita bem teus olhos negros
N'este sorrir, que me vês...
Se m'o dissipas dos labios
Resuscitas-me talvez!...
—Um epitafio na lousa
De coração, que repousa
N'este sorriso não lês?

Dentro em mim é tudo abysmo
Tudo gelo e escuridão!
Vem com a luz de teus olhos
Vêr o qué é meu coração...
Vês uma harpa gelada?
Já foi fogo!... se és fadada
Faz vibral-a á tua mão.

Tira-lhe um hymno chorado
Para ti ou para Deus;
Faz que a dôr, filha da terra,
Tenha um refugio nos ceus;
Que, depois, virgem chorosa,
D'esta harpa suspirosa
Todos os hymnos são teus.

Alta noite o pensamento
Ha-de accordal-o a poesia;
Se na terra inda estiveres
Dou-te um hymno d'alegria...
Se te vir brilhar no ceu,
Deixarás um mausoleu,
Chorarei lá noute e dia.

O canto do suicida

> Je meurs ! Avant le soir j'ai fini ma journée.
> A peine ouverte au jour, ma rose s'est fanée
>
> ANDRÉ CHÉNIER.

Anjo, silencio!... não chores...
Amei-te muito... que importa?
Vem beijar-me a face morta,
Ouvirás sons do teu nome.

Quando a luz da vida escassa
N'estes olhos já não brilhe,
Não chores, anjo, não chores...
Foi um destino... cedi-lhe.

Escuta o hymno, que extremo
Sinto aqui no coração...
Ouves gemer a paixão
N'este adeus ao mundo ingrato?

Lucto... mal sabes que lucta
Sinto aqui dentro ferver...
N'esta idade em que me mato
Oh! tanto custa morrer!

Sempre a desgraça!... delicias
Nem uma tive em partilha...
Vi-te, tarde, oh casta filha
De meus sonhos delirantes...

Olha... eu devo ter dos homens
Uma lousa... pobre sim...
Se m'a derem... vae de luto
Uma vez chorar por mim.

Uma só... não te crimino,
Se depois o esquecimento
Fôr, no pobre monumento,
O epitafio que tive...

Mulher, amada na morte,
Levo saudades de ti...
Extrema crença d'um vivo
Eras tu... não te perdi!...

Se tivesse est'alma um vôo,
Fôras comigo... irias
D'este eculeo d'agonias
Onde vivi, e viveste!...

Estas corôas borrifadas
Do sangue do coração,
Despe-as a fronte pendida...
Deu-m'as o mundo... ahi estão!

Venha o mundo, e d'este sangue
Que innunda a face ao precíto...
Escreva, cuspa na campa,
Esta legenda — É MALDITO!

Anjo! silencio! não chores
Amei-te muito... que importa?
Vem beijar-me a face morta,
Ouvirás sons do teu nome!

Á ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. Anna Delfina de Andrade

ABBADESSA RE-ELEITA

IMPROVISO

No mosteiro de S. Bento da Ave Maria da cidade do Porto,
em outubro de 1850

Entre os vates, que vieram,
E lindos versos fizeram
Sou humilde trovador.
Eu fiz canções de tristeza,
Cedi á dôr que me pêza,
Fallando em magoas d'amor.

Raras vezes a alegria
Me sorriu na poesia
Sempre hervada d'agro fél...
Raras vezes, que a desdita,
Se ledos versos excita,
São d'um sorriso cruel.

Mas não venho aqui contar-vos
Scenas, que não podem dar-vos
Um momento de prazer:
Venho buscar um ensejo
De contar-vos um desejo,
Que no peito sinto arder.

É um desejo sagrado,
Dito em verso não dourado,
Mas singello e franco sim:
É uma santa vontade,
Que não perde a magestade
Por ser sentida por mim.

Eu me prostro á clausura,
Onde vive a formosura
Em seu candor virginal:
Sinto amor, mas não da terra;
É sentimento que encerra
Vago celeste ideal.

Não tem voz a natureza,
Quando este amor de pureza
É todo filho do ceu.
É paixão que não insulta
O rubor na face occulta
Debaixo do casto veu...

Escutai a voz profana
Do que ousa erguel-a ufana
A's Esposas do SENHOR.

Quereis saber que deseja
Esta alma, que rasteja
Entre os espinhos da dôr?

É que a vossa idolatrada,
Augusta, e nobre Prelada,
Tantos annos viva ahi,
Quantos anjos hão de um dia,
Com seus hymnos de alegria,
Voar com ella d'aqui!

Meditação

Se amor determinasse
Que a troco d'esta vida,
De mim qualquer memoria
Ficasse como historia
Que de uns formosos olhos fosse lida,
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.
....

CAMÕES.

Quando, sósinho, me escondo
Para pensar e soffrer;
Quando minhas mágoas sondo
Como quem sonda um prazer;
Vejo-te, oh sombra adorada,
Ouço-te, oh aura encantada,
Sinto-te, oh mystica fada...
E... feliz não posso ser!

Os meus sonhos são comtigo,
A velar comtigo estou;
Tua sombra vai comigo
A toda a parte que vou.
Não tenho um só pensamento
Que não seja um sentimento
D'esp'rançoso e grato alento...
E, ainda assim, feliz não sou!

Que será? Este perfume,
Que sinto no coração,
Este meu sonhado nume
É mentida aspiração?
Tantas ancias esvaídas,
Tantas esp'ranças delidas,
Tantas flores pendidas
Na mais formosa estação!

Triste destino é o nosso!
E, se o não é, sou eu só,
Que n'este mundo não posso
Erguer a face do pó!
Ha tantos annos que vivo
D'uma chimera captivo,
E, n'este anhelo excessivo,
De mim proprio tenho dó!

Amor! tem sido o constante
Impulso do meu viver!
Aprendi na dôr do Dante
A sempre amar e soffrer!

Tive um prisma mentiroso,
Tudo o que vi, radioso
De celeste e infindo goso,
Inda hoje eu torno a vêr!

Sempre um anjo deslumbrante,
Sempre um futuro feliz!
Sempre a mulher anhelante
Das paixões de Beatriz!
Sempre os vultos grandiosos
Dos pinceis prodigiosos,
Que, em seus fastos dolorosos,
A historia hoje nos diz.

Camões julguei-o divino,
Chorei que fosse um mortal;
Mas não foi d'ouvir-lhe o hymno
Que cantou a Portugal.
E' que o vi, farto de dores,
Varado o seio d'amores,
Terminar seus dissabores
Nas palhas d'um hospital!

Amou muito! E' vasta gloria
Este martyrio, e não mais!
Que me importa a mim a historia,
Que engrandece os canibaes!
Detesto a gloria dos nossos,
N'esse padrão de destroços
Amassado sobre os ossos
Dos irmãos orientaes!

E' no amor que estudo o poeta;
Quero vêl-o nas paixões,
Quando tem no peito a setta
Ervada de ingratidões...
Que levante a augusta fronte
Por cima d'este horisonte,
E que a sociedade o aponte
Como um Deus nas afflicções!

*

E bem longe vai já que eu fiz um voto
De perpetuo martyrio, e sei cumpril-o!
Eu nunca procurei á dôr asylo,
Nem alivios busquei!
Se existe em mim virtude, a minha é esta:
—Soffrer, sem me queixar—nem queixarei!

Por ti, luz que me cégas e me abrazas,
E' ventura soffrer mil dissabores:
Eu tenho um coração maior que as dores,
Foi dadiva dos ceus!
Corta mais fundo pelos seios d'alma,
Verás grato sorrir nos labios meus.

Adorar-te, beijar os teus vestigios
Seria um crime, se eu não fosse um homem!
Sou fraco, e ás paixões que me consomem
Resisto inda de pé;
Nenhum homem vacilla, contra as dôres,
Se encara o ceu do pedestal da fé.

A fé desceu-m'a um anjo d'entre os anjos
N'um momento d'incriveis agonias,
Mostrou-me no final de breves dias
Outra vida a viver.
Embora! quero a dôr!... em quanto vives...
Eu não quero morrer!

O que é um baile

(29 DE MAIO DE 1853)

Adieu... mon ami...
....
Souviens-toi
De moi...

MILLEVOYE.

O que e um baile? é um prado
Onde avultam poucas flores,
E essas poucas tem espinhos,
E esses espinhos são dores.

O que é um baile? é um riso
Precursor de amargo pranto;
E' illusão, que nos mente
Pelo prisma d'um encanto.

Esse encanto é sonho, é estrella;
Mas é sonho improvisado;
Mas é estrella, que só brilha
D'um fulgor imaginado.

E, por tanto, amigo Augusto,
Não te deixes fascinar...
Cautella!... astros são fogo,
E o fogo póde abrazar!

Marcos da vida

3 DE JULHO

Uma nuvem pavorosa
Envolve o sol d'este dia...
Succede ao riso do goso
O gemido da agonia;
Mudam-se as galas em lucto
Em amargura a alegria.

4 DE JULHO

E de novo o bello astro
No horisonte surgiu...
A tristonha nuvem d'hontem
Espavorida fugiu...
Veste galas a tristeza
A desventura sorriu.

Mas graças, oh senhor! que a desventura
Se é lei perpetua n'este exilio nosso,
Nem sempre dura.
O mal de nós é filho—o bem é vosso.

Ao cysne do Vouga

(FRANCISCO JOAQUIM BINGRE)

. . . .
Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá.....
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

CAMÕES.

I

Gemeu-te a lyra luctuosa e triste
Entre os dedos mirrados!
Que doridas canções tu não carpiste!
Que profundo soffrer, bardo, exprimiste
Nos carmes pranteados!...

Vagavas solitario pelo mundo
Da acesa phantasia;
Na terra o teu gemer era infecundo,
Sem dó, sem compaixão, e tão profundo
O coração gemia!

Sobre o leito da dôr o corpo lasso
Morria-te, ancião!
Faltava-te do amigo o terno abraço,
Minguava-te da vida o pobre e escaço
Bocadinho de pão!

Tu que tinhas aqui alma abrazada
Por fogo juvenil?!
Decrepito na vida extenuada,
Que importavam canções, se a mão mirrada
Não pedia um ceitil?!

No leito do trespasse onde gemias
Abandonado e só,
Conversavas co'a morte, e lhe pedias
Mudasse a amarga taça d'agonias
Em urna do teu pó.

Pedias o morrer, que o desconforto
Na velhice é cruel...
Não ouviras gemer na campa o morto,
E o tumulo sorrira-te qual porto
Ao perdido baixel.

Das miserias da terra a mente erguias,
Ao throno de JESUS!
A ELLE, a ELLE só, teu peito abrias
Rasgado pelas roixas agonias
Da pobreza na cruz.

II

E os homens passavam de perto ao teu leito
Que cercam fantasmas de palida fome;
Passavam... mas, surdo, o martyrio em teu peito
Não vaza uma gota do fel que o consome.

Archanjos celestes, cantando os teus hymnos,
Se os homens os vissem saudar-te ao morrer,
Diriam—lá gemem os sons tão divinos
Do cysne expirante, que vamos perder!...

Iriam, cantor, de grinaldas cingir-te
A fronte onde brilha fatidica luz;
Despiras andrajos, que eu vejo cobrir-te,
Subiras um throno, desceras da cruz.

—Que a cruz do poeta que a fome ha vergado,
Se altivo ergue a fronte á suprema desgraça,
Tem corôa d'espinhos, injurias, e o lado
A lança d'ingratos sem dó lh'o trespassa!

III

A luz d'um raio divino
Te aqueceu no berço a fronte;
De lá viste immenso o orbe
D'esp'ranças sem horisonte!...
Atravez do falso prisma
Da phantasia que scisma
Em dourados sonhos vãos,
Quantas vezes venturoso
Ergueste ao ceu, fervoroso,
O pensamento e as mãos!

Poeta! diz como era lindo
Esse claro ceu d'amor,
Não toldado pelas nuvens
D'um desengano traidor!

Que é dos hymnos que entoaste,
Que é dos anjos que exalçaste
Nos teus estos infantis?
Não tens paginas saudosas
Onde vêrtas copiosas
Bagas de pranto, infeliz?!

Rasgaste-as, *Bingre*, essas folhas
Onde a mão da innocencia
Com letras d'ouro escrevera
Mais amor que sapiencia?
Já não tens esses primores
Onde eram fogo os amores,
Onde era amor o existir?
Não tens impressa na mente
Uma harmonia fervente
Das que inspirava um sorrir?

Dá-nos as paginas d'ouro
Que te não pertencem só:
A tua alma está n'ellas,
Que o teu cadaver é pó.
Imprime, *Bingre*, os teus versos
Onde transluzam dispersos
Os teus dias que lá vão:
Lega á patria, onde soffreste,
Quantas lagrimas verteste
Victimado á ingratidão.

Torva sombra d'um cypreste,
Enluctando a sepultura,
Não são honras funerarias
Nem é premio á desventura!
Camões não tem uma louza,
Bocage onde é que repousa!
Não tem *Filinto* um padrão!
Onde é que tu viste escripta
Legenda, que lembre *Quita,*
Ou memoria d'um *Garção?*

Cysne, que expiras, descanta,
Dá-nos a historia da morte;
Diz se a alma ao ceu voando
Vae feliz em seu transporte.
Diz se contrista a saudade
D'illusoria mocidade
Com seus encantos, e dôr...
Diz se as crenças renascentes
N'alma irão dos mais descrentes
Inspirar fé no Senhor!

IV

Eu li teus versos, e nos seios d'alma
Senti consolação;
Vi que o homem, pendido ao chão da morte,
Aguarda, sem pavor, o extreme corte,
E eleva até ao ceu, em seu transporte,
Fervorosa oração.

Irei, poeta, irei no teu sepulchro
Uma rosa desfolhar...
Na campa, onde o dormir em somno infindo
E' repouso final ao que, carpindo
Esta vida viveu, e alfim, sorrindo,
No ceu vai triumphar.

No beneficio de Francisco Joaquim Bingre

Não venho curvar-me ás potencias da terra;
Por tanto meus hymnos algum preço tem:
Lisonjas vendidas, que a honra desterra,
A mim não m'as peça no mundo ninguem.

Lisonjas vendidas despresa o talento!
Quem sabe o que vale, e no mundo o que é,
Despresa da gloria o prazer d'um momento,
Resiste á desgraça qual cedro de pé.

Quem sente no peito acendido esse lume,
Que os homens na terra chamaram poesia,
Nasceu p'ra sentir, quanto doe esse gume
Da negra indigencia, que o genio angustía.

Cantor da desgraça, melhor avalio
As mágoas alheias!... prazer... esse não.
Sei dar todo o preço ao pranto, que a fio
Goteja nas faces do poeta ancião.

D'aqui estou-o vendo prostrado nas palhas,
Curtindo em segredo paixões, que não diz;
Se o pão, que o sustenta, não fossem migalhas,
Talvez não podesse eu cantal-o feliz!...

Dizei-me que o BINGRE, n'um leito dourado,
Est'hora repousa, sonhando o prazer,
Vereis o meu canto depressa acabado,
Que eu versos á gloria não posso fazer.

Nas palhas, na fome, no triste abandono,
Ahi, sim! ha lances grandiosos, que eu sei!
Um throno d'espinhos... que importa? é um throno!
Um rei na indigencia... que importa? é um rei!

Rei no genio!... Eu não conheço
Mais altiva sob'rania!
Um sceptro lá tem um preço,
Um genio não se avalia.
Entrai na pobre morada
A cuja porta sentada
A indigencia encontrais.
Vêde a luz quasi sumida
N'essa fronte encanecida...
Dizei-me—qual brilha mais?...

—Um diadema borrifado
Pelo sangue precioso,
Ou esse brilho sagrado
Do talento desditoso?
Eu não sei... mas eu trocára
Mil trofeus, que conquistára
Por bem pobre galardão.
Eu quizera amarga vida,
Mas dizer com voz tremida:
«Eu sou BINGRE, e peço pão!»

Eu sou BINGRE! E este nome
Fôra tudo para mim!
Se a penuria me consome,
Milton já morreu assim!
Homero, o farol da Grecia,
O amador de Natercia,
Me legaram seu condão.
O mais nobre dos amantes,
Tasso, e o misero Cervantes,
Como eu, pediram pão!

E, depois, viesse ás palhas...
Se as tivesse, onde morrer...
A mais pobre das mortalhas
Meu cadaver envolver!
Que importava? O augusto alento
Que me déra o pensamento
Tornava ao seio de Deus!...
Crêde-o vós: não é mentira
O cantar que solta a lyra
Escutado só nos ceus.

As imagens do poeta,
Que na terra nada são,
São quaes vozes de profeta
Mais sublimes que a rasão.
BINGRE o cysne moribundo,
Ao sahir do ingrato mundo,
Já sauda um novo ser!...
E as imagens que elle traça
Sobre a tela da desgraça,
Póde alguem comprehender?

Não! a nós é dado apenas
Vêr no mundo o infeliz;
Adoçar-lhe as duras penas
Como o coração nos diz.
Ir-lhe junto do seu leito,
Onde a aspiração do peito
Quasi fria pulsará.
Erguer-lhe a fronte pendida
Soprar-lhe um sopro de vida
Onde a morte impera já.

Mas que seja respeitosa
Esta dadiva d'amor...
Do poeta é melindrosa
A alma, que punge a dôr.
Não penseis que dais a esmolla,
Que qualquer pobre consola
Quando a fome o angustía...
Fazeis nobre a vossa historia
Pois que o BINGRE é nossa gloria
Nos annaes da poesia!

No futuro, quando a lousa
Do poeta fôr mostrada,
Ninguem diga: «aqui repousa,
«Uma gloria despresada!
Antes digam: «sua morte
«Foi suave!... amiga sorte
«Deram-lh'a nossos avós!
«Qual gloria é mais honrosa,
«Geração nobre e briosa?»
E esta geração—sois vós!

Não tentes!

Déste-me impulso á existencia,
Déste-me vida... um momento...
Vi que eras pura: adorei-te
Com profundo sentimento.

Invoquei os bellos sonhos,
Filhos da casta poesia,
Sonhos que tive, e não tenho,
Na fecunda phantasia.

Invoquei-os, com orgulho
De poder inda ser teu;
De poder chamar-te minha
N'este exilio, ou lá no ceu.

Era muda a lyra d'alma,
Era morto o coração;
Sobre o escudo da desgraça
Resvalára a impressão.

Era tarde! A luz formosa
D'um amor cheio de fé,
Ao tocar o crepe negro,
Como as trevas, trevas é.

Foi da vida o tédio escuro
Que lançou com mão fatal
Este crepe, esta mortalha,
Sobre um cadaver moral.

Se tentasses, anjo, erguêl-o,
Se agitasses este pó,
Recuaras, mas sentiras...
Nausea não—tristeza e dó!

Mas não tentes! Ha mysterios
Que melhor é não saber...
E' mui fundo o oceano,
Tentar sondal-o... é morrer.

Consciencia

Toi, qui sondes mon cœur et qui vois ma faiblesse
Je te livre, Seigneur, mes maux et mes besoins.

DEVOILLE.

I

Eu, homem, que descrê mentidos brilhos
De auroras, que o porvir me luz nos sonhos,
Tristes carmes farei, onde os relevos
D'entranhada descrença e desalento
Excitem compaixão nos que inda esperam
Sorrisos entre lagrimas na terra.

II

Nas horas d'insondavel amargura,
Imagem de mulher, banhada em pranto,
Transluz d'entre o pavor das minhas trevas,
E suspenso me tem, horas que fogem,
Nos ceus da phantasia allucinada!...
Na solidão da dôr, quando me acurvo
Ao idolo da morte, e peço a campa,
Sentada vejo ali junto da lousa
Imagem de mulher banhada em pranto,
Abrindo-me em seus braços um refugio.

Eu choro então por ella, e em seus olhos
Libando o pranto amargo, que lhe tiro
Do coração que estala, eu sinto a ancia,
A ancia de viver, viver por ella...

III

Ha dias de terror, que me torturam!
Eu tenho-os quaes ninguem talvez os sinta;
E peço ao Redemptor que os não inflija
Em dura punição aos que me offendem!
São dias que me custam muitos annos,
Que a morte intempestiva me arrebata.
Eu vou buscar então nos labios pallidos
D'um anjo de martyrio, alentos santos,
Um bafejo de vida, e sinto alentos...
Alentos... para que?—não sei, mas sinto-os,
....

IV

Que vida hervada assim d'agros venenos!...
Que vida até morrer!... e tanto espinho
Do berço até á campa eu vou pisando!...
O homem, que a si proprio se contempla
E pasma ante o espectaculo medonho
Da sua vida incrivel de amarguras,
Tal homem tem direito á vossa pena:
Chorai-o, porque a dôr solveu-lhe os crimes
E o sangue que verteu dos seios d'alma
Lavou-lhe as nodoas da pendida fronte.

V

A dôr envelheceu-me! Eu vivo ha muito
Sem fé, sem illusões... — morreram estas,
E eu, qual sombra d'ellas hei passado
Em frente dos que invejam meu destino.
Eis-me velho ao nascer crenças de muitos!...
Se instantes vagos a paixão me agita
O coração gelado, a alma esteril,
Eu sou qual hastea de carvalho annoso,
Que verga ao furacão, e range e estala,
Ou, pelas auras brandas bafejada,
Não tem goso nem dôr... — vive, e não sente!

VI

Que é do teu fogo, coração que ardias
Em fogos de paixão, se te abrasavam
Os olhos de mulher, vista n'um sonho?
E os mundos meus tão magicos de crenças,
Quaes lucidas visões de accesa febre
Que é d'elles? — vi-os eu em poucos dias
Passar, fugir, no resvalar dos annos,
E com elles sumirem-se nas trevas
D'esse abysmo, chamado a consciencia!

VII

Amei já este ceu, amei-lhe os astros
Em consoladas noutes de tristeza
Suave ao coração. Na primavera
Pulava-me em verdor a vida alegre
Nos seios d'alma, qual no prado a rosa,
Que as azas do nordeste esfolham prestes

Lá nas selvas d'aldeia eu tinha o estro,
Não de trovas rimadas, mas de vagos
Cantares d'este amor, onde ressumam
Perfumes d'innocencia ingenua e crente.

Que amor eu tive ao sol que, á tarde, esplende
No rubido horisonte em ceu d'estio!

Sentado sobre as fragas da montanha,
Sósinho, d'aureas chimeras scismador,
Bemdisse a creação, vendo-me erguido
No throno, onde, immortal, me fôra dado
Um diadema augusto, o pensamento!

Senti espontaneos hymnos ressoarem
Cá dentro, onde ha mysterios nubelosos
Nos transparentes veos d'alma vibrado
Por magos dedos d'infantil poesia.

Poeta... eu sei que o fui!... Amei dos campos
A mais formosa flôr — a virgem rude
Que tem na tez morena a côr do pejo,
E nos queimados labios o sorriso
Da intima alegria... Eu despertava
Dos meus primeiros sonhos namorados,
N'aquelle madrugar tão bonançoso,
Com ella, ebrio d'amor, sempre na mente!...
A mão trigueira pelos soes d'agosto
Beijei-lh'a com fervor!—mudo ao pé d'ella
Nas encostas do val, entre arvoredos,
As tardes me fugiram como sonhos
Do que senha venturas instantaneas.

Ao vêr baixar o sol, senti descer-me
O veu de melancolica saudade
No ledo coração, puro de crimes.

VIII

Que vida eu tive então!... sempre saudoso
D'indifiniveis gosos, sempre triste,
Mas triste sem remorsos, nem terrores...
Que immensa aspiração me arfava o peito,
Que esp'ranças nevoentas no mysterio
Das illusões alvissimas d'um crente!...

Meu Deus! que ingratas dôres tive em troca
Da singeleza d'innocentes risos!
....

IX

Outra infancia não tive! Aqui cerrou-se
O meu sacrario d'illusões e affectos!
Depois entrei no mundo, e ás portas d'elle
Senti d'um anjo a mão rasgar-me a venda...
Que as paixões então senti-as,
Paixões vertidas n'alma em fogo, e essas
Mentiu-m'as esta fé nos dons astutos
Da tão linda *mulher,* que eu julguei *anjo.*

X

Eu não penei atado ao poste acerbo
De traições de mulher!... ferrete ignobil
Nenhuma inda o cuspiu na minha fronte...
Mas sinto o coração sem luz d'affectos!

Não sei que sopro d'infernal mysterio
Passou dentro d'est'alma, onde brilhara
D'immaculado amor vivido facho!
Cançaram-me desgostos lentos, agros,
Tristes desillusões, falsos enlevos
E esperanças delidas, descoradas,
E a *verdade,* em fim, a atroz *verdade,*
Positiva, fatal, inalteravel!

A crença, morta assim na madrugada
Do fugitivo dia das chimeras,
Não mais resurge d'entre os gêlos d'alma,
Depois, os annos vem um apoz outro,
Pallidos, assombrados como larvas,
Que desfilam sósinhas, taciturnas,
Nos aridos desertos d'esta vida,
Cujo oasis de paz é no sepulchro!

Invocação

Oui, Seigneur, nous chantons ta divine puissance!..
A toi retourne un jour notre esprit immortel!...

S. PORÁ.

Astro de luz que fulgiste
Nas trevas em que vivi...
Que tão cedo me fugiste
Como eu cedo te perdi...
Astro de luz, que fulgiste
Posso lembrar-me de ti?!

Um gemido suffocado
Nos seios do coração...
Um pensamento encontrado
Nas ruinas da paixão...
Um gemido suffocado
Poderá perder-te? Não!

Vem, imagem ondulante
D'esses mundos, que eu sonhei!
Vem, ó estrella radiante...
D'esses ceus, que imaginei!
Vem, imagem ondulante
Nunca mais te invocarei!

Piza a corôa de rainha,
Rasga a purpura real,
Que eu as algemas, que tinha,
Já estalei... sou teu egual!
Piza a corôa de rainha
N'este estrado sepulchral!

Eu te invoco ao descampado,
Onde teu nome escrevi
Sobre um tumulo calado
Como a dôr, que então senti...
Eu te invoco ao descampado
Onde «uma rosa» colhi.

Não recues espavorida
D'este padrão immortal...
E' a cruz, que vês erguida
Qual vigia sepulchral...

Não recues espavorida...
Ouve o meu canto final:

*

Escuta... O nosso passado
Foi acerbo d'amarguras...
Eu fui açoute vibrado
Pelo braço descarnado
Do demonio das torturas...
Fui á força o teu martyrio,
Fui a tua punição...
Deus te impoz justo tormento
E eu te fui duro instrumento
De cruel expiação!

Os teus dias são contados
E contados são os meus...
Eu... Deus sabe o meu destino...
Tu... soffreste, e ante o divino
Tribunal irás dos ceus...
Foste um anjo nos flagellos,
Vaes na gloria um anjo ser...
Tens um dia... anjo, ajoelha...
Vês o raio?... uma centelha
Vem p'ra ti!... Sabe morrer!

A harpa do sceptico

Enfer!...

DEVOILLE.

Poeta! que és tu na terra
Sem o amor, sem a fé?
Luctar, descrido, na guerra
Das paixões, que gloria é?!
Vôas n'um vasto deserto,
Rasgas o peito, e, aberto,
Mostras um bom coração...
Ninguem te crê na bondade,
Ninguem te quer a amisade,
Ninguem te affaga a paixão.

Alma! esforça-te um instante,
Quebra as algemas da dôr!
Dá-me um hymno agonisante
No teu extremo fulgor,
A este mundo, que deixas,
Não faças doridas queixas
De quem te fez succumbir...
Coragem! que a despedida
D'este tormento da vida
E' um *adeus* a sorrir!

A morte vejo-a de perto,
O sepulchro aberto está;
Além da campa o que é certo
Ninguem o diz, nem dirá.
E' cruel esta incerteza:
Mas eu morro na firmeza
De que tudo acaba ali!...
Já puz na campa o ouvido,
E ao cadaver corrompido
Nem um gemido lhe ouvi...

Tive crenças. A desgraça
Fez-me bradar por JESUS;
Pedi-lhe um raio de graça
Pelas chagas, pela cruz!
Não lhe pedi mil venturas,
Pedi-lhe menos torturas,
E mais amor... se era pae;
Assim pede o homem perdido,
Se por Deus não é ouvido,
Perde a fé, a crença, e cahe.

Cahe no frio scepticismo,
Deixa a alma á podridão;
Vem-lhe o escarneo do cynismo
Dar uma nova feição.
Selvagem da natureza,
Deixa-se ir na correnteza
Do appetite brutal...
Tem um riso acerbo e rude,
Ri do crime e da virtude,
Folga no bem e no mal.

Vereis que o homem descrido
Não excita a compaixão;
E' que suffoca o gemido
Nas furias do coração!
Não diz a angustia que o mata
Nem a face lh'a relata,
Porque lagrimas não tem...
Atheu, nega a divindade,
Nega ao homem a amisade,
A' mulher nega-a tambem.

Este homem, se impellido
Foi do tufão da desgraça,
Cahiu por terra abatido,
Na campa se despedaça;
Não teve braços d'amante
A suste-lo agonisante
No seu estrebuchar feroz;
Não teme as iras do Eterno
Despresa o mitho do inferno,
Crê no seu braço d'algoz!

Vivêra só n'este mundo,
Só, na campa, vae cahir;
O seu gemer moribundo
Ninguem lh'o ha-de carpir...
Nem um Christo allumiado
Pela tocha do finado
Terá no leito a morrer!...
Nas visões do paroxismo
Vê do *nada* o torvo abysmo
Sorver-lhe o impio viver!

Um cadaver insepulto
Ahi jaz do que morreu!
Deixae-o!—é a Deus um insulto
Dar sepultura ao atheu!
Deixae-o!—Ninguem o vele...
Que os corvos pairem sobre elle
Em voraz sofreguidão!
Não dobre funebre um sino!
Demonios! rugi-lhe um hymno
Ao morto sem contricção!

....
....

A Beneficencia

Recitada na noite do beneficio dos orphãos, victimas da febre amarella,
do asylo da freguezia de Santa Catharina
pela primeira actriz portugueza, a sr.ª Emilia das Neves e Sousa
na noite de 2 de maio de 1859

Memorias pungentes de acerbas angustias,
Minh'alma dorida vos chama, voltai!
Não póde esquecer-vos a esposa indigente,
O velho sem filhos, e a creança sem pai.

Durante esses dias de provas tremendas,
Funérea se via nas faces a dôr;
Nas faces de todos o pallido medo
Mostrava das almas o assombro, o terror.

Porém, quando a voz compassiva do Eterno
Mandára o terrivel flagello suster,
De novo transpira nas faces serenas
A paz, o descuido, o conforto, o prazer.

Em todas? ai! não!... que ha prantos eternos
E maguas que alivio do tempo não tem,
Saudades que o espinho da fome exacerba,
Desgraças occultas que não sonda alguem.

A hora do alivio, da paz, da bonança
Ah! quantos d'aquelles a esperam de vós!
De quantas moradas de occulta penuria,
De nós não sabida, se ergue uma voz!

Bem hajam, bem hajam as mãos dadivosas
Que vertem seu balsamo em tanta afflicção!
A par do espectac'lo d'um grande infortunio,
Ha d'estes que mostram haver coração!

Que venham de fóra as nações orgulhosas,
Soberbas d'um brilho fallaz e impostor,
Vêr com que heroismo a nação quebrantada
Acode a seus filhos nas ancias da dôr.

Nas crises, que trazem co'a morte a miseria,
Quão fartas ao pobre se estendem as mãos!
Aqui, n'estes lances, se ostenta sublime
O genio de um povo d'amigos e irmãos.

O cunho indelevel d'um povo polido
Parece que os anjos lh'o imprimem dos ceus;
Consiste nos dotes das almas piedosas...
Que fazem da esmola um preceito de Deus.

Lá fóra, nas terras, que ostentam, vaidosas,
Grandezas e pompas que não temos cá,
As parcas migalhas, lançadas ao pobre,
Não sahem da alma, o orgulho é que as dá.

Trocaram a antiga palavra do Christo,
Palavra do ceu, toda amor, e egualdade,
Por outra, que importa bem pouco que a digam...
Aos nossos ouvidos não diz—Caridade!

Nós, outra não temos que mais nos exprima
Os rasgos sublimes que vimos então
N'aquelles medonhos conflictos, que ainda
Recordam proesas de esforço e de acção.

Do throno descêra o monarcha prestante
A morte affrontando... que exemplo de reis!
Lá onde mais torvo devasta o flagello
Ahi mais intrepido e sereno o vereis.

As mãos supplicantes de tanto indigente
Encontram aberta e fecunda essa mão,
Que cobre a nudez miseranda do orphão
E os prantos enchuga da extrema afflicção.

Que exemplo! E a um tempo de todas as almas
Renasces, ó santa, efficaz Caridade!
E ainda em teus seios abunda este nectar
Que nutre a viuva e a triste orphandade!

A voz, que vos chama ao concurso da esmola,
Encontra-vos sempre! As bençãos dos ceus
Vos cubram de bens, quando as preces do pobre
Convertem a esmola em incensos p'ra Deus.

Que nunca se escutem na terra onde ha tantos
Exemplos d'amor á desgraça... ai! que não
Se escutem gemidos da dôr desvalida...
Sem que lhes mitigue o soffrer vossa mão.

Eu sei os segredos da dôr n'esta vida,
E sei como o pranto da fome se adoça,
Por isso pedi para aquelles que choram,
Pedi, fui feliz; mas a gloria é só vossa.

PRECEITOS DA CONSCIENCIA

Nous vivons du mensonge, et le fruit de nos veilles
N'est que l'art d'amuser par de fausses merveilles;
Mais à des faits divins mon écrit consacré,
Par ces vains ornements serait déshonoré.

RACINE.

Amai a Deus

> O' homem! reconhece a tua dignidade, e não te aviltes por um comportamento, indigno da tua grandeza.
>
> S. JOÃO CHRYSOSTOMO.

I

Tive um sonho, ha muitos annos,
E muitos annos sonhei,
Creação d'um genio ardente,
Que perdi quando... não sei.
Tive aqui n'alma escondida
Essa imagem toda a vida,
Essa luz desconhecida,
Esse segredo, só meu!
Bem segredo! eu não podia
Dizer quanto cá sentia
De perfume, e de magia,
De paixão, de... que sei eu!

Mas entrei no mundo, e os homens
No meu sonho consultei,
Riram-me a crença, e de certo
Tinham rasão... que hoje o sei...
Inda assim, antes quizera
Viver da minha chimera,
Pois mata-la a quem espera
Bem cruel devéras é!
Se na fé resta um remanço,
Em que a alma acha descanço,
Onde está o bem que alcanço
Em dizer—*mente-te a fé?*

Não descri de todo ainda,
Porque em fim sempre cuidei,
Que do ceu descesse um facho
Dar-me luz ao que sonhei!
Se no espaço errante estrella
Vi fulgir de luz tão bella,
Innocente... eu via n'ella
O meu astro salvador!
Não pensei eu que devia
Essa estrella, que descia,
Vir mostrar-me á terra, um dia,
A mulher do meu amor?

Comecei de achar no mundo
Um desconsolo sem fim;
Frio e triste desalento
Tanto n'elle como em mim!...

Olhei tudo com tristeza...
Vi tão pobre a natureza,
E, inda assim, n'essa pobreza,
Orgulhosa, louca, e vã!...
Para mim, alma descrida,
Sei que, em fim, não foi nascida,
Como todos têm na vida,
Uma estrella da manhã!

Nem me dá vontade agora
De pensar no que senti:
Posso eu ter saudades? nunca...
Nada amei, nada perdi...
Nada amei!... mas esta chamma
Que nos seios d'alma inflamma
Ancia ardente d'homem, que ama,
Não aspira ao *summo bem?*
Este fogo, por ventura,
Esta aspiração tão pura,
Vai gelar-se á sepultura
Com o cadaver tambem?

II

DEUS! Minha alma ahi tens, amplo horisonte,
Revôa na amplidão, aguia perdida,
Entre as urzes e o pó! Ergue-te, aspira,
N'esse ambiente de luz, o amor e a crença,
A crença e o infinito, o amor e a esp'rança!
Humilde entre os reptis, roja-se o homem,

Nos espinhos da terra, e dilacera
Um grande coração, que, apaixonado,
Anhelante d'amor, não acha vida!
Na estreitesa da terra as grandes almas,
Sedentas de poesia, em vão se acurvam
A' fonte do prazer. Ebrias de goso
Que importa o seu gosar, se elle é d'um dia!?
As delicias ephemeras da vida
Quem, soffrego, as bebeu por taça d'oiro,
No fundo as verterá da taça exhausta
Em lagrimas, depois! . . . .
Triste a existencia,
Que o homem antevê, quando lhe cançam
Os olhos, nos mesquinhos horisontes
Do mundo, a mendigar emoções novas!
O impio não as tem!—veu de mysterios
Para elle não ha. Quantos prodigios,
No mystico perfume do sublime,
Lhe borbulham dos pés; quantos scintillam
D'entre os fogos do ceu; quantos ressaltam
Das aguas na amplidão . . . quantos segredos
Desceram sobre o seio á natureza
Da mente do Senhor...—que são p'ra o verme
Orgulhoso de si, porque na fronte
Do rei da creação lhe fulge a c'rôa!?

E o rei da creação calca o diadema
Na rebeldia atroz. Legisla á alma;
Vae dentro resequir-lhe a flôr da crença,
E o balsamo da fé. Domina, e educa
Innocentes no berço; impio, despoja-os

Das candidas roupagens da pureza,
Essas que, em tempos de virtude, o homem
Pousava no cypreste, a cuja sombra
Suas cinzas carpidas descançavam.

Tuas faces, mancebo, amarellecem,
Retrahidas de dôr e desalento
Mal entras a viver! Suão de morte
Myrrou teu coração! Envelheceste
Na lucta do remorso, ou desesperas
De n'alma o suffocar? Não tem a terra
Uma orgia p'ra ti? Não tem a orgia
Deleites, distracções? Não póde um crime
Outro crime esquecer? Não póde o tumulo,
Com seus braços de marmore chumbados,
Cingir bem ao seu *nada* um suicida?

Ouvide-o! Não lhe luz restea d'esp'rança!
É alma torva a transsudar o amargo
Profundissimo fél da impiedade:

III

«Que farei d'esta existencia
«Que me resta inda a viver?
«Que é do anjo d'innocencia
«A dourar-me 'inda um prazer?
«Eu rasguei quantos mysterios
«Tinha a natureza em si!
«Quanto em si tinha d'ameno
«Este mundo tão pequeno,
«Fiz curvar ao meu aceno
«E no goso esmoreci.

«Para mim, alma cançada,
«Nada tens, oh terra, em ti;
«Que eu rasguei quantos mysterios
«Tinha a natureza em si.

«Busco distracções na guerra
«Das mais ousadas paixões;
«Mesmo ahi acho na terra
«Ermo o crime d'illusões...
«Na aridez d'este deserto
«Não acho fonte d'amor!
«A fronte curvo abrazada
«Sobre a rocha calcinada,
«E da sede angustiada
«Não mitigo o vivo ardor!
«Gota d'agua não deparo
«Orvalhada n'uma flôr!
«Na aridez d'este deserto
«Não acho fonte d'amor!

«Não tem o mundo delicias
«Que eu aqui não pise aos pés;
«A mulher não tem caricias...
«Illusão! tu nada és.
«A cabeça arfa-me ardente;
«Mas é morto o coração!
«O cynismo! este abhorrido
«Gelo d'alma convertido
«N'um sorriso desabrido,
«É minha eterna feição!

«Uma lagrima não tenho
«De sentida compaixão!
«A cabeça arfa-me ardente,
«Mas é morto o coração!»

IV

A impiedade fallou! Dôr profundissima
Vibrára as cordas tetricas, sinistras
Da harpa do atheu!
Na acerba desesp'rança inda uma crença,
No canto lhe transluz—a morte, e o *nada*
O pó do mausoléu!

Oh Christo! a ti meus hymnos lacrimosos
De viva contricção, pois que na terra
Cantei-os, sem valor!
Aos pés do teu altar pobre alaúde,
Que a terra motejou, mas inda puro,
Eu trago aqui, Senhor!

Angustias e consolações

Eli! Eli! lamah sabacthani!
Meu Deus, meu Deus!
porque me desamparaste!...
(MATH., XXVII, 46).

Era nas horas do pavor, que a noute
Derrama em sombras, a tremer sinistras.
Silvavam euros, e o seu rijo açoute
Vergava as grimpas do carvalho ao chão...
Cavos gemidos de funereas aves
N'aquellas torres, que de negro estão,
Soturnos gemem nas profundas naves,
E nos sepulchros esvair-se vão.

D'aquella torre, que negreja, ha pouco,
Pedira o bronze as orações da tarde;
E agora o vortice um descante rouco,
Hymno de morte, em seu rugir nos dá.
D'ali bem perto, á sombra d'ella erguida
D'um sacerdote a residencia está:
Vêde nas fisgas uma luz tremida...
Não dorme o padre, que o seu leito é lá.

Não dorme o padre! Quem dormiu no mundo,
Varado o peito com punhal de fogo!
Quem póde ás bordas d'alcantil profundo,
A face, um instante, reclinar... dormir!

Que inferno vai no coração do homem
A quem vedado foi paixões sentir!
Que desalentos, que vulcões consomem
A vida immensa, que não tem porvir!

Porvir! qual era o d'esse padre escravo
D'insanos votos, que jurou, tão novo!
Não podem homens adoçar-lhe o travo
Do fel da taça, que elle proprio encheu!
Ouvi-lhe a prece, ouvil-o-heis, blasfemo,
Zombar dos votos, renegar do ceu.
Erguer-se altivo contra o Ser Supremo,
Pedir ao crime a doce paz do atheu!

«Prostrei-me, humilde, em vosso altar!... despi-me
Das ricas pompas, que me déra o genio.
Por vós chamado, Senhor Deus, cingi-me
A's leis austeras, que ao levita daes.
Scismei nas luctas, que a vencer teria,
Sanguineas luctas, de paixões fataes.
Calei n'est'alma aspirações, que um dia,
Talvez quizesse, e não calasse mais!

«Não sei que esp'rança a minha fé me dava
Na vossa graça d'invencivel força!
Cuidei que um anjo animador baixava
Brandindo o gladio, que derrama a luz!
Em vós, Senhor, e não em mim, que alentos
De tanta gloria, e confiança eu puz!
Sósinho, agora, que infernaes tormentos
Meu premio são na abandonada cruz!

«Desamparado! E eu não sei vencer-me!
A fé, que vence e dá fervor, perdi-a!
Perder-me, e *amal-a!*... é mister perder-me,
Mas quero a vida, quero a luz do amor!
Não fiz escravos meus viris instinctos,
Que eu não podia escravisar-me á dôr!
Da natureza jámais são extinctos
Alentos nobres d'immortal vigor!

«Quem foi de rastos mendigar algemas
Ao vão fantasma d'invenções dos homens?
Fui eu, pensando que eram leis supremas
Matar-se um homem no altar da fé!
Quebrei os laços, que me déra a sorte
Cá n'este mundo, que tão bello é!
Quem póde um golpe dar em si de morte,
Sorrir, depois, permanecer de pé!

«Cahi! Venceste, natureza, o ingrato
Que impulsos nobres despresára insano!
Déste-me dotes, fiz um vil contracto,
Troquei por elles um prestigio vão!
Fui bem punido, quando um louco esforço
Fiz contra os elos d'este atroz grilhão!
Não parte ferros meu cruel remorso,
Não vence as trevas a fiel RAZÃO!»

Calara-se! Não póde, assim tão impio,
O grito da paixão por longo tempo
O grito do remorso comprimir!
O remorso fallára.

O padre sobre o seio os braços cruza;
A fronte, onde transpiram frias bagas
D'afflictivo suor, pende alquebrada
Como em transes de morte.
A tempestade freme. Ao longe rangem,
Vergadas pela mão de infrenes ventos,
As arvores da encosta, onde fulguram
As lampadas do raio.

Bateram no portal. Desperta o padre.
Caminha, qual somnambulo, erguido
D'um leito d'agonia; mas caminha
Pela mão do instincto.
—Quem é?—«Louvado seja Deus»—responde
A voz do que bateu—A que viestes?—
«Pedir os sacramentos: moribundo
«Meu pae, senhor, está.
«Um raio lhe desceu perto do leito...
«Seus labios nunca mais disseram «filho!»
«Não viveria já, se fosse um justo,
«Correi! Deus quer salval-o!»

E foi! Entre dous cyrios Jesus Christo,
E dos cyrios a luz descendo froixa
Na face macerada ao moribundo,
Eis o extremo da vida!
O padre ajoelhou: as mãos convulsas
Ergueu-as para a cruz: e ás faces torvas
Subiram-lhe do abysmo do remorso
As lagrimas da fé.

Ergueu-se, e as mãos ungíu ao que expirava;
Depois, trémulas preces murmurando,
Ouviu o som do *adeus* n'aquelles labios
Para sempre sellados.

Orou: pediu que orasse o filho afflicto;
Enxuga o pranto á consternada esposa;
Abraça os tenros netos, que se prostram
Em volta do cadaver.
Depois a vida estuda ali n'um morto,
Adora a mão de Deus, que forja o raio,
Vê que a luz das paixões ali se apaga,
Qual cyrio dos sepulchros.
«Perdão! oh Christo!» exclama; e quando em torno
Encára uma familia angustiada,
Pedindo o seu allivio, então conhece,
Que o padre é mais que um anjo!

Alegria

Un cri... d'espérance
Vient se mêler au chant des morts

JULES T.

Eu sinto agitar-se no peito, em delirio
D'um jubilo sancto d'estranho prazer,
Minh'alma, que, affeita ao pungir do martyrio,
Foi grande na esp'rança, maior no soffrer...

Quem falla aqui dentro no peito opprimido,
Quem manda a meus labios festivo sorrir,
E' voz d'um mysterio, que, apenas sentido,
Seu echo não posso talvez repetir.

Pedissem-me um hymno dos hymnos que sinto,
Das notas só uma, que um hymno contem!...
Se fallo d'affectos... por certo que minto...
Affectos da terra!... e onde é que ella os tem!?...

Se fallo d'amores, sonhando acordado,
Um sonho d'instantes produz alegria?
Mentir a mim proprio não é mais pezado
Fazer este jugo, que DEUS me confia!?

Alegre!... E não sei que presagios são estes!
Eu, homem, consulto na terra o que sou...
Responde a razão! SENHOR! vós m'a déstes,
Calál-a não posso... da dôr se inspirou!

Acaso a partilha dos gosos mundanos
Um DEUS, pae de todos, fez tão desigual?
De DEUS tantos filhos não entram, profanos,
Na herança d'uns poucos!?... Capricho fatal!

Achei, por ventura, no mundo algum dia
Mulher que sentisse!? amigo... um, sequer!?
Não dizem que ha anjos, que são companhia
Ao homem na terra? Por certo... a mulher!

Lembranças bem tristes!... tomára eu não têl-as...
Podesse eu calar este alento immortal!...
Lembranças amargas não póde esquecêl-as
Quem teve alma forte nas luctas do mal...

Da terra estes dons, estes gosos fecundos,
Não são para mim bem amarga ironia!?
Será que eu prevejo outros dons, outros mundos,
Herança dos filhos da atroz bastardia?!

Será! Sinto n'alma os enlevos do goso...
Não scismo na terra, que a terra esqueci;
Não scismo na campa d'infindo repouso...
Em ti, PROVIDENCIA, alegro-me em ti!

Na terra os felizes não quebram algemas
Que arrastam contentes d'um ebrio prazer:
Não solvem do Eterno os augustos problemas,
Nem cuidam solvêl-os depois de morrer.

O tempo aos mimosos da vida não sobra,
Gastál-o não podem, sondando a razão;
Bem sabem que o mundo não é sua obra...
Caminham, caminham... que importa onde vão?

Aquelles, que soffrem, meditam na morte,
Quem pensa na morte, medita n'um DEUS:
Estuda-se a vida nos transes da sorte,
Prevê-se uma palma na gloria dos ceus!

Se a terra, em que vivo, resume um destino,
Que força é cumpril-o por lei do Senhor,
Maldito esse genio d'impulso divino,
Que deu *ser* ao *nada*, votando-me á dôr!

Mentira! O destino d'est'alma, em tortura,
Cingida entre espinhos d'um mundo cruel,
É vosso, oh meu Deus, que verteis a doçura
Nos labios, que exhaurem seu calix de fel.

Esp'rança, que és filha formosa do Eterno,
Esp'rança, que és filha da minha agonia,
Desceste, qual anjo, a tirar-me do inferno,
Ergueste-me em vôos d'estranha alegria!

Meditação

Á EX.ma SR.a D. FANNY OWEN

Ecoutez......

EEVOILE.

I

Eu vejo a geração nova, que passa,
N'um profundo dormir;
Feliz, ri-se á ventura, e á desgraça
Com o mesmo sorrir!

A vida é-lhe um festim; se folga hoje,
Manhã... mais folgará.
O tempo entre as delicias não lhe foge...
Que importa o que será?!

A voz da natureza diz-me á alma
Profundezas dos ceus:
Deparo escripto sobre o cedro e a palma
Os mysterios de DEUS!

Mas não assim o ebrio das venturas
Do seculo traidor...
E' cego, e não contempla nas alturas
As glorias do SENHOR!

Sósinho, junto ao mar, e sobre a fraga,
Que a celeuma affrontou,
Eu vejo vir partir-se a irada vaga
Onde DEUS lhe apontou.

Mais dentro, n'esse mar, a poucos passos,
Um perdido baixel
Relucta, e geme, e estala... ei-lo pedaços,
N'uma angustia cruel!...

Meu DEUS! quem disse ao mar, que o rolo irado
Viesse aqui estalar?
Quem é que ao mar, além, mais dentro, ha dado
O poder de matar?

Nas poucas horas, em que vivo envolto
No manto seductor
Da tragedia do mundo, eu sinto solto
O genio pensador.

Vejo, em volta de mim, raiar o goso
Nos filhos do prazer:
E eu, forçado e triste e sem repouso,
Vivo ali... sem viver!

Sempre o anjo da dôr... sempre comigo
O meu anjo fiel!
E' forçoso tomar das mãos do amigo
O meu calix de fél!

E sempre, além da vida, o pensamento
No austero tribunal,
Onde ha contas severas d'um momento,
N'este transe mortal!

Se eu tivesse um sorrir dos que a virtude
Aos seus amigos dá,
Não coroára de flores este alaúde,
Sagrado a Jehová!?

Não sorrira, mancebo, como tantos,
Que vivem no SENHOR?
Não gosára da vida os mil encantos,
Dourados pelo amor?!

Não sei! Essa alegria que fulgura
Tanto em volta de mim,
Tenho-a visto brilhar, sorrir, impura,
Em labios de Caim!

Mais d'um impio me diz que é venturoso,
E parece que o é!
Não sei mesmo se gosa esse repouso
D'um justo em sua fé!

Não sei se é de remorsos o seu leito,
Nem os sonhos, que tem!...
Se mão de larva atroz lhe esmaga o peito,
Não o diz a ninguem!...

E que importa, meu Deus, que elle o não diga?
Acaso a perversão
Suffoca do remorso a voz amiga,
Que falla ao coração?!

Não tenho eu dentro em mim dois sentimentos
Com bem distincto som?
O *mal*, com seu cortejo de tormentos,
Fará que eu seja *bom?*

E o *bem*, que já sentir uma vez pude,
Acaso é meu algoz?
Oh CHRISTO! o prazer santo da virtude
Não me falla de vós?

Donzella, em cuja face illuminada
Pelo brilho dos ceus,
Eu leio um coração, onde florescem
Vivas crenças em Deus...

Não sei se comprehendeste a voz do homem,
Que não soube entoar
Por labios d'innocencia um hymno d'anjo
Para a anjos fallar.

Eu quiz mostrar-te o ceu onde fluctua
O teu astro de luz,
E mostrar-te na terra quasi extincta
A lampada da Cruz.

Mostrar-te a geração onde se enrosca
A serpente do mal,
Que verte pelos labios da perfidia
Um veneno mortal.

Não sabes que uma flôr, que espinhos cercam
Depressa feneceu ?!
Tal o bom coração, que os maus rodeiam,
Entre os maus se perdeu.

Ao throno, aonde estás, não chega o verme
Que roe o coração;
Mas, se desce a virtude, o verme sobe
No rasto da traição!...

A Irman da caridade

Faz que os teus conhecimentos
sejam proveitosos ao proximo.

ECCLES. CAP. 20.

Filhos do genio, que sentis na mente
Os calidos transportes da poesia,
Levantai-vos ao ceu, erguei um vôo,
Quaes anjos d'harmonia!

Ouço o vosso trovar em lyra esteril,
Cançada em sons carpidos de paixão!
Pedis, em cada trova, ao scepticismo
A morta inspiração!

E o genio, circumscripto aos poucos lances
D'esta vida terrena e vegetal,
Se pensa erguer-se aos ceus, rasteja em baixo
N'um mundo sensual!

Tantas vezes sonhar formosas crenças...
Tantas vezes chorar as que perdeis!
Hoje é anjo a mulher; manhã... demonio,
Que a bel-prazer fazeis!

Hoje, em nuvens do ceu, d'alvas roupagens
Emissaria do ceu, a mulher vem...
Manhã, deserto o altar, quebrado o idolo,
Sacerdotes não tem!

Depois, funéreo canto em som de morte
Depois, a perda atroz das illusões!
Depois, sinistros quadros d'esta era
De rapidas paixões!

Mentira! Vós não creis na gasta rima,
Que, *sorrindo,* fazeis tanto *chorar!*
Eu sei, que immensa angustia, em horas placidas
Póde o genio inventar.

Não murmura o poeta, quando o travo
Do fel incomportavel da paixão
No peito lhe calcina quantas crenças
Emballa uma illusão.

A cabeça... essa sim—ardendo em iras,
Que não queimam a alma ao trovador,
E' capaz d'evocar entre brinquedos
As larvas do terror!

E ha crentes que meditam condoídos
Os tetricos libellos da poesia,
Que empraza as gerações para que vejam
O que é uma agonia!

E ha outros que sorriem; mas lamentam
As horas consumidas n'esse vão
E forçado rimar, que inspira o tedio,
E abastarda a razão.

Cantores! ha um nome cá na terra
Que o homem não creou, nem vol-o deu;
Não póde elle usurpal-o: o vosso nome
E' dadiva do ceu!

Dai vós a recompensa; é n'este mundo
Que a pede á intelligencia o REDEMPTOR:
Cantai, recompensando o desvalido...
A CARIDADE, o amor!

Pedi ao coração idéas uteis.
Pedi-lhe o pensamento universal,
Que abrange a humanidade em suas dôres
N'um laço fraternal!

Buscai na CARIDADE os incentivos,
Que impellem, atravez das gerações,
No verso o pensamento, que console
Algumas afflicções!

—

Creai imagens grandes de virtude,
Fallai d'essas, que a terra em si contém...
Quereis o estro acender? Vêde essa virgem...
Vêde o nome que tem!

IRMAN DA CARIDADE! e a mente exalta-se
N'um tremulo fervor!
Subindo, vai no ceu buscar o typo;
Descendo, vem á terra vêr o archanjo,
Dos prodigios d'amor!

E eu vejo nas delicias da riqueza
A donzella gentil.
Afagam-na carinhos de familia,
Perfumam-lhe lisonjas os mancebos...
É rainha entre mil.

Nos labios lhe esvoaça, a cada instante,
O sorriso da fé;
Se o mundo adulador quer recompensa,
A virgem dá-lhe, em premio, o seu sorriso,
Que immenso premio é.

Ha no seu coração a voz d'um anjo,
Que a seu berço desceu:
Segreda-lhe os mysterios da desgraça
De muitos seus irmãos, que desalentam
Sem as crenças no ceu.

E a virgem despe a purpura faustosa
Que o culto lhe attrahiu:
De negro traja o manto da pobreza,
E o collo, desnudado das alfaias,
D um rosario cingiu.

Depois nos hospitaes, onde a penuria
A doença abraçou...
Ahi, onde o fantasma da miseria,
E o fantasma da morte, ambos terriveis,
A desgraça ajuntou...

É lá!... buscai-a ahi a debil virgem,
Tomando sobre o seio
O pobre, que, nos transes da agonia,
Revella em contracções a alma, que foge,
N'um férvido anceio.

Aos repulsivos carceres do crime
Essa virgem desceu;
O homem, morador d'aquelle inferno,
Ouviu recordações d'infantis crenças,
E, forçado, tremeu!

Ouviu dos labios d'ella sons que ouvira
Dos labios maternaes;
Viu-lhe um CHRISTO nas mãos, qual vira outro,
Junto ao leito do pae, que se estorcia
Nas angustias mortaes.

E maldisse o momento em que arrastado
Cahiu na perdição;
Maldisse a sociedade, onde não tinha,
Sem preço de deshonra e cadafalso,
Um bocado de pão!

E a virgem lhe calou no labio irado
A doutrina do mal,
Não sua, mas ouvida n'estes dias,
Em que o crime é só crime, porque o ouro
E' um dom desigual.

Fallou-lhe em recompensas promettidas
Ao que roja, infeliz,
A vida attribulada sobre espinhos,
Que no reino do ceu produzem flores,
Como CHRISTO lhes diz.

Poetas! vêde a IRMAN DA CARIDADE:
Que immensa inspiração!
Cantai-a no fragor da crua peleja,
Em seus braços mimosos levantando
Um cadaver do chão.

Cantai a virgem no hospital de sangue
Onde mora o terror,
Fallando em Deus, quando o demonio ruge
Raivosa imprecação contra o destino
Pela bôca da dôr.

Cantai-a n'esses mundos, onde a crença
Arvora a Santa Cruz!
Adorai-as tambem, porque suspensas,
Nas mãos do Eterno, sobre a humanidade,
São lampadas de luz!

O monge

> Terreurs d'une ame timide qui manque de confiance dans ses propres forces; expansion d'une ame ardente qui a besoin de s'isoler avec son createur; indignation d'une ame navrée qui ne croit plus au bonheur; activité d'une ame violente qui la persecution a aigrie; affaissement d'une ame usée qui le désespoir a vaincue: quels especifiques opposent-ils à tant de calamités? Demandez aux suicides.
>
> CHARLES NODIER.

I

Inflammado nos estos da infancia,
Um mancebo, abrazado em paixões,
Viu-se aqui n'este mundo, onde, em ancia,
Arfa o peito anhelando illusões.

Em seus sonhos de crenças formosas,
Através mago prisma d'amor,
Mil imagens previu vaporosas
Entre nuvens d'estranho fulgor.

E, com ellas gravadas na mente,
Mal do mundo os umbraes penetrou,
Viu n'uns olhos o brilho innocente
D'uma virgem das mil, que sonhou.

Que transportes ferventes lhe acendem
Castos hymnos d'um estro febril!
Mas que importa, se o não comprehendem
Lindos olhos em face infantil!?

Quando o mundo encontrou tão diverso
Das esp'ranças, que tinha aspirado,
Viu que a crença era um sonho disperso,
Mal entre homens havia acordado.

Viu na sombra da crença esvaida
Ir-se a luz do seu typo ideal;
—Que as delicias previstas na vida,
Converteram-se em goso carnal.

A mulher, sensação melindrosa,
Perfumada no seu coração,
Apagando-lhe a fé luminosa,
Perverteu-lhe o candor da paixão.

Pervertido o mancebo na alma,
Que tão casta esposára as paixões,
Foi com mão libertina uma palma
Na requesta colher das traições.

Recolheu-a... Foi facil colhêl-a
Com destrezas gentis de devasso!
Se de crimes a gloria quiz têl-a,
Conseguiu-a, e alfim o cançasso...

O cançasso prostrou-lhe os sentidos
E gelou-lhe os desejos ferventes...
Só tem n'alma a surdez dos gemidos,
Quando a ferem remorsos pungentes.

Não tem alma que aspire um desejo,
Nem desejo sagrado á virtude!...
Das donzellas o candido pejo
Enfastia-lhe o espirito rude.

A seus pés desfolhadas as flores
Das grinaldas de virgens trahidas,
São despojos calcados d'amores,
Cuja gloria são honras cuspidas.

Quando o crime irritado n'um sonho,
Alta noite, se encosta ao seu leito,
E lhe crava o remorso medonho
Nas entranhas do intimo peito,

O mancebo desperta aterrado...
Vem-lhe á mente os espectros sanguentos,
Que da campa do tempo passado
Ressurgiram terriveis, sedentos!...

Vem-lhe á face o terror do que sonha
Logo apoz um cruento homicidio!
Mas na alma lhe esvoaça risonha
Uma idéa...—a do atroz suicidio!

II

As noites pavorosas do remorso,
Velladas pelo filho da desgraça,
Só sabe o que ellas são homem, que esconde
Um crime atroz na escuridão da alma:
As grandes afflicções não se adivinham...
E' preciso soffrer, chorar, e as lagrimas
Dessoral-as no sangue!
Este mancebo
Foi só no seu martyrio! As faces magras
Envelhecidas, humidas de pranto,
Ninguem lh'as enchugou!...
Doe o abandono
Bem mais que a desventura! O criminoso
Mui dura expiação gemeu na terra,
Se os homens com desprezo o viram ir-se
Na estrada larga da maldade impune.

Deixaram-no sósinho. O ermo é triste,
A dôr lá não respira, e a angustia opprime
Cruenta, o coração, que é lacerado
Pelo cancro roedor da impiedade.

Sim! o ermo tem consolações e mimos,
E o balsamo que cerra as chagas fundas
Da consciencia. Lá, ha de encontral-o
Quem nas horas avessas d'infortunio
E descrença nos homens, curva o joelho
Diante d'uma cruz, e pede, e chora.

Chorar diante de Deus choràra o triste
Com a face no chão... Dôr tão afflicta
Não houve alguma a orvalhar com lagrimas
A cruz deserta em solitaria encosta.

A esperança do ceu brilhou nas trevas
D'aquelle espirito a penar torturas
De duvida e descrença! Extremo affecto,
Espolio não manchado de torpezas,
E' esse extasis sancto, que reanima
O reu d'um crime, que repellem homens,
E Deus ampara, e perdôa, e salva.

Nos labios do mancebo, onde crestaram
Lascivos beijos a candura d'alma,
Murmura agora a fervorosa prece,
A supplica, o perdão, o amor divino,
A compaixão de Deus, e a caridade!

Foi esta a oração do que, vergado
Por desgraças da terra, exora a Christo
Um conforto do ceu, a luz da esperança:

*

«As nodoas dos meus crimes são patentes
«Aos olhos do meu Deus!
«Eu venho aqui, Senhor, entre innocentes
«De crimes quaes os meus,
«Eu venho orar tambem preces ardentes...
«Serão d'um reu as supplicas ferventes
«Repellidas dos ceus?

«Oh CHRISTO!—a aspiração que eu julguei morta,
«No esteril coração,
«Anceia o vosso amor! Sou réu!... que importa?
«Olhai-me a contricção!
«Vêde a alma do réu que dôr supporta!
«A que infernos da terra ella o transporta!...
«Depois... dai-lhe o perdão!

«Fui grande nas paixões, meu Deus!... perdi-me
«Desvairado no amor!...
«Despi-me d'illusões... trajei do crime
«D'oiro o manto traidor!
«Uma virgem chorou... soffri... esqueci-me!
«Outra virgem chorou... passei... sorri-me
«D'escarneo aviltador!

«Depois, gelado n'alma o sentimento
«Amava as sensações,
«Pedidas, tanta vez, ao soffrimento
D'estranhos corações!
«Achei-os tão sublimes no tormento,
«Tão santos no martyrio!... e o amor violento
Paguei-lh'o com traições!

«Perverso, o meu cynismo depravado
«Tornou-se ultrajador!
«A honra escarneci no desgraçado
Sem manchas de traidor...
«Virtuosos... nenhum quiz a meu lado
«Ouvir-me o audaz sarcasmo empavonado
«D'um rir aviltador!

«Quando, mesmo no crime, o desconforto
«Para o crime senti,
«Chorei então, oh CHRISTO, o alento morto,
«Pois que tudo perdi!...
«*Morrer!* o *nada!* ou na terra um horto
«D'eternas agonias sem conforto...
«MEU DEUS! muito soffri!

«SENHOR! não mente o pranto que hei chorado!
«Vêdes meu coração!
«Abri braços de pai ao desgraçado,
Ludibrio da paixão!
«Que filho veio a vós, que haja voltado,
«Com o remorso n'alma atravessado
«Ao mundo, á corrupção!?»

....

....

Esse homem, que chorou gottas de sangue,
Foi visto do SENHOR! E' grande o ETERNO!

III

Era no templo, e o orgão magestoso
Na amplidão das naves reboava
Accordes sons de musica divina.
O sol, no extremo ceu, languente e froixo,
Chamejando nas ondas purpurinas,
Rúbidas resteas atravez coava
Da esguia fresta no portico do templo.

Severo e triste no assombrado aspecto
Por entre as turbas, que bemdizem, crentes,

O Deus de seus avós, vêde um mancebo,
Que timido se prostra. Eil-o inspirado,
Erguendo as mãos, em oração piedosa,
Reverente, exemplar, como se um justo
De longa e sancta vida ali rezasse.

Do monge a voz soturna, e melancolica,
Dorida e cava, solta o hymno lugubre,
Profundo, da paixão de JESUS-CHRISTO.
Era terrivel a magestade augusta
Das carpidas canções, que a voz do monge,
Por entre as ondas do sagrado incenso,
Erguia ao céu! Oh! dai-me um d'esses hymnos
De tão sancto terror, que o vilipendio
Immudeceu, raivoso em suas iras
D'impiedade egoista e mal-feitora!
Dai-me um dos hymnos funebres do templo,
Do templo do mosteiro, onde ora jazem
O monge e o verme no sepulchro aberto
Por mão profanadora do passado,
E opulento de opprobrio ao que é cadaver!
. . . .
. . . .

Na alma do mancebo, rossiada
Pelo orvalho do ceu, a essas horas,
Passavam-se mysterios grandiosos!
Entre elle e o mundo, entre a culpa e a prece,
Posera a mão de Deus a mão do archanjo
Que desde o berço ao tumulo vigia
A vida incerta d'este fragil barro,
Que traz no coração o *crime e a honra!*

Se ali, aos pés do altar, foi provocal-o
Da tentação o seductor sorriso,
O peccador sentiu valer-lhe o anjo,
E as lagrimas contrictas do remorso,
E o compassivo olhar d'um velho monge,
Que vê, nas faces lividas d'um joven,
O sangue, que hão vertido ulceras d'alma,
Incuraveis no mundo!
Eis de improviso,
Os olhos do mancebo amortecidos
Cravam-se fixos d'um fulgor estranho
Nas faces cadavericas do monge.
E o monge, ouvindo a inspiração celeste,
Nos labios macillentos abre um riso
D'esp'rança animadora ao penitente.

IV

O templo era deserto, e o orgão mudo,
Silencio, e sombras, e a tristeza austera
Das naves solitarias, diffundiam
N'alma a poesia dos mysterios sanctos.
Da multidão, que foi d'ali tocada
Por mão da fé no fel da consciencia,
Ha d'elles um christão, que não desvia
Da cruz os olhos, e da lagem dura

Os joelhos não ergue. É lá, sósinho.
Extinctas são as luzes já nos cyrios;
Os gonzos rangem no portal da egreja;
Descem as trevas como em ceu de bronze,
E o mancebo, estatua da tristeza,

Ou da alegria em fervoroso extasis,
Não respira, mas chora, e sente as lagrimas
Cahirem-lhe da face ás mãos erguidas...

A passos surdos sobre as lages, vede-o,
O monge d'alvas cans, symbolo sancto
De heroicos tempos de saudosas crenças!
A mão tremente e descarnada pousa
No hombro do mancebo:
«Irmão—diz elle—
«O pranto derramado em seio alheio
«E' menos amargoso a quem o verte...
«Se um seio peccador tu queres, filho,
«Eu dou-t'o... chorarás... Ergue-te, crente!
«Desgraçado na terra é só o impio!»

E ergueu-se o homem, cujos labios pousam
Na mão do monge o beijo estremecido
Por intimos tremores. Ambos tristes,
E mudos atravessam as arcadas
Do taciturno claustro...
—Monge!... eu soffro...

—«Silencio!»—murmurou o monge—«Logo,
«Mancebo, fallarás... Não podem vozes
«Quebrar esta mudez... O claustro é mudo
«Como os tumulos.»
Alfim, na cela estreita
Entraram; e fechada, como a lousa
De dous corpos não mais vistos no mundo,
Sacrario foi de dôres mysteriosas.

....

V

Era no templo do mosteiro ainda.

Um monge triste, pallido, mas triste
De serenos pezares, inda moço,
Desprende a voz do ceu sobre os que o olham,
No pulpito, solemne e magestoso
Como enviado de Deus! A fronte cinge-lh'a
Uma aureola de luz! Dos olhos baços
Desce-lhe o pranto, quando conta ás turbas
Os tormentos de Christo! Eil-o tão novo
Inspirado dos anjos! Eil-o erguido,
Suspenso sobre a terra, como o archanjo
Nos paroxismos da impia Babylonia!
. . . .

—Quem é?—murmura a multidão do templo!...

«Foi um raio de colera mundana!...
«Solitario, gemeu... e é hoje a lampada
«D'essa luz immortal, que brilha intensa
«No caminho do ceu, na voz d'um monge!

Versos á desventura

AO EX.mo SR. CONSELHEIRO ALIPIO ANTHERO DA SILVEIRA PINTO [1]

Versos á desventura?! Sim, que ha dôres
Que despertam na alma essa harmonia,
Accorde som d'angustias, que soluçam
No seio da poesia.

[1] Perdêra elle um filho, e eu um amigo, no miserando naufragio do vapor *Porto*, na barra no Porto, em 29 de março de 1852.

N'este instante de solemne agonia, e na presença d'aquelle quadro funebre, improvisei o seguinte soneto:

Senhor! Vós que sopraes a tempestade,
Cavando abysmos sobre o mar irado,
Ouvide os roucos sons do afogado,
Que geme nos umbraes da Eternidade!

N'esses transes crueis de anciedade,
Rolando contra a rocha espedaçado,
A prece, que murmura o desgraçado,
E' grito de perdão!... meu Deus!... piedade!

Perdoai-lhe, oh Senhor, ouvi piedoso
O brado de afflicção, que manda aos ceus,
O filho, o amigo, o irmão mais carinhoso!

Ouvi-lhe o seu clamor entre escarceus;
Pois, n'aquelle morrer angustioso,
Bradou-lhe o coração «Perdão! meu Deus!»

Embora orvalhe o pranto a mão que treme
Sobre as cordas da harpa da paixão,
Pelo hymno, que, a gemer, ascende aos anjos,
Respira o coração.

Ha tristezas no mundo inconsolaveis,
Que do mundo ninguem as avalia...
Alivios... só em DEUS, que o homem busca
Nos vôos da poesia.

E' linguagem da mágoa a voz dos carmes;
A dôr faz o poeta; é só a dôr,
Que faz subir ao ceu cantos ferventes,
Em perfumes d'amor.

AMOR! palavra sancta, que aprendemos
Dos anjos, quando o beijo maternal,
Nos labios nos vertia esta palavra
D'uncção celestial.

AMOR DE DEUS, amor da humanidade,
Que nos faz devorar do mesmo fel,
Que punge um nosso irmão, despedaçado
Por saudade cruel!

AMOR DE DEUS, amor da humanidade,
Que espontaneo da alma aos olhos vem,
Quando descem no tumulo d'um filho
As lagrimas de mãe!

AMOR DE DEUS, allivio á desventura
Que precisa do ceu consolações...
Oh harpa do amor, se comprehendêras
D'um pai as afflicções!...

....

....

*

Em seu berço dorme um anjo...
Que sereno é seu dormir!
Que sonhar será o d'elle?!
Não n'o vêdes a sorrir?
Perguntai á mãi, que o vela...
Saberá dizel-o ella,
Ella só, que é sua mãe!...
Talvez um beijo paterno
Despertasse o riso terno,
Que do anjinho aos labios vem!

Junto ao berço de seu filho,
Que ternuras sente um pai!
Que tremor lhe abala o seio,
Se o filhinho solta um ai!
Com que afago o toma ao collo
Como exprime esse consolo,
Quasi delirio d'amor!
N'este affecto á innocencia
Não vos falla a Providencia
Pela voz do Creador?

Entre afagos e temores
Cresce a tenra creancinha ..
Qual dos paes mais pressuroso
A vontade lhe adivinha...
O pae lhe escuta anhelante,
N'uma voz balbuciante,
O doce nome de «pae.»
A mãe, ebria d'alegria,
Aos pés da Virgem MARIA,
Com seu filho ao collo, vai.

Pede-lhe um bello destino,
Cheia d'amor e de fé...
Bello futuro a seu filho,
Que do mundo escravo é.
Ergue-se, crente, e confia
Na protecção de MARIA,
Que foi mãe d'immenso amor!
Crê-se feliz, e segura,
Vendo, á sombra da ventura,
Ir-se abrindo aquella flôr.

*

Depois, a linda quadra dos brinquedos,
Fechou-se para o filho estremecido,
E dos braços dos paes entra no mundo,
Na carreira das próvidas sciencias.
Do berço a innocencia o acompanha
Convertida em bondade e singeleza.
E' velho entre mancebos, que desvairam
Pelas vias escuras, tortuosas,
Das dementes paixões da mocidade.

Orgulho de seus paes, anjo entre amigos,
Não sei que luz celeste illuminava
Aquella fronte sempre pensativa!
A's vezes esta luz mysteriosa
Brilhava-lhe nas lagrimas dos olhos,
E não fosse ninguem sondar-lhe o seio,
Pois calado segredo era o seu pranto.

. . . .

Nos bailes, onde a vida se reveste
Das gallas mentirosas da alegria,
Quantas vezes o vi fugir ás turbas,
Vergar ao pensamento da tristeza,
Buscar a solidão, buscar o amigo,
Contar-lhe as pulsações da sua alma,
Sacrario de honradez, defêso ao crime! [1]

[1] «. . . . .
«N'esta noite nós, embraçados um no outro, tendo a um lado «o redemoinho constante de um baile, os sorrisos das damas, «a affabilidade dos hospedes, o som estrepitoso da musica, o «murmurio dos homens, o brilho das luzes reflectido nas bri-«lhantes pedrarias, em uma palavra—a vida;—tendo do outro «uma cidade taciturna e sombria, alumiada á maneira de ataú-«de de finado, por baças e mortiças luzes; e tendo por cima «de nós um céu carregado, sem brilho algum, porque passára «a hora de transição da noite sem luar para o dia de claro sol: «em uma palavra, o silencio e a solidão e as trevas: nós es-«tavamos em circumstancias muito excepcionaes; não perten-«ciamos nem ao baile e seus encantos, nem ás trevas e sua «solidão, e ambos soffriamos, por que ambos temos — deixa-«me dizel-o — almas de poetas, corações sensiveis, sentimen-«tos nobres, e desejos puros... N'esta noite, amigo, aperta-«ram-se de todo os élos que nos devem prender d'ora ávante...»

O leitor, estranho á saudade de um homem tão chorado, não leria com frieza estas linhas de uma carta do meu amigo José Augusto da Silveira Pinto, impressa em 5 de junho de 1849, no n.º 128 do *Nacional*.

Amor de irmão, de filho... oh! se ha na terra
Quem já visse no ceu amarem-se anjos.
Não peça um quadro, que não podem homens
Em pobre linguagem dar-lhe côres!

Se no seio do filho um pae reclina
A fronte, aonde alvejam longos annos
De virtudes... irmãs do soffrimento...
Se no seio da mãe repousa o filho
A face irradiante de alegria,
Perdida a illusão d'outros affectos...
Se nos braços d'irmã busca um refugio,
Que terrenas paixões não podem dar-lhe,
Depois que as sanctas crenças lhe roubaram...
Quem é que póde ahi pintar o affecto
Que prende os corações de quatro anjos,
Vivendo d'esse amor n'um só espirito,
Na mesma aspiração, no mesmo enlevo!!
Mysterios do amor, vinculos sanctos,
Sellados pela mão da Providencia,
No coração d'um anjo!
E este era o anjo...

Era teu filho, oh pae das amarguras!
Era aquelle innocente, em alvas faxas,
Que beijavas no berço, em quanto a alma,
Receios do porvir te palpitava!

Tinhas n'elle o thesouro de tão gratas
Esp'ranças, firme amparo d'outros filhos...
Doces sonhos d'um pae, que, na velhice
A's bordas do sepulchro lega um nome,
Com quantos fóros lhe engrandece a honra,

Nas virtudes d'um filho digno d'elle!
Desça em teu rosto consternado pranto!
Lamenta, oh pae, a perda inconsolavel!
Vai ás rochas do mar, chama teu filho,
Que, no rôlo das vagas espumantes,
Invocando o SENHOR, teu nome augusto
A morte lhe gelou, talvez, nos labios!
Não ouves este som cavo e profundo,
Que ruge na amplidão d'aquellas aguas?
É a voz do SENHOR!... Curva o joelho,
E pede, e clama, e chora, pois o Eterno
Do tumulo já fez surgir um Lazaro!

....

Curva, sim, o joelho, mas teus rogos
Sejam preces humildes de christão!
Não digas ao teu Deus—«dá-me o meu filho...
«Que eu morro d'afflicção!»

Esta vida que é? astro d'um dia
Que, sobre espinhos crús d'intensa dôr,
Nossos passos dirige á eternidade
Da luz, ou do terror!

Quando em braços de pae um filho expira,
Chamando em seu auxilio o amor de Deus,
Seu PAE, seu Creador, não lhe deu morte...
Deu-lhe a vida dos ceus!

Ao homem, pó da terra, fragil barro,
Quebrado no seu throno d'illusão...
Que lhe resta? chorar!... mas seja o pranto
D'amor, e d'oração.

Tinhas um filho, herdeiro de virtudes,
Mas herdeiro tambem era dos ceus!
Tu, pae, lamentarias, se escutasses
Chamal-o a voz de Deus?

Humilde, no revez da desventura,
Levanta para Deus tremulas mãos,
Tens um filho no ceu, pedindo ao Eterno
Amparo a seus irmãos!

Meditação

A MINHA IRMÃ

Bem raro é n'este mundo um goso estavel!
Depressa as lindas flôres pendem murchas,
Apenas seu perfume deleitavel
Em ávido aspirar se esvaeceu.
Nas ancias do prazer vem outras ancias,
No seio das paixões gera-se o enfado,
Na terra é tudo assim, se, limitado,
O meu desejo aqui não busca o ceu.

Gosar e entristecer! Eis o destino
De tantos, que tão caro o goso compram!
Já nos braços da mãe tenro menino,
A quem tudo sorri, vejo chorar!

Desejos... quaes serão d'este innocente,
Que não possa cumprir? os seus vagidos
Serão brados d'amor, não percebidos?
Serão ancias d'um ceu que vê brilhar?

Depois que o véu do mundo empana os olhos
Voltados para a terra, que fascina,
Não mais os banhará a luz divina,
Que brilha na singela aspiração.
Macula-se a candura dos desejos,
A' vista das paixões tem outro prisma,
A mente agrilhoada já não scisma
Nos mundos ideaes do coração.

Que saudades me vem d'uns bellos sonhos,
Que não pôde guardar minha lembrança!
Que desejos sem fim, que infinda esp'rança
Nutria o coração nos vôos seus!
Este vago pensar, que eu tenho hoje
Dos magestosos dons da Providencia,
Seria, n'esses dias d'innocencia,
De perto vêr a imagem do meu Deus!

Companheira d'infancia, se soubesses
Dos meus gosos d'então dizer-me o encanto,
O riso de meus sonhos se podesses
N'um canto harmonioso traduzir...
Vertêras-me no seio a singeleza,
Mostráras-me dos anjos o destino,
Ergueras-me n'um extasis divino,
Mandaras-me ao SENHOR por ti pedir.

Meus labios já não tem essa candura,
Que, nas azas da fé, exalça a prece:
Verteu n'elles o fel a desventura,
Que a doce paz não deixa á oração.
Tu, do mundo tão longe, anjo do ermo,
Ditosa entre as ditosas d'esta vida,
Não perdeste o fervor na amarga lida,
Que mata as illusões no coração.

Correu-te a vida arroio bonançoso,
Teu pranto não verteste em suas aguas:
Ha lagrimas d'amor; mas não são máguas,
Que nunca mais permittam ser feliz.
Ha na terra um prazer, que não expira,
Uma luz immortal d'eterno brilho,
Amar um caro esposo, um terno filho,
Sentir um sancto amor, que ninguem diz.

Um filho, e acarinhal-o, e comprimil-o
No seio delirante de alegria,
E ouvir-lhe a voz de *mãe,* que balbucía
Nos labios, que o prazer articulou.
Depois, tenra vergontea, vêr-lhe as flôres,
E os fructos saborosos da candura,
E um docil coração, e a crença pura,
Que o nome de JESUS lá fecundou!...

E's mãe! que mais anceias cá na terra,
Quando afagas teu filho, estremecida?
As glorias e o prazer, que o mundo encerra,
Não valem um sorrir do filho teu!

Em quanto o vês, tenrinho, amar-te os beijos,
Repara n'essa fronte luminosa;
Exultará teu seio, mãe ditosa,
Pois n'ella o brilho vês da luz do ceu!

Bem raro é n'este mundo um goso estavel!
Mas Deus t'o permittiu: curva o joelho!
De mãe o coração insaciavel,
Jámais chora perdida uma illusão.
São puros de teu filho os labios d'anjo,
Derrama-lhe dos teus um hymno terno,
Ensina-lhe o chorar aos pés do Eterno,
Ensina-lhe por mim uma oração.

O templo

Na casa do SENHOR já ouvi canticos
De mystica toada,
Que em ondas de harmonia melancolica
Alagavam a nave, hoje deserta!
Que é d'esses, que eu ouvi, saudosos hymnos
De sancta inspiração?
Esses que eu já senti n'alma infiltrar-me,
Em extasis do ceu, fervidas crenças
Na intima oração?

O orgão tinha um som de magestade
Que não tem este d'hoje!

Dorido em seu carpir, vinha cá dentro
Brandamente vazar nos seios d'alma
Um dó e uma paixão... não sei que maguas
De viva e intensa fé!...
Não sei que pungir vinha ali do canto,
Que esp'rança, que consolo ao homem era
Chorar... que hoje não é!

Depois, do monge a voz triste e soturna
Não sei que tinha em si!
Calava o coração, vibrando as cordas
Da harpa de David.
Cadente a modular pungidos carmes
Do côro, aos pés do altar,
A alma ia a poz ella aos ceus erguida
Em perfumes de incenso esvaecida
Os archanjos saudar.

Do crente os labios tremulos, convulsos,
Osculavam o chão:
Vertiam sobre o tumulo do Christo
A dôr do coração;
A lagrima descia á face do homem
Não timida da luz;
Nem tinha a sociedade uma ironia,
Que dar ao infeliz porque, gemendo,
Se prostra aos pés da cruz.

Se a taça do martyrio era amargosa
Ao filho da desgraça, em desamparo,
Podiam tristes labios rir da morte
Crendo n'outro viver.

Disseram hoje ao homem, que uma vida,
Nas trevas do soffrer, não tinha nm facho:
Disseram-lhe que a esp'rança era uma crença
Exhausta no morrer.

No chão do teu altar não vão, oh Christo,
Hoje as lagrimas da intima amargura
Pedir uma existencia além da campa
Suave ao padecente!

O homem desgraçado hoje é blasfemo,
Concentra-se em rancor, nega o suave
Recurso do chorar, e o extremo solta
Arranco, impenitente!

N'aquella pedra polida
Onde se ergue aquelle altar,
Curvei-me, fronte pendida,
De mãos postas a rezar.
D'este pulpito deserto,
De negros crepes coberto,
Ouvi fallar de JESUS:
Era um monge que soffria
Como em horto d'agonia
Expondo o transe da cruz,

D'esta egreja a amplidão
Abrigava os filhos seus;
Vinham ouvir da paixão
Mil tormentos n'um só Deus.
Na fronte vinha-lhe escripta
Viva dôr d'alma contricta

Penitente ante o SENHOR.
Nas faces todas brilhava
Pranto e dó, que supplicava
Compaixão ao Redemptor.

Já vinte annos são passados,
Este é o Templo d'então...
Não vejo homens prostrados,
Nem murmura a oração!
Mudo o côro... o orgão mudo,
Mudo o pulpito, em tudo
A mudez do que morreu!...
Mas além vê-se o sudario
Onde o martyr do calvario
Mostra o sangue que verteu.

Vejo sorrir a impiedade
Em seus ministros... que dôr!
Tripudia a mocidade
No sepulchro do Senhor...
Impia no mundo, no Templo
Querem ser do povo o exemplo,
Querem dizer-lhe—*sorri!*
Sorri da cruz que se arvora,
Sorri d'aquelle que chora...
....
Impio! tu... chora por ti!

*

Meu Deus! a omnipotencia do teu braço
Podéra converter no pó do abysmo

As impias gerações. O barro fragil
Que ahi passa na terra, erguendo a fronte,
Tu preferes, Senhor, pulverisal-o
Sob o peso da infamia, que elle ostenta!...

Aqui, no Portugal, christão d'outr'ora,
Da vingança do céu é amplo o quadro,
Os cynicos descreem, riem, calcam
Do templo na soidão já murchas flôres,
Que a mão do patriotismo desfolhara
No tumulo de heroes!—flôres honrosas,
Não d'essas que engrinaldam torpes frontes,
Regadas pelas lagrimas do povo,
Colhidas pela mão do crime impune.

Lamentações de Jeremias

Oh vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus: quoniam vindemiavit me, ut locutus est Dominus in die iræ furoris sui.

LAM. J.

Não ergas, ó Sião, fronte orgulhosa
Entre os astros do ceu!
Viuva abandonada, esconde a face
No penitente veu!

Emporio das nações, verga-te humilde
Na tua escravidão!
Não tens um só amigo entre os teus filhos,
Despresada Sião!

Choraste, noite e dia, amargo pranto
Ninguem te consolou...
Que és tu, Jerusalem? face cuspida
Por quem já t'a beijou!

Não podeste conter teus impios filhos
Nas entranhas de fel;
Peregrinos, lá vão pedir algemas
Ao estrangeiro cruel!

Errantes, pedem patria ao universo,
Na sua proscripção;
O mundo os repelliu, porque malditos
Na terra os judeus são!

Que és tu, Jerusalem?—que é dos teus hymnos
Sagrados ao Senhor?
Porque gemem assim teus sacerdotes
Desesp'rados na dôr?

Que é do Templo, Sião, onde iam virgens
Prostrar-se em oração?
—O templo é arrasado, e as virgens... essas...
Hoje virgens não são!

Lá vejo o povo teu vil captiveiro
D'inimigos soffrer!
Calcado na villesa do dominio
Tem só livre o gemer!

Que és tu, Jerusalem?—foste opulenta
Escrava... nada tens!
Vergaram-te no chão teus inimigos,
Cuspiram-te desdens.

Na balança de Deus foram teus crimes
Pesados sem perdão!...
Jerusalem! na face eis-te um ferrete
D'eterna maldição!

II

A filha ingrata, escolhida,
Entre todas, do Senhor,
Era formosa e opulenta,
Era um divino primor!
Deus lh'os dera, e d'esses tantos
Que ella teve astros d'encantos,
Já não resta escassa luz!
De seu peito a ingrata lança
Todo o amor do que descança
A face morta na cruz!

E, depois, abandonada,
As torpezas confessou;
Não lhe valeram remorsos
Que tão pungidos chorou!

Tinha as faces descarnadas
De rojal-as, maceradas,
Gotejando um sangue vão!
Já não podem ser remidos
Seus perpetuos gemidos
Sobre a cruz da redempção!

Desvalida e vagabunda,
Orfã, na terra, a chorar,
Deparou desprezo, insultos,
Se pediu onde pousar!
Os que d'antes lhe exalçavam
Seu donaire, a motejavam
Do sarcasmo aviltador;
— Que o seu crime abominando
Era um peccado nefando,
Era um perjurio ao Senhor!

Descalça vai sobre sarças
Ninguem lhe cobre a nudez;
Cahe no triste desalento,
Recorda o crime que fez...
Ninguem diz á desgraçada:
«Ergue a face, oh malfadada!
«Olha o ceu—espera o perdão!»
Todos vão no seu caminho,
Rindo-lhe o seu desalinho,
Rindo-lhe a sua afflicção!

III

O dorido tinir d'essas algemas,
Que roja a criminosa em chão d'espinhos,

Ouvide-o, oh Senhor! — Ouvide a triste,
A deserta Sião! Deixai que o stigma
Da face possam lagrimas de sangue
Lavar-lh'o para sempre! Oh Christo! ouvide-a:

*

«Sou culpada, Senhor! — mas eu não posso
Curvar-me ao teu altar!
Os impios derrubaram-lhe as columnas...
Não tenho onde chorar.

Eu estou pobre, Senhor! — mendigo em lagrimas
Um bocado de pão!
Oh! vêde a que miseria eu hei descido...
Que immensa punição!

Meus ossos trespassados são de fogo,
No brazido da dôr;
Que infindo mar d'angustias e tormentos
Vós me déstes, Senhor!

A serpente do crime ha-se enroscado
Toda em volta de mim!
É muito, oh Redemptor, e já não posso
Soffrer martyrio assim!»

Um brinde

IMPROVISO

Ao meu amigo João Vicente Martins, fundador da creche *S. Vicente de Paula,* na cidade do Porto

Não é adulação; não são palavras,
Que a lisonja estudou!
Não venho aqui vender barato incenso,
De heroes, que o poeta faz, mentindo ao mundo,
Eu poeta não sou.

Este canto, que ouvis, tambem é vosso,
Comigo o sentireis,
Em vosso coração lá brilha a idéa,
No meu reflecte a luz d'aquella fronte,
Que invejariam reis.

*

Homem, que vieste, qual anjo,
Erguer na patria um padrão,
Desmentiste o infausto emblema
D'esta egoista geração.
Déste um exemplo á impureza,
D'esta velha natureza,
Corrompida, e sensivel;
Fizeste vêr que ha, no homem,
Paixões nobres, que consomem
O vil instincto do mal.

Lêste as paginas eternas
D'um livro tão pouco visto!...
Viste a luz da tua idéa
No Evangelho de Christo.
Sentiste a alma abrazada,
Quando viste a mão sagrada
De Jesus sobre a innocencia;
Viste a turba das creanças,
Em redor, colhendo esp'ranças
Para uma nova existencia.

Talvez te vissem no rosto
Uma lagrima brilhar;
Talvez ouvisses do Eterno
Uma voz, que manda «amar!»
Ouviste-a, sim! Era o brado
D'este preceito sagrado,
Eterna voz do Senhor!
Era a supplica do justo,
Que, tão pobre e tão augusto,
Para os pobres pede amor.

E, como Paulo, partiste
A semear o teu grão
N'um terreno, aonde as sarças
Fructos d'amor já não dão.
Mas, audaz missionario
Dos preceitos do calvario,
Tinhas a força dos ceus!
Quando entre nós vieste,
Ergueste um brado, e dissesté:
«O meu triumpho é de Deus!»

«Tenho as forças sobre-humanas
«D'uma nobre inspiração;
«Não me vem rubor ás faces,
«Se pedir ás portas pão.
«N'aquellas palhas a fome
«Uma creança consome...
«Dai-me o pão, que lhe deveis;
«Dai-me, ricos, as migalhas,
«E eu lh'as levo áquellas palhas
«Onde as penas são crueis.»

E, depois, homem da honra,
Calaste a tua missão,
E, abrindo o teu celeiro,
Déste ao pobre do teu pão.
Abraçaste as creancinhas,
Como Christo, por quem vinhas
Dizer aos homens: «piedade!
«Piedade á indigencia,
«Que não poupa a innocencia,
«Nem respeita a orfandade!»

Foste ouvido, e acendeste
Nos corações nova luz!
Acendeste o lampadario
Apagado junto á cruz.
Vai, nos berços, que creaste,
Vêr o pranto, que estancaste,
Vêr o riso da alegria!
Vai ahi buscar a gloria,
Que mal póde dar-te a historia,
Nem os hymnos da poesia.

*

Amigos! quando a alma assim se exalta,
E sobe em pranto á face o enthusiasmo
Pressentimos os ceus!
Eu sinto a saudação, voto supremo,
Elevar-me até Deus!

Saudemos este bello astro, que gira
Nas trevas d'este mundo encanecido
Em torpes sensações.
Saudemol-o n'um throno, cujas bases
São nossos corações!

Que a morte é o começo da vida

A Iria

Não chores, não! Os tumulos sinistros
Que vês n'este calado asylo funebre,
N'este alcaçar da morte, são, oh virgem,
D'este teu pranto a inspiração dorida!
Amas! e o teu amor é sancto e puro
Das virtudes angelicas, rarissimas
N'estes affectos, tão mentidos hoje
N'essa sazão tão farta de lisonjas!

Amas como eu sei que póde amar-se,
Quando se colhe uma flôr das flôres
Do mystico jardim do Evangelho,
Para, em premio de amor, e fé n'um homem,
Dar-lh'a como um symbolo d'esperanças.
IRIA! esse amor é sancto e honroso!
Não escondas as faces coloridas
Da purpura formosa da modestia,
Se te dizem: «tu amas!» não, não córes!

Vergonha, sei que a ha, mas não a temas,
Em quanto o coração te não accuse
De teres despresado os seus preceitos.

*

Mas não chores, Iria! Os gratos vinculos
Que fazem teu viver rico d'esp'ranças,
Não ha de a lousa tumular partil-os.
Tu vês pendida a flôr que, ha pouco, ainda
Viçosa do seu luxo de perfumes
Tantas galas de vida alardeava?

Cuidaste lêr na flôr o teu destino;
Julgaste que a belleza peregrina
D'esse teu rosto angelico, celeste,
Era qual da corolla d'alvo lirio
A purpura, que um sol hoje abrilhanta,
E que outro sol manhã descóra e mata...

Escuta, Iria, o bardo, que proclama
Em versos d'um sentir, que infundem crença,

QUE A ALMA É IMMORTAL![1] A EMMA o disse,
E EMMA é talvez anjo dos que descem
Ao lastimoso exilio d'este mundo,
Não a morrer, como a flôr dos prados,
Mas a chorar as lagrimas, que choram
As almas de eleição, e sacrificio.

A sancta aspiração que te levanta,
Em extasis d'amor, a alma ao Eterno,
Será mentira das que inventam homens
Será chimera das que a alma anceia?
Não póde ser, Iria! Infausta sorte
Desgraçado condão seria o nosso!
Era maldito este arrastar cadeias
Do berço á sepultura, e lá depôl-as
Como um fardo, pesado de amarguras,
Exigido por Deus!... Deus não seria,
Nem os homens, que vivem sempre martyres,
Um justo nome, que lhe dar, teriam!

A morte é vã palavra, que intimida
O espirito mesquinho, onde a virtude,
A par só do terror existir póde.

Temer um mundo novo além da vida,
É sentir ligações, que aqui nos prendem;
Mas são talvez as ligações do crime,
Que nos fazem tremer—que esse outro mundo
Distinga o crime das virtudes d'este!

[1] Allude a uma poesia, do sr. Guilhermino Augusto, publicada simultaneamente na *Cruz*.

E tu, Iria, tremes? Que é do espinho,
Que o seio te rasgou, lá cravejado
Pela mão do remorso? Não o sentes,
Ainda o não sentiste; e eu prophetiso
Que a tua morte será doce e branda,
Como é branda a passagem d'entre espinhos
Ao suave estrado de macias flôres.

Oh! que bello não é vêr no passado
Nossos vestigios n'um caminho recto
De virtudes sublimes, inda quando
Tambem lá estejam os signaes do pranto,
Dorido preço da virtude austera!

Oh! que bello não é vêr no presente
Os sasonados fructos abundantes
Da vida na sazão tempestuosa!
Que premio vaes colhendo, Iria! Sabes
Que desastres, que perdas, que infortunios
Póde soffrer o coração d'um anjo?
Bem podéras soffrêl-os, se descesses
Das grandezas do ceu, onde te exaltas,
A's baixezas da terra, onde, hoje, choras.

*

Olha, Iria, no ceu milhões de corpos,
Milhões de lumes, infinitos mundos!
Quem lhes sabe a missão? quem foi que disse:
«E' este o seu destino!»? Em vão, soberba,
A sciencia humana lhes perscruta e sonda
As profundezas do mysterio escuro,
Que envolve tudo, quanto cerca o homem.

«Quem lhes sabe a missão?...» Pergunta ociosa
Da impotente razão, do orgulho esteril!
Ninguem, nem tu, Iria, que tão perto
Vives dos anjos!
                                Mas, talvez, um astro
D'esses, que scintillam em teus olhos,
De pranto embaciados... olha, Iria...
Talvez a estrella que da terra adoras,
Como se adora um segredo, um sonho
Dos mil que o mundo ignaro e vil moteja,
Talvez adores n'essa estrella, oh anjo,
O teu perpetuo asylo, o teu refugio
Depois da morte—o maior bem da vida!

Ao pobre

> Pax super humilem, et pauperem spiritu requiescit.
>
> KEMPIS.

Tu, pobre, que teu pão pediste á porta,
Não do rico, talvez, mas do christão,
Recolhe-te contente ao teu asylo,
Verás que sabor tem esse pão!

Tens lagrimas no rosto!... isso que importa?
Felizes os que choram sua dôr...
Jesus Christo pediu!... que sancto exemplo!
E tu pedes em nome do Senhor!

Tu sabes que esta vida é tão pequena,
Como um sonho fugaz ao que é feliz?
Que tens, no mundo, egual destino ao rico,
Qualquer pomposa campa não t'o diz?

Mendigo! inclina a face n'esse estrado
Que tens para dormir, e dorme em paz!...
Não podes... tens os membros congelados...
Levanta a alma a Deus, tu dormirás!

Quem não póde dormir em leito d'ouro
Quem repouso não tem na oração,
E' esse a quem, com fome, inutilmente
Um bocado pediste do seu pão!

Em volta do seu leito, a horas mortas,
Levantam-se os phantasmas do terror!
E tu, nas tuas palhas, se despertas,
Dirás: «Bemdito seja o Creador!

«Bemdito seja o Pae dos infelizes,
«Que tão rico me fez do amor de Deus!
«Bemdita seja a mão da Providencia,
«Que um dia tem de erguer o pobre aos ceus!

«Eu passo n'este mundo sempre triste,
«Mas devêra sentir doce alegria!
«Se estendo a mão mendiga, ou cedo, ou tarde,
«Encontro, sempre o pão de cada dia!

«Que mais quero, Senhor! que mais vos peço
«Na simples oração dada por Vós!?
«A salvação, meu Deus, o patrimonio
«Dos justos, promettido a todos nós.

«A nós, homens privados d'esses gosos,
«Que eu não sei o que são, mas sei que os ha:
«D'esses gosos, que sente o abastado,
«Quando ao pobre mendigo esmola dá!

«Não mais me chorarei... E quando a morte
«A's palhas da miseria, emfim, descer,
«Deixae-me erguer as mãos, deixae que eu diga:
«Perdão, meu Deus! se eu não sube soffrer!»

Ao rico

A mão do pobre é cofre de Christo.

HEITOR PINTO.

I

Ergueu-se do seu leito de repouso
O rico sonhador d'aureas empresas;
Seu quarto de tapetes recamado
Rescende o grato aroma das riquezas.

Revê-se nas alfaias ostentosas,
Que da vida lhe doiram a mentira,
Contempla-se feliz no meio d'ellas
Um instante... talvez... depois... suspira!

Suspira!... e, se consulta a consciencia,
Não sabe d'onde vem tanta tristeza!
«Não sou—diz elle—amado eu entre os homens?
«Não compra quanto é goso esta riqueza?!»

E o pensamento amargo esvaeceu-se
No coração do rico em anciedade...
Folgou um dia inteiro entre lisonjas,
Achou a distracção na sociedade.

Alta noite voltou, ebrio de incensos
Ao folgado repouso do seu leito...
Longo tempo velou!... não sei que peso
De estranha mágoa lhe comprime o peito!...

«Não venho de gosar—murmura o rico—
«As delicias, que a terra póde dar-me!?
«Se mais ha que sentir d'emoções doces,
«Não posso eu ámanhã lá saciar-me!?»

Despertou de manhã, scismou venturas
De novas impressões; mas, quando scisma,
Perturba-lhe uma nuvem lindos quadros,
Que via por detraz d'um aureo prisma.

Lá estava aquelle triste pensamento,
A sêde insaciavel de ventura;
E, ás vezes, um lhe vinha apoz o outro,
Até chegar o extremo—a sepultura!

Então seu coração lhe palpitava,
E amargo desprazer o consumia...
Mas, longe a triste idéa!... O ouro é tudo!
E á sua invocação nasce a alegria!

E o mundo franqueava-lhe seus gosos,
Baratos de comprar, mas não bastavam
A' sêde abrazadora d'esse rico
Em cujo coração mais requeimavam.

II

Passava o rico junto ao pobre asylo
D'uma pobre mulher que acalentava
Um livido filhinho, em quanto outro,
Chorando, á pobre mãe pão supplicava.

No rosto d'esta mãe desciam gotas
De pranto, que é talvez refugio extremo,
Mas tambem o melhor, pois que esse pranto
Converte em alegria o Ser Supremo.

E o rico foi tocado ao vêr tal scena
D'amargura no quadro da pobreza!...
Um pensamento rapido lhe mostra
Extremos de miseria e de riqueza!

No regaço da pobre a mão do rico
Depõe, para o seu pão, ouro que avulta...
Eis um novo prazer de emoção nova
Lhe vibra o coração, e o rico exulta!

Longo tempo lhe vai suspensa a alma
N'aquelle estranho lance de piedade...
Recorda-se de ouvir, quando creança,
Uma doce palavra—caridade!

A si proprio interroga em que ha sumido
O ouro abandonado ao desperdicio!
Tão barata virtude aquella fôra,
E tão caro comprára tanto vicio!!

Sereno, adormeceu; e, despertando,
A imagem da mulher se lhe afigura,
No meio de seus filhos, que sorriem,
Vendo a face da mãe sorrir ventura.

Vê-os fartos de pão, vê-os vestidos,
Com fervor infantil ajoelhados
Ao pé de sua mãe, que pede ao Eterno
Para o seu bemfeitor annos folgados.

E' novo o seu prazer! Raia a alegria
N'aquelle coração gasto de goso,
Mas perfido gosar, que o fel derrama
Nas sensações do candido repouso.

E' novo o seu viver! Onde a penuria,
Envolta em seus andrajos, geme occulta,
Vereis a mão do rico—a mão d'um anjo
Seguir as expansões d'alma que exulta.

E' nova a sua esperança; intimo senso
Lhe diz—que não é balda a caridade;
Estuda o Evangelho, e lá depara
Promessas a cumprir na Eternidade.

E' nova a sua fé! Crê na virtude,
Mas não do amor proprio a altiva filha,
Que essa, toda terrena, é vã mentira,
Por cujo preço o amor proprio brilha.
. . . .

III

E o rico foi feliz! Passou-lhe a vida
No remanso da paz, e da ventura;
Por fim teve orações, subindo a Christo,
E lagrimas d'amor na sepultura.

A morte do impio

Que infeliz é a morte dos peccadores!
PSALM. 33.

I

Entrae n'este aposento, onde agonisa
Um de vossos amigos:
Dae-lhe consolações, dae-lhe conforto,
Agora... pois, manhã... que importa ao morto
A pompa dos jazigos?!

Entrae n'este aposento, onde já vistes
O mimoso da sorte;
Acercae-vos do leito, onde elle geme!...
Tão forte no viver, vêde-o que treme
Do phantasma da morte!

Apertae essa mão, que a morte aperta
Com terrivel vigor!
Animae-o no transe d'esta hora,
Apagae-lhe esse fogo, que o devora
Na ancia do estertor!

A cruz! mostrae-lhe a cruz!...
....
Não existia,
Nem signal de christão!
Viveu sem Deus o impio, e na agonia,
Se o remorso lhe grita, balbucia
Sinistra imprecação!

A larva do passado a mão do crime
Ao leito lhe encaminha:
Forceja em repelli-la, e desfallece...
Quer fugir-lhe... não póde, e a larva cresce
E ao leito se avisinha...

Oh! dae-lhe um sacerdote! ainda é tempo
De salva-lo, talvez!...
Arrancae-lhe uma lagrima dorida,
Tirae-lhe uma oração da alma perdida...
Pedi-lh'a inda uma vez!

II

Um padre entra na camara do impio,
E o impio os olhos crava apavorados
No vulto magestoso d'esse homem,
Que junto ao leito está:
Mensageiro da morte o considera,
E não homem de Deus! impio sarcasmo
Os labios não proferem, mas da alma
Ninguem lh'o arrancará!

O padre, em cuja face irradiava
Esp'rançosa alegria, entristeceu-se,
Vendo o crime torvar aquella alma,
Revolta contra a luz!
Mas, forte da missão que o ceu lhe ha dado,
E inflammado na fé, pede aos amigos
D'aquelle agonisante, o auxiliem
Trazendo-lhe uma cruz.

Amigos... n'este lance abandonaram-o!...
Confortos... nem um só vindo d'amigos!...
Amigos! era um só na hora extrema...
—O ministro de Deus!
Trazei-lhe o vosso balsamo, oh impios!
Ajudae-lhe a quebrar essas cadeias,
Que o algemam na terra, onde insultára,
Tantas vezes, os ceus!

A cruz da Redempção entre dois cyrios,
E um padre... eis quanto ahi ao impio resta,
No quarto, onde a final se fecha um drama
De perversas paixões!
Que importa o padre e a cruz? o moribundo
Tem dentro das entranhas um incencio,
Que as lagrimas lhe queima, e desesp'rado
Não quer consolações!

Oh! que acerbos phantasmas lhe esvoaçam
Nas sombras do clarão, que a luz derrama
Entre os torvos panaes do leito, imagem
Da eça funeral!
Oh! que imagens de virgens, que se arrastam
Cuspidas n'essa fronte, onde existiram
As corôas da virtude, e hoje a deshonra
Poz ferrete infernal!

III

Suor de morte lhe gelara as faces,
Cavos gemidos lhe arrancava a dôr!
Joelhava o padre, soluçando a prece:
«Misericordia, compaixão, Senhor!

«Não podem homens, sem o vosso auxilio,
«Salvar um impio, que descreu de Vós!
«Cravae-lhe n'alma o pungir do crime,
«Fazei calar de Satanaz a voz!

«É tempo ainda! inspirae-me, oh anjos
«Palavras sanctas d'incendida fé!
«Que eu vá de rastos a cumprir um voto,
«Mas salve este homem, se perdido é!»

IV

Lá no leito d'espinhos reluctava
A vida contra a morte, e arquejava
Saturado de fel um coração...
Ao impio o seu passado é tão formoso!
E o porvir... *para sempre*... duvidoso...
Que medonhos contrastes d'afflicção!

Saudades do seu berço d'innocencia,
Saudades das paixões, em cuja ardencia
A imagem do seu Deus tornára em pó!...
Saudades dos seus crimes e maldades,
Saudades do que foi... tudo saudades...
E esp'ranças, meu Deus!... nem uma só!

«Padre—exclama o impio—eu tenho ouro,
«Sou rico, dou-te bens, e o meu thesouro...
«E ampara-me o viver um anno mais!
«Não devo inda morrer! Se não me acodes
«És um fraco mortal, que nada podes,
«Se invocas o teu Christo entre os mortaes!»

O padre estremeceu! Nas mãos lhe treme
A cruz do Salvador... e o impio freme
Soturnas vozes de blasfemia atroz!
O padre ajoelhado a Deus recorre...
Mas nos olhos do impio a luz já morre...
E a lingua do blasfemo não tem voz!...

E o padre murmurou: «Foram contados
«Teus dias, infeliz! vão ser julgados
«Teus crimes na presença do Senhor!
«Alma christã, aparta-te do mundo,
«Teu abysmo de crimes foi profundo,
«É mais a compaixão do Redemptor! [1]

«Compaixão, oh Senhor, que este precíto
«Tem lagrimas, talvez, geme contrito,
«Mas queima-lh'as a dôr do coração!
«É creatura vossa... foi do nada
«Por vossa mão santissima tirada...
«Reconhecei-a Vós por compaixão!» [2]
....

[1] Proficiscere anima christiana de hoc mundo.

[2] *Miserere, Domine, gemituum miserere, lacrymarum ejus. Agnosce, Domine, creaturam tuam non á diis alienis creatam, sed á te solo Deo vivo, et vero.*

São textos da oração que a egreja applica aos agonisantes, indifferentemente a sanctos e impios, porque, nas apparencias da morte boa ou má, é caridade e dever do christão sujeitarmos os nossos juizos ao Juiz de Deus.

V

O padre erguera a face veneranda
Sobre as extremas contorsões do impio,
Que infundiam terror!
Um instante depois, o padre orava
Por alma do infeliz... pois só Deus julga
Quem é o peccador!...

Quarta feira de cinza

Memento homo ut pulvis es
et in pulverem reverteris.

Homem! pára, e os olhos fita,
Antes que teus passos contes,
Nos extremos horisontes
D'este caminho que vaes:
Vê que, ao longe, a luz se apaga,
Como em ceu de tôrva plaga,
Porque a morte lá divaga
Entre sombras sepulchraes!

São seguros os teus passos
Nas flôres do teu caminho...
Mas... além... pungente espinho
Rasgará sangue em teus pés ..

Nos umbraes do cemiterio
Tem a morte o seu imperio
Sobre um reino de mysterio,
Onde tu vassallo és...

Quanto mais cego caminhas
N'esta estrada tortuosa,
Mais a morte pressurosa
Te disputa a escaça luz:
Tu não vês d'um pae amado,
D'um irmão idolatrado
Um sepulchro coroado
Polo symbolo da Cruz!?

Vês, e passas, e deslembras
Esse funebre moimento,
Que te enlucta um só momento
O prazer das vis paixões...
Nem no morto vês o exemplo,
Nem tocado te contemplo,
Quando lugubres no templo
Pelo morto ha orações!

Hontem inda te apraziam
Os folguedos desvairados
D'esses tempos detestados
De maldita idolatria!
Inda hontem palpitante
De emoção embriagante,
Com tregeitos de bacchante
Leda vida te corria!...

Hoje um canto tristuroso
Vem turvar-te as alegrias!...
Cede o hymno das orgias
A's lamentações de Job.
Lá das regiões da morte,
Soa um brado: «homem, que és forte,
«Foste cinza, é tua sorte
«Ser um dia cinza e pó!»

Ao immaculado coração de Maria

Senhora! o vosso altar já foi sacrario
De riquezas do ceu, que o ceu vos dava
Em prol de Portugal.
Em cada portuguez tinheis um filho,
De todos ereis Mãe, refugio a todos,
Nas angustias do mal.

Em vosso coração immaculado
As lagrimas da dôr tinham asylo,
Oh Rainha dos Ceus!
As lagrimas com vosso patrocinio,
Erguiam-se da terra, qual perfume
Ao throno do meu Deus!

Em transes d'afflicção, nos grandes riscos,
No afôgo das pelejas duvidosas,

Vosso nome se ouvia:
As armas orgulhosas, destemidas,
Afrouxavam nas mãos dos inimigos,
Ao nome de MARIA!

Lá nas iras do mar, quando o sepulchro
Ao convulso baixel a tempestade
Nos recifes abria;
Azulavam-se os ceus, fugia a nuvem,
Voava a viração, vinha a bonança,
Ao nome de MARIA!

Quando em leito de pallida doença
Febril enfermo, abandonado e triste,
Sem esp'ranças jazia;
De novo o coração lhe palpitava,
Erguia-se robusto, as mãos erguendo
Ao nome de MARIA!

Donzella, que a chorar passára noites
De saudades por quem tamanho affecto
Lhe não agradecia;
Lá vinha a ser feliz com quem amára,
Pois déra o seu futuro em segurança
Ao nome de MARIA!

E a carinhosa mãe, que o filho amado
De seus amigos braços para a guerra
Chorando, despedia;
Joelhava-se, depois, ante o oratorio,
E a vida de seu filho confiava
Ao nome de MARIA!

E seu filho, mais tarde, em vivas ancias,
A' porta do seu lar, com mão tremente,
Receoso, batia...
Nos braços maternaes contava, ufano,
Triumphos, que tivera sobre a morte,
Ao nome de MARIA!

O nome de MARIA hoje invocamos,
Nós, filhos d'esses homens d'outras eras,
Que morreram na fé.
SENHORA! protegei nossos trabalhos!
Sem protecção do ceu o esforço humano
Baldado esforço é!

No coração dos vossos portuguezes
Despertai o temor, tão vivo um dia,
No porvir immortal.
Do vosso resplendor a luz das crenças,
Descei sobre este solo, escuro e pobre,
Salvareis Portugal!

S. João Baptista

Donde vinha o rumor que alvoroçava
As turbas d'Israel,
E, surdo, murmurava
Nas aras dos pagãos, e amedrontava
O tetrarcha orgulhoso em seu docel?!

Soava um hymno accorde d'alegrias
No reino de Judá:
Fallava-se n'um rei n'aquelles dias
Prescriptos para a vinda do Messias,
Egual a Jehová.

Virgilio, o rei cantor do paganismo,
Vencendo a corrupção,
Vencendo o servilismo,
N'um extasis d'amor, e mysticismo,
Propheta, descantava a Redempção.

Nos ceus orientaes todos fitavam
A mais brilhante luz:
As nações do poente ali buscavam
Um astro, cujos raios fulguravam
Na fronte de JESUS.

O gélido torpor da idolatria
Matára os corações:
Nos fogos d'uma orgia,
O homem, sem destino, consumia
A vida, enredo vil de vis paixões.

Apenas de Abrahão restava um culto
No reino d'Israel;
Mas culto, sem temor... bem mais um insulto,
No manto dos hypocritas, occulto,
Como ultraje cruel!

Os homens, sem poder, e sem ventura
Lembravam-se de Deus;
Ao verem que tortura
Lhes ralava na terra a vida escura,
Anceavam paz e luz dentro dos ceus.

O mundo, em seus delirios, corrompido
Ao seu abysmo vai...
Não sôa já um ecco enfraquecido
Do rigido fragor outr'ora ouvido
No alto do Synai.

Nas vastas dimensões da altiva Roma,
Se um só justo passou,
Ao ceu a mente assoma,
Prostrado, como Loth, ao vêr Sodoma,
Que o fogo devorou.

*

Houve um justo. Era BAPTISTA,
Era o anjo precursor,
Que suspende a luz celeste
Sobre as trevas do terror.

Outro anjo o revellára
A seu pae, homem sem fé,
Que não crê, na esteril 'sposa,
Um poder, que seu não é.

Quer nos labios a descrença,
Infeliz, balbuciar;
Mas a algema do castigo
Não lh'a deixa articular!

Mudo escuta o brado alegre
Que a fecunda esposa deu,
Ao sentir, que, nas entranhas,
Seu filhinho estremeceu.

E' que dentro em seu alvergue
Entrára a Virgem MARIA
A cantar um sancto hymno,
Delirante d'alegria.

*

Quem é esse mancebo, envolto em pelles,
Errante nas agruras do deserto,
Não tendo a quem pedir sustento incerto
Para a fome matar?

Quem é esse infeliz, que pede ás fragas
Um leito onde repouse os membros lassos,
Nos instantes, que dá ao somno, escassos,
Em que deixa d'orar?

BAPTISTA, o precursor de JESUS CHRISTO,
Aquelle, pelo anjo annunciado,
Apenas de seu berço emancipado,
Quer o excesso da dôr!
Sósinho, nas entranhas do deserto,
Espera ouvir do anjo a voz amiga
Que, mostrando-lhe a estrada, aponte e diga:
«Vai! manda-te o Senhor!

E foi! As multidões quando escutaram
Essa voz inspirada, estremeceram
E confusas, e timidas disseram:
«E' chegado o Messias!
«E' este o promettido! Eia! adoremos
«O homem-redemptor, o pae mais terno,
«O Santo, o Justo, o Bom, Filho do Eterno,
«Segundo as profecias!»

—Não sou—lhes diz JOÃO—Eu represento
—A voz que, no deserto, em vão clama;
—Mas do seio de Deus eu vejo a flamma,
Que abrasa os corações...
—Tremei vós, orgulhosos no fastigio
—Das grandezas da terra!... Ouvis o abalo
—Do grande d'Israel?! Vinde adora-lo...
—Erguei-vos, gerações!—

E clamava «penitencia!»
Pelas margens do Jordão,
Como estrella matutina,
Na manhã da redempção.

«Penitencia!» era o seu brado
Quando o fausto das orgias
Simulava a febre ardente
Do que morre em agonias.

«Penitencia!» era o seu brado
No portal do fariseu,
Alma tôrpe em sacro manto,
Que tentou mentir ao ceu.

«Penitencia!» era o seu brado
Nos covis da indigencia,
Onde a fome era a blasfemia,
E a desgraça a impenitencia.

E na purpura do crime
O abastado trepidou;
E no andrajo da virtude
O indigente exultou.

*

Joelho em terra! escravos da serpente
Que Maria esmagou!
Joelho em terra! Vai passando o CHRISTO
Que dos astros baixou!

Adora-vos, SENHOR, immensa turba
Com a face no chão!
Hosanna, rei dos reis! pobre entre os homens
Da mais pobre nação!

Prostrado o «precursor» ouvi-lhe a prece
Pelo povo infiel!
Ouvide-o, que seu pranto encerra as dôres
Do reino d'Israel.

E vós lhe daes a mão, fazeis erguel-o
Do seu humilde pó...
Ouviste no deserto os seus gemidos
Como outr'ora os de Job.

Nas margens do Jordão, das puras aguas
A sacra fronte ungis:
JOÃO hesita, e treme, e vós, oh Christo,
O baptismo pedis!

Precursor de JESUS! que amor inspira
Vossa augusta missão!
«Eis o manso cordeiro...—vós dissestes—
«Votado á Redempção!

«E' victima do amor e do resgate
«O cordeiro de Deus!
«Seu sangue vai descer da cruz do opprobrio
«Como preço dos ceus!»

*

E clamava «penitencia!»
Pelas margens do Jordão,
Como estrella matutina
Na manhã da Redempção.

«Penitencia!» era o seu brado
Nas cabanas e doceis:
Sua voz fallava altiva
Fossem pobres, fossem reis.

Entrou no paço d'Herodes,
Nos festins da corrupção;
E maldisse o rei que espósa
A mulher de seu irmão.

Sente os pulsos algemados
E, no carcere, sem luz,
O perdão do rei adultero
Supplica ao seu JESUS.

Uma voz chama o seu nome,
Uma mão lhe solta as suas;
E' serena a sua face,
Quando vê espadas nuas.

Curva a fronte; e a mão do alfange
Faz rolar, em aurea taça,
A cabeça, premio e mimo
Dos caprichos da devassa.

Nos transportes d'um banquete,
Doudejando de prazer,
Herodias delirante,
A cabeça ali quer vêr.

Um adresse desencrava
Do dourado carmezi,
Atravessa-lh'o na lingua,
E, vingada, folga e ri!
....
....

*

....
Herodes! que é do teu famoso exercito,
Que, ha pouco, a batalhar, marchava ufano,
Qual heroe, que venceu?
Vai!... levanta as bandeiras espargidas
Do sangue d'esses bravos, retalhados
Pela espada do ceu!

Na concha da balança pesa o sangue
Dos vinte mil, que alastram as campinas
Do reino de Judá!
Na outra pesa o sangue do BAPTISTA,
Verás equilibrado o sangue; e o ETERNO
Entre ambos julgará!... [1]

[1] O historiador judeu Flavio Josepho attribue á morte de S. João Baptista o destroço maravilhoso do exercito de Herodes. Não ha authoridade mais insuspeita. Veja-se a sua *Historia da guerra dos judeus, e antiguidades judaicas.*

Ave, Maria!

Dum esset rex in accubitu suo,
nardus mea dedit odorem suum.
CANT. I, II.

D'esses mundos de luz, mansão do Eterno,
O anjo do Senhor desce a Maria;
Que um filho nutrirá no virgem seio,
O anjo lhe annuncia.

E a casta pomba de innocencia, humilde,
«Eu sou—lhe diz—a escrava do Senhor!
«Se é vontade de Deus, que eu seja feita
«A mãe do Redemptor!»

E o espirito divino espósa a Virgem
Eleita pelo Pae Celestial;
E o verbo desce envolto em nuvens d'anjos
Ao seio virginal.

Oh templo do meu Deus! altar sagrado
Onde o manso cordeiro vem do ceu
Cumprir o sacrificio pelos homens,
Que Lucifer perdeu!

Quem póde a Vós erguer os olhos d'alma
Que não sinta curvar-se o joelho ao chão?
Quem póde, que não deixe orar os labios
Fervorosa oração?

Orar a Vós, oh Anjo do resgate,
Santa Imagem d'amor e Redempção;
A vós «cheia de graça» nosso abrigo
Nos transes d'afflicção!

A Vós, que desde o cahos desenhada
Na mente do meu Deus vivieis já!...
Se «o Senhor é comvosco» o anjo disse,
O homem que dirá!?

«Bemdita entre as mulheres» sêde o amparo
Dos cegos pelas nevoas da paixão;
Vertei-lhe a luz do ceu no entendimento...
Fallai-lhe ao coração!

«Bemdito seja o fructo» dos remidos
Que allivio a tantos é na sua dôr!
Por elle o pranto em gosos se transforma
No maior peccador!

Oh mãe de Jesus Christo! a Vós ajoelho,
A Vós me entrego, vosso escravo sou;
Nas trevas vos pedi a luz das crenças,
E um astro fulgurou!

Deixai descer seus raios luminosos
N'esta senda feliz da minha fé...
Ai da vida sem luz!—depois a morte
Que terrivel não é!...

Impressão d'uma morte repentina

Quid est homo?
PS.

Não contes, anjo, não contes
Com o dia de ámanhã!
Não viste a vida esvair-se,
Entre os tumulos sumir-se,
Como a esp'rança incerta e vã!?

Que importa luctar co'as maguas?
Que importa ser infeliz?
Este sonho, esta existencia
Torna-se em impia demencia,
Quando o que soffre a maldiz!

Mas o rico, o venturoso,
Que é da vantagem que tem?
Nenhuma, anjo, nenhuma;
Antes que a morte o consuma,
Consumil-o a morte vem.

Pergunta áquelle cadaver
Onde deixa um monumento?
Hoje pompas orgulhosas,
Hoje ostentações vaidosas,
E ámanhã o esquecimento.

Tu bem vês que a vida é sonho,
Esses faustos são mentira...
A pobreza, em vida honrada
No sepulchro é laureada,
Pela morte a Deus aspira.

O preço de uma lagrima

VERSÃO LIVRE DE VIOLEAU

Do pulpito em redor, á tarde, as turbas
Os tormentos do Golgotha escutavam;
Um padre d'alvas cans, e a cruz em punho,
Contava os transes do trespasse acerbo.
Fallou de Judas, das crueis affrontas
Do pretorio, da tunica rasgada,
Da cana aviltadora, e das blasfemias
D'um povo ingrato, e fero, e sem piedade,
E dos caros discipulos traidores.

Da mais triste das mães fallava elle,
E com ella chorava. Amargo pranto
Do coração aos olhos attrahia,
Qual tributo d'amor á cruz do Eterno,
Sua voz d'inspirado!
A' sombra escura
D'um pilar, um mancebo era encostado.

A angustia maternal sondada a fundo
Pelo padre de Christo, ás vezes, n'alma
Do mancebo soava em sons pungentes,
E lagrimas furtivas lhe arrancava;
E seu corpo tremia, quando o padre
Exclamava: «MARIA! ó Mãe das Dôres!»

Quem visse a face pallida, assombrada,
D'este homem, só, a mergulhar-se em sombras,
Julgára vêr o anjo do remorso,
Em nome d'um Deus martyr, supplicando
Para os homens perdão!
Era bem triste,
Bem digno de dó este mancebo!
Seus dias infantis, por mão da esp'rança,
Em berço d'ouro emballados foram.
No regaço da mãe elle aprendêra
Orações para Deus, co'as mãos erguidas.

Depois, adolescente, abandonára
Seus carinhosos paes, e, dado ao mundo,
Seguira a estrella d'um amor profano,
E, apoz ella, n'um profundo abysmo
De torpezas insanas resvallára.

No lodo quiz achar essas venturas
Impossiveis na terra! E a fé, e a crença,
Qual peso insupportavel, rejeitou-as.
Sem leme, fragil lenho, arrebatado
Pelas ondas do crime, ia d'encontro
A cada escolho d'este mar da vida..

Seu ouro, dom do ceu aos que se doem
Das lagrimas do pobre, em mãos d'este impio
Era o preço da honra, em almoeda,
Era o escarneo feroz da indigencia.
Bello, a seducção era-lhe facil;
Rico, o seu triumpho era infallivel;
Talentoso, venceu quando a belleza
E o ouro podem menos que a palavra!

Sua mãe, calada sempre em seus tormentos,
Queixára-se uma vez... depois... morrera!
Entrára em casa o filho... e o quarto d'ella...
Deserto... não... lá estava a mãe no esquife!
Alguns dias chorou... fugiu dos homens,
Mas, prestes, suffocando o seu remorso,
Lembrou-se de Pariz—terra d'encantos,
Onde a flôr da saudade em breve murcha.
Já prestes a partir, sósinho e triste,
Vergando sob o peso do enojo,
Lento veneno que devora o espirito,
Errava pelas ruas d'essa terra
Abandonada... e talvez p'ra sempre!...

Distrahido, chegou do templo á porta,
Onde fôra christão, e onde viera
O cadaver da mãe buscar refugio
A's duras penas da chorosa vida.
Aberta estava a egreja; e elle vira
As multidões entrar... acompanhou-as.
De crepe viu forrado o templo augusto
E de negro coberto o Crucifixo,
E, despojado o altar, prostrado o povo.

Escuta vagamente a voz, que conta
Do Salvador as amarguras intimas.
Sua mente, apavorada como a noite,
Se quizesse resar, não poderia!
E quando o padre exclama—«Ó mãe das Dôres!»
Apenas comprehendeu que era medonha
A vida que vivia, assim ralada
Por mão, que o coração lhe aperta irosa,
E sente a precisão de verter lagrimas.

Descera o padre da tribuna austera.
As luzes nos brandões já são extinctas;
A lampada symbolica derrama
Um pallido clarão no tabernaculo,
Onde a imagem do Christo não fulgura.
Um confuso rumor esvae-se ao longe
De passos, e palavras, que se extinguem.
Fecha-se a porta, e o mancebo immovel,
Sobre os joelhos recostada a face,
Perdido em sonhos de visões terriveis,
Não vê que é só. E o silencio e a noite
Acordam-no em fim... Ergue-se... corre...
Chama cem vezes... quer sair debalde...
Seu ecco apenas lhe responde aos gritos.
Sob um vago terror lhe arqueja o seio.
Um homem tão altivo, ei-lo tremendo,
Como debil mulher, das sombras torvas
Que volteam, durante as longas horas
D'aquella noite immensa. A passos largos
Da lampada, colerico, se chega:
Recorda seus desdens cheios d'orgulho,
E em tudo que é fé cospe despresos!

Elle! despresador de Jesus Christo,
Despresador do reino onde ha espirito,
Ao terror cederá d'infantis larvas?!
Contos de velhas! E sorriu... um instante...

Uma egreja natal, embora envolta
Nos crepes negros da semana santa,
Mysterios em si tem, que o affecto acordam.
Ninguem lá curva o joelho, que não sinta
Restos de paz, de fé, e de innocencia.
Assim, junto do altar, o impio joven
A's vezes via a luz de viva imagem,
Que brilhava nas trevas de seus crimes.
E dizia:—«Eis-aqui o baptisterio!
«Esta agua, qual perfume, ungiu outr'ora
«Meus orgãos infantis. Aqui... as preces,
«Que vão ao ceu, me foram ensinadas...
«Aqui dado me foi o pão dos anjos
«Por mão do padre... o pão mysterioso!
«E eu era puro então! Materno beijo,
«N'este meu coração, tinha um murmurio
«D'ineffavel prazer! Entre creanças
«Eu brincava e sorria!... e o rir d'infancia
«Nos labios da innocencia... ah! quanto é doce!
«A' sombra das cortinas do meu quarto
«Um anjo protector, guarda invisivel,
«(Dizia minha mãe) me esp'rava o somno,
«E os sonhos em meu berço acalentava.
«Eu era o orgulho de meus paes felizes!
«Mocidade fatal! desejo ardente!
«Depois que eu me curvei a teus conselhos,
«Que me déste no mundo? Em recompensa

«De tanto que perdi... tu que me déste?!
«Porque fujo do templo? Eu bem podéra
«Sentir em minha mão a mão da virgem...
«E aqui, perante Deus, dos labios d'ella
«Palavras escutar d'eterno goso.

«Bem podéra meus filhos ter nos braços,
«Com elles repartir os beijos ternos,
«Os carinhosos dons de minha esposa!
«Eu proprio anniquilei minha ventura!
«Nada posso por mim!... Sobre esta pedra
«Minha mãe murmurou a prece extrema...
«E eu, ingrato filho, longe d'ella...
«Ao longe me perdi!... impio!... matei-a!»

Cançada de soffrer esta alma ardente,
Buscou no somno a paz d'este arduo inferno!
Quiz mentir ao remorso... e já nas palpebras
O somno a bemfazeja mão descia...
E já do templo a abobada sombria
Chamara a si as larvas inquietas,
Quando na torre em lugubre toada
Doze vezes bateu o bronze augusto.
O mancebo tremeu! Na face livida
Um halito gelado lhe perpassa.
Estende um braço... uma mortalha encontra,
E sente a mão por outra comprimida.
Tenta fugir... em vão... que assim lhe fallam:
«Não lutes, que é loucura! Antes m'escuta:
«Estes rapidos instantes... são-me caros...
«Mil annos de tormentos dei por elles.
«Quando eu vivi, meu filho despresava

«As minhas ternas supplicas!... E hoje,
«Morta, a meu amor talvez se humilhe!
«No bello paraizo, doce premio
«De minha fé, de meus padecimentos,
«Eu sem ti, que farei, meu caro filho?
«Soffrer... que importa... se salvar-te posso?!
«Sabe-o, pois, em fim, chama-te o tumulo
«Dentro d'um anno, e n'esta mesma hora!
«Cultiva os dias que te cede o Altissimo!
«Ceu ou inferno! escolhe!»

A mão gelada
Deixou cahir a mão que presa tinha:
E a voz materna, murmurando, ao longe,
Um som soturno, e lento assim dizia:
«Dentro d'um anno!... A' meia noite!...»

Um anno!
Que surpresa! que dôr! que extrema angustia!...
Sae da egreja o mancebo, quando é dia,
Comsigo leva a citação tremenda,
Feita por Deus, embora o logar mude:
«Dentro d'um anno!... A' meia noite!» Em tudo
Gravado vê tão pavoroso aresto!
Sombrio desespero, horrivel febre,
Se apossam d'elle, incredulo n'outr'ora.
Suspira e amaldiçôa, e ruge ás vezes,
E a quanto o cerca exhora auxilio inutil.
Exclama ás vezes no silencio d'alma:
«Farei eu penitencia? e a fronte altiva
«Pelo pó rojarei? Serei eu visto
«Manhã buscar no padre, que detesto,
«Palavras de perdão? E os meus amigos

«Não se ririam?!... Sim! Ah! custa muito
«Ser corajoso em receber o ultraje
«Do pungente sarcasmo, que tortura!»
Depois ao recordar-se a antiga vida,
Tocado pelo estimulo dos gosos,
Exclamava: «Pois sim! que venha a morte!
«A mim... o turbilhão de mil prazeres!
«A mim... gratos festins libidinosos!
«A mim... o ardente amor, que embriaga o espirito!...
«No fundo o copo tem a melhor gota!
«Esgotemos a taça antes que a morte
«Me cérre os labios com perpetuo sello!»

E buscou em Pariz o esquecimento
Do seu praso infallivel! A tristeza
Mais profunda, talvez, lá o tortura.
De Balthasar a lugubre legenda
Nos devassos festins depara o triste!
A suprema sentença estava escripta!
O tempo se devora a cada instante...
Seis mezes já lá vão... resta metade!
Tem ouro, tem belleza, e graça, e forças,
E não podem salva-lo! E sua alma
Poderão melhora-la essas venturas?!
Talvez! Pois bem! o impio vai salvar-se...
Agora!... ámanhã!... Não! que ha sacrificios
Tremendos a fazer! Ha a vergonha
De deixar um caminho, aonde outr'ora
Funestas relações se contrahiram!...
Manhã... talvez!... JESUS é tão piedoso!...
Quem não sabe que a lagrima vertida

Com fé e com amor... uma só basta
A desarmar-lhe o braço justiceiro!
....

Chegado o tempo, fiel a seus designios,
Quiz Alfredo tornar ao lar paterno,
A chorar, solitario, as suas culpas.
Mas, antes de partir, o seu segredo
Ao seu amigo intimo confia,
Córando de vergonha ao revelal-o.
Ah! foi isso bastante! O falso amigo
Desvia-o, lembrando-lhe que um sonho,
Um phantasma, talvez, o ludibria!
Sorri-se de que a Mãe lhe haja fallado:
De boa fé lhe zomba, e, *franco amigo,*
Supplica-lhe não creia eguaes inepcias!
«Seria um sonho?!» se interroga elle.
«Embora fosse... na semana extrema,
«Uma lagrima contricta... hei de choral-a!»

Qual, em mar tormentoso, a afflicta victima,
Ao vêr seu companheiro de naufragio
Abraçado na taboa redemptora,
Tambem n'ella se aferra, e, sem salvar-se,
Não deixa a salvação ao seu amigo;
Tal o homem corrupto, ao vêr o impulso
Da honra e do remorso em fim triumphando
N'aquelle que arrastára ao seu abysmo,
Quer comigo arrasta-lo ao crime e á perda!

Alfredo, escravo, e preso entre as algemas
Dos lubricos festins, bebe o veneno
A longos tragos por lasciva taça.

Ahi mãos de mulher, cingindo as suas
Não as deixam juntar, ao ceu erguidas,
Na hora do remorso! O mez extremo
É quasi findo! . Embora!... que as orgias,
Dos copos atravez, se o vinho espuma,
Não deixam vêr do tempo o vôo rapido!
Um outro mez succede. . outro começa,
A Alfredo, allucinado nos deleites,
Entre os devassos que chamára «amigos»
Ao vêr de perto a ultima semana,
A si proprio se disse: «Eu sou um louco
«Que importa deixar já meus doces gosos?
«Mais ainda um prazer! um só! bem bastam
«Oito dias á dôr! Mais um sorriso...
«Que uma lagrima só custa bem pouco!»

E os amigos diziam:—Nossos hymnos
«Não são do canto-chão as choradeiras!
«Chegada a hora extrema... a noite outava...
«Que turbilhões de luz e de barulho!
«Beberás, sonhador! E a fatal noite
«Has-de passa-la tão folgada e leda,
«Que no dia seguinte nem te lembres
«De contar-nos tolices de virtude,
«Nem projectos de parvo convertido!»

Tres dias já lá vão. Eis um convite
D'amigos n'um castello invoca Alfredo.
E ousará partir? O desgraçado
Suffocará no seio o seu remorso?
Não, que ouviu sinistra voz: «MANHÃ!»
Tremeu, fugiu, trahindo a vigilancia

De seus crueis *amigos!* Alta noite
Entrou no quarto aonde a mãe outr'ora,
As faces lhe beijava em seus delirios.

Era no mez d'Abril: fresca verdura
De formosos festões lhe engrinaldava
A janella do quarto. A philomela
Louvava o Creador em seus descantes.
E as brancas franjas de seu rico leito
Dourava-lh'as do sol furtivo raio.

«Ah!—murmura Alfredo—as minhas penas
«Aqui ecco não tem, que me responda!
«E' possivel que a morte hoje me chame,
«Quando n'esta mansão é tudo encantos?
«A morte! a morte já! E a natureza
«Tão pura e tão serena hoje se ostenta!
«Porque tão lindo o sol hoje parece
«Ligar a terra e o ceu em terno enlace?
«Este hymno precursor da primavera
«Que harmonias não tem? que esp'rança afaga!
«Quando é tão bella a vida entre estas flôres
«Quem é que pensa em Deus? quem tem coragem
«De vêr a morte, e de saber morrer!»

Assim, longe do ceu, scismava Alfredo
Nos encantos da terra! Assim repelle
A penitencia, no descrêr da morte.
E, com tudo, duvida... e treme, e pensa
Se tão magico sol, manhã, seus raios
Sobre elle verterá!.. Quem sabe! E as forças
Tão cheias de saude e mocidade
Nunca elle as sentiu!... Morrer!... tão cedo!

«Esta noite! Esta noite!» D'entre o crepe
Que o retrato da mãe cobria, Alfredo
Estas vozes ouviu!
Descêra a noite.
Lançado n'um sophá, junto da pendula,
Que rapida lhe marca a noite extrema,
O desgraçado espera o seu trespasse.
Os olhos crava no ponteiro, e conta
Os minutos que fogem! Lucta horrivel!
Quer chorar, e não póde... uma só lagrima,
Ai! lagrima d'amor, não tem que o salve!

«Ao menos—elle diz—que eu, n'outro mundo,
«Possa agora prever a luz da esp'rança!
«O tempo que me resta é um relampago!
«Esta é a hora da prece e do remorso!
«Eu ergo as mãos... SENHOR!... mas perturbado
«Me sinto, e minha alma não tem vôos...
«Augmenta o meu terror. Eu ouço a pendula
«Contando-me os instantes derradeiros...
«E não posso chorar!... A dôr me foge!...
«Oh meu berço tranquillo! ó lar materno!
«Dai-me suspiros de contricto! dai-me
«A fé na penitencia!... Vãos esforços!
«Eu só vejo o relogio, que se apressa!
«Onde achar uma lagrima, Senhor!
«Quando o meu coração se preoccupa
«No ponteiro fatal que tanto corre!...
«Um minuto... um só... meu Deus!... ei-lo passado
«Uma hora, Senhor!... Um quarto, ao menos!

....

Era já tarde! um grito Alfredo solta!
Que negros muros
São esses, povoados de phantasmas
Envoltos em lençoes por entre as trevas?
Que sinistros clarões por entre as sombras?
Alfredo os olhos abre, e crê estar vendo
Sua egreja natal... e, exclama: «Oh Christo!
«Seria um sonho apenas! Eu me prostro...
«Meu Deus! meu protector! Vós me valestes!
«Este sonho me déstes! Foi o preço
«Da lagrima d'amor, e do remorso!
«Só foge a contrição ao que a despresa...
«Eu quero ser christão!... Quero adorar-vos.»
Alfredo foi fiel ao seu remorso;
As algemas quebrou do captiveiro;
Cheio de fé e ardor, seguiu a estrada
Da honra e do dever; e achou a esp'rança
Ligada ao casto amor da terna esposa.
Venturosos viveu continuos annos...
E no instante final do passamento,
Erguendo as mãos ao ceu, assim dizia:
«Meu Deus! muito chorei!... e morro em paz!»

Grito de vingança

VERSÃO LIVRE DE DEVOILLE

Vingança, oh Deus, senhor das tempestades
Vingança sobre a terra, que rainha
Vós quizestes fazer, e ella, ingrata,
Rebelde á virgem fé, e á honra antiga
Se entrega aos deuses falsos! Oh! vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
«Piedade, Senhor, que é fraco o homem,
«E a gloria d'um Deus é ser piedoso!»

Vingança contra os homens egoistas,
D'um povo cego cegos conductores,
Que ensoparam as mãos no regio sangue,
E, orgulhosos de si, a cruz calcaram,
E riram-se de vós! Senhor! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
«Castigae-os, Senhor, nós, menos que elles,
«Provocamos na terra as vossas iras!»

Vingança contra os homens do talento
Que a lyra consagraram, libertinos,
Ao dourado bezerro, e proclamaram

Como Deus o prazer, e como esp'rança
O nada do sepulchro! Oh Deus! Vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
«Piedade, Senhor! que é fraco o homem,
«E a gloria d'um Deus é ser piedoso!»

Vingança contra os sabios orgulhosos,
Que disseram—«a lei não é precisa
A nós homens no mundo emancipados;
A nós, homens da luz e do progresso,
E' bastante a razão!»—Senhor! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
«Castigai-os, Senhor, nós, menos que elles,
«Provocamos na terra as vossas iras!»

Vingança contra os velhos insensatos
Que derramam veneno em seus discursos
No tenro coração da mocidade,
E dizem com prazer «os nossos filhos
Sem Deus existirão!» Senhor! Vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
«Piedade, Senhor, que é fraco o homem,
«E a gloria d'um Deus é ser piedoso!»

Vingança contra as mães, que, repellindo
A augusta inspiração do Evangelho,
Deixaram desfolhar as livres filhas
Do crime em impio altar as virgens flôres
Da honra e do pudor! Oh! Deus! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
«Castigai-os, Senhor, nós, menos que elles,
«Provocamos na terra as vossas iras!»

Contra os vicios da impia mocidade,
Contra os velhos, sem fé, e contra as virgens,
Sem crença e sem pudor, e contra o pobre
Que blasfema, e o rico que corrompe...
Vingança, oh Deus! Anathema! Vingança!

E a terra e o inferno, ao mesmo tempo, gritam:
«Piedade, meu Deus! Senhor! vingança!»

*

Assim cantava um anjo d'entre as nuvens
Sobre um carro do fogo, e, ao vêr na terra,
A cruz da Redempção, curva o joelho,
E sumiu-se nos astros.

Oração á mãe de Deus

> As obras da graça são como um jardim de delicias e de bençãos; e a misericordia durará eternamente.
>
> ECCLES. — CHXL, V. 17.

Rosa, na terra plantada,
Entre espinhos e abrolhos,
Volve a mim d'essa morada,
Onde foste arrebatada,
Os teus compassivos olhos!

Vê, Senhora, que eu hei posto
Só em ti a minha esp'rança:
Se de mim foge o teu rosto,
Eu não fujo ao meu desgosto,
Que bem rapido me alcança.

Invoquei-te na tristeza
Do meu tão penoso exilio;
Dentro em mim senti accesa
Uma luz, cuja viveza
Era a fé no teu auxilio.

Desde então, mal sinto as dôres
De quem fui escravo já...
Busco os dons animadores,
Mando ao ceu os meus clamores,
E o ceu graças me dá.

Mãe dos orfãos desvalidos
A ti devo quanto alcanço;
Mudos foram meus gemidos...
São meus dias succedidos
Na doçura do descanço.

Mas se o teu divino amparo
Me abandona um só instante,
É então que em mim reparo,
E as fraquezas só deparo
Do peccado triumphante.

Um momento n'esta vida
Não me deixe o teu amor!
Faz do fraco um homem forte,
E por mim pede na morte
Na presença do Senhor!

HOSANNA!

✝

AO MEU AMIGO

P. BALTHAZAR VELLOSO DE SEQUEIRA

PARAPHRASE

DOS

SETE PSALMOS PENITENCIAES

Domine ne in furore tuo.
PS. 6.

I [1]

Senhor! não accuseis os meus delictos
Em o vosso furor!
Inflammado nas iras da justiça,
Não olheis para mim, que sou um fraco
Bem digno de dôr!

Meu coração tremeu, senti meus ossos
Vergarem d'afflicção!
Enluctaram minh'alma os véus da morte,
Do estrado da miseria, oh Deus! pedi-vos
Amor, e compaixão!

Volvei, Senhor, volvei olhos divinos...
Volvei-os para mim!
Quebrai estes grilhões, que me angustiam!...
Se desço impenitente á sepultura...
É perdição sem fim!

[1] David, vexado por Saul até lhe ameaçar a morte, nada teme confiado no soccorro de Deus.

Ralado entre as mãos do meu remorso
Cancei-me de chorar!
De lagrimas lavei meu leito acerbo,
Meu leito, não... o estrado em que me prostro
Sem repouso encontrar!

Ludibrio d'inimigos meus, e Vossos,
Meu Deus, eu fui aqui!
Apagaram-me a luz do entendimento...
Fizeram-me infeliz... cercado d'impios
No crime envelheci!

Apartai-vos de mim, homens do crime!
Malditos do SENHOR!
Confundi-vos, corai, turvai-vos, impios!
Qu eu, nos trances da dôr, chorei, e o Eterno
Ouviu o meu clamor!

II [1]

Beati quorum remissœ sunt iniquitates.
PS. 31.

Felizes são aquelles, cujos crimes,
Cobertos pelo véu da contrição,
Desarmaram o braço vingativo
Das iras do Senhor, com seu perdão!

[1] David enfermo, e pedindo perdão a Deus, dá-lhe graças pela remissão de seus peccados; e, instruido por Deus, se converte a melhor vida.

Venturoso aquelle, que não teme
A sentença fatal do extremo dia,
E, contente de si, marcha seguro
Com a mente no ceu, á campa fria!

Tive crimes... calei-os... meu silencio
Gemidos me arrancou do coração;
Meus ossos se mirraram; noite e dia,
Pensei ouvir do ceu a maldição!

O alento, que tinha, entre agonias
Pouco e pouco, Senhor, então perdi;
Mas sempre a mesma dôr, e o peso immenso
Da vossa mão, Senhor, em mim senti.

Confessei meu peccado, e ousei pedir-vos,
Com lagrimas contrictas, compaixão...
Meu Deus! Vós perdoastes! como é grande
A Vossa magestade no perdão!

Quando o justo se prostra em vossas aras,
E vos ergue oração cheia d'amor,
Que importam do diluvio as ondas torvas,
Que não podem turvar-lhe o seu fervor?!

Vós sois o meu refugio nas torturas
Com que o espectro da culpa me angustía!
Protegei-me dos impios, que me cercam,
Vós, que sois o meu Deus, minha alegria!

Senhor! Vós me dizeis: «Eu quero dar-te
«Um novo entendimento, e nova luz;
«Não mais desviarei meus olhos ternos
«Da estrada, que da terra ao ceu conduz

«Não queiras imitar a fera livre
«Que freio não consente, e da razão
«É cega ao resplandor, e, cega, estala
«As bridas d'impotente sujeição.»

Ai de ti, peccador! que immensas mágoas
Teu peito hão-de um dia lacerar,
Se esp'ranças no Senhor, não tens alguma,
Que possa o teu morrer suavisar!

Oh justos! transportai-vos d'alegria,
E em jubilos infindos do Senhor!
Cantai a sua gloria, oh vós, que tendes
Um recto coração, rico d'amor!

III

Domine, ne in furore tuo...
PS. 37.

Trespassado foi meu peito
Das vossas setas, Senhor!
Não me accuse a vossa ira
Suspendei vosso furor.
Eu trepído ante meu crime,
Quando vossa mão me opprime
E entorpece os membros meus ;
Curvo a fronte criminosa,
Sob a mão peccaminosa,
Que me priva olhar os ceus.

Eu perdi a luz do goso
Quando o manto da agonia
Me toldou com negra dobra
Em minha face a alegria.
Eu sou reu ! deixei vencer-me
De illusões... senti perder-me
N'esse mar da corrupção... ;
Fel amargo circulou-me
Nas entranhas, e ulcerou-me
O turvado coração.

Submerso em meus pesares
Vi-me só, triste, peregrino...
Eu provei quantas miserias
Traz comsigo o desatino;
Sem esp'ranças, já perdido,
Meu gemer era um rugido
Na final humilhação;
Minhas forças alquebradas
Succumbiram, devoradas
Pelo fogo da afflicção.

Oh meu Deus! os meus desejos
E motivos de amargura,
Bem os vêdes n'este pranto,
Que me sai da alma escura.
Perco a luz do entendimento,
Paralisa o sentimento
Sinto o coração arfar...
Os parentes, os amigos
Todos são meus inimigos
Nem um só p'ra me amparar.

Houve alguns, que inseparaveis
N'outras eras, eu julguei
Esses mesmos... conspiraram
Contra mim porque pequei...
Buscam uns tirar-me á vida,
Com violenta mão, tangida
Pela fraude, e por traição;
Outros... erros nem sonhados
Vão buscar nos meus passados
Dias d'amarga afflicção.

Minha voz não solta o peito
Contra injurias tão atrozes;
Sou qual homem que não ouve
Ou se entende, não tem vozes!
Soffro, mas minha innocencia
Vêde-a vós, Deus de Clemencia
Para dar-me protecção;
Crimes... tenho—eu proprio o digo—
Mas não d'elles... o castigo
Ha de vir da vossa mão.

Para a dôr sou preparado,
Não a esqueço um só instante...
Vejo-a sempre, e meu remorso
Sinto-o acerbo, e penetrante.
Os que a raiva me professam
Vivam, sim, embora cresçam
Eu não temo o seu furor!
Quando máu, foram-me amigos,
Conspiraram-se inimigos
Quando a vós bradei, Senhor!

Senhor! elles que importam? sou ditoso
Com o vosso amparo, e protecção!
Não tardeis o soccorro a quem vos pede,
Senhor! misericordia, e salvação.

IV [1]

> Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.
>
> PS. 50.

Sois tão grande, meu Deus, em piedade,
Que eu ouso para mim pedir clemencia!
Compaixão para mim! para os meus crimes,
E as maculas da minha iniquidade
Apagai-m'as, Senhor!

Lavai-me as nodoas de pungentes erros!
O impuro coração, séde do crime,
Meu pranto amargurado o purifique.
Reconheço, Senhor, minhas maldades,
Eu pequei contra vós!

Diante de meus olhos vaga sempre
O torvo espectro do peccado horrendo,
Que, na vossa presença, perpetrára,
E que um dia será, em vossos juizos,
O meu accusador!

[1] Este psalmo é opinião que fôra composto por David, quando, reprehendido pelo profeta Nathan do crime de adulterio e homicidio, se sentiu vivamente contricto, e procurou alcançar o perdão do Senhor.

Das entranhas nasci da iniquidade,
Na culpa me gerou quem me deu vida;
Mas vós, Senhor, que sois luz de verdade,
Um raio de sciencia em minha alma
Mandastes penetrar.

Minh'alma borrifai co'as aguas doces
Da vida e do perdão, e, mais que a neve,
Meu turvo coração será na alvura;
Palavras d'alegria, se m'as derdes,
Meu corpo exultará.

Esquecei do passado os meus delictos,
Não olheis o que eu fui: um novo alento,
Um novo coração com sancto zelo
Propenso para o bem, para a virtude,
Meu Deus, em mim creai!

De mim não aparteis a vossa face,
Nem d'alma a inspiração d'um sancto alento.
O jubilo saudavel de adorar-vos,
Senhor! restitui-m'o, e os dons proficuos
Da graça confiai-m'os.

Farei que os impios saibam adorar-vos,
Convertidos a vós... Mas perdoai-me
As insanas paixões do meu passado...
Que eu possa exclamar vossa justiça
Egual á compaixão!

Abri, Senhor, meus labios! sanctos hymnos
Meus labios cantarão em honra vossa!
Victimas não quereis, nem holocaustos,
Mas coração contricto, humilde, e recto
Senhor! eu vos darei!

A benção derramai sobre as ruinas
Da luctuosa Sião, que a face esconde
No véu das amarguras do seu crime!
Em seu altar, depois, puras offertas,
Meu Deus! acceitareis!

V [1]

Domine, exaudi orationem meam
PS. 101.

Attendei ás minhas preces,
Chegue a vós o meu clamor;
Não se esconda a vossa face,
Quando eu choro a minha dôr.

[1] Os padres consideram este psalmo, deprecatorio e prophetico, como uma oração de Christo pelo estabelecimento da sua Egreja. S. Paulo (Epist. aos heb.) applica ao mesmo Christo os versos 26, 27, e 28, em prova da sua divindade. Na maioria das opiniões, este psalmo é de Daniel, Jeremias, ou outro qualquer propheta, durante o captiveiro.

Os meus dias foram fumo,
Os meus ossos se mirraram,
Como a flôr em secco estio,
Como as hervas, que murcharam.

Desprezei vossos preceitos,
Abracei-me á afflicção;
De gemidos meus a ardencia
Ressequiu-me o coração!

Eu vaguei, ave da noite
Nos desertos, triste, e só;
Não achei um doce abrigo,
A ninguem inspirei dó!

Perseguiram-me, inimigos,
Os que d'antes me louvaram:
E d'opprobrios insultantes
Contra mim se conjuraram.

O meu pão amargurado
Com meu pranto humedecia,
E as lagrimas da angustia
Misturava ao que bebia.

Vós me havieis exaltado
Ao fastigio da grandeza;
E, forçado por meus crimes,
Me lançaste na pobreza.

Os meus dias foram sombra
N'um instante esvaecida;
Como arbusto aos pés calcado,
Eu julguei a minha vida.

Mas, Senhor! o vosso nome
Vai, á extrema geração!
Hei de vêr-vos ainda um dia
Condoído de Sião.

É já tempo de piedade,
Soccorrei-a, oh Senhor!
Venham reis de toda a terra
Lá cantar vosso louvor!

A' voz do Eterno, Sião ergue-se altiva,
As glorias do Senhor n'ella fulguram!
Os humildes no ceu a Deus procuram,
E Deus escuta o som do seu chorar!

«Este canto de gloria
«Vá ao fim das gerações,
«Venha o povo então cantar
«Ao Senhor sanctas canções.

«Das alturas do ceu divinos olhos
«Desceram para a terra, onde gemiam,
«Captivos em grilhões, os que se viam
«Salpicados do sangue de seus paes.

«Juntem-se os reis e os povos
«Sirvam juntos o Senhor;
«Cantem-lhe hymnos festivaes,
«Em perfumes de louvor!

«No trance da amargura o povo exclama:
«Senhor! não nos chameis antes do dia
«Em que seja quebrada a algema impía
«Da nossa lamentosa servidão!

«Vós, Senhor, creaste a terra,
«E creaste os altos ceus,
«Resgatai tambem Sião,
«E os tristes filhos seus!

«A mão do tempo passará horrivel
«Sobre o imigo cruel da patria cara;
«A mão que o ceu, e a terra, e o mar creára;
«Não ha de, em seu auxilio perecer!

«E os filhos d'estes servos
«Que são vossos, oh Senhor!
«Hão-de um dia ainda ter
«Um repouso durador.»

VI [1]

De profundis clamavi ad te Domine
PS. 129.

D'este abysmo profundo, em que me vejo,
Recorro a vós, Senhor!
Meus gemidos ouvi, prestai ouvidos
A' voz do meu clamor!

Meu Deus! se a nossos crimes attendesses,
Quem é que existiria?
Na vossa compaixão, e lei da graça
É que o homem confia.

O povo israelita em Deus espera
Durante a noite e o dia;
A luz da redempção, que em Deus existe,
A todos allumia.

Hoje chora Israel passados erros,
E um dia sorrirá;
Que as nodoas de seus crimes o Altissimo
Um dia lavará.

[1] O povo d'Israel, dorido de seus males, confessa os seus crimes, e supplica a misericordia do Senhor.

VII [1]

> Domine exaudi orationem meam: auribus percipe observationem meam in veritate tua.
>
> PS. 142.

Deus piedoso, minha prece escuta!
Deus de verdade, meu clamor attende!
Deus de justiça, esta oração me ouvi...
E julgai-me depois!
Não gosa um justo só vossa presença
Sem vossa compaixão! Nós somos homens...
Sujeitos ao peccado... ha só um justo
Só vós o justo sois!

Eu, homem perseguido pela culpa,
Inclino para o pó a fronte humilde
E vejo em minha vida a escuridade,
Das trevas sepulchraes!
Turbado o coração, e a alma afflicta,
Lembrei-me d'esses dias venturosos,
Em que o vosso favor sanctificava
Meus dias festivaes!

[1] David, quando seu filho Absalão o perseguia.

Mãos tremulas ergui, e esta alma esteril
Puz na vossa presença!... Oh Deus! depressa
Soccorrei-me depressa... eu desfalleço,
Se o rosto me escondeis!
Bem cedo baixarei á sepultura,
Se a luz da compaixão me não dá vida;
Mostrai-me o meu caminho de virtude,
E não me condemneis!

Protegei-me, Senhor, dos inimigos;
Ensinai-me os preceitos, que são vossos;
Mandai o vosso espirito guiar-me
Pela estrada do bem!
Não mais agudo espinho ha de cravar-me,
Será vossa justiça a minha vida,
Verei meus inimigos confundidos,
Não temerei alguem!

AS SETE DORES

DE

MARIA SANTISSIMA

POESIA OFFERECIDA

Ao meu amigo Francisco Candido de Mendoça e Mello

I

Prophecia de Simeão

Eis-aqui este menino que será o alvo da contradicção; e tua alma será atravessada pela espada da dôr.

S. LUC. C. 2. V. 34 e 35.

Prodigio de martyrio, anjo d'angustias,
Maria!... eu vou na harpa da tristeza
Consagrar-vos um hymno em som de dôr.
Deixai que esta alma desça á profundeza
Das suas afflicções, já que não póde
A' vossa angustia immensa dar valor!

Vós ereis Mãe d'um filho estremecido,
Não tinheis outro, nem mais bello o havia,
Nem um anjo do ceu valêra mais!
Bastava serdes mãe! Quanto seria
Amargo para vós, se vos dissessem:
«Para a morte da cruz é que o creaes!»

Curvarieis, SENHORA, o joelho humilde,
E, para o ceu erguendo o filho amado,
Dirieis: «Oh meu Deus! guardai-m'o vós!
«Levai-m'o antes do dia assignalado,
«Em que deve soffrer meu caro filho,
«Nos braços d'uma cruz, flagello atroz!»

Dos homens o mais duro em piedade
Qual póde, sem pesar, vêr a agonia,
Que rala o coração de terna mãe!...
De mãe, que para a morte um filho cria,
E não póde comprar com a sua vida
A vida do infeliz, que ao seio tem!...

*

Era a Mãe de Jesus, que ao virgem seio
Seu filho acarinhava... Era Maria,
A serva do Senhor, que balbucia,
Em delirios d'amor, preces a Deus!
Era o anjo da terra immaculado,
E thesouro da graça restaurado,
O astro redemptor predestinado,
Era a Mãe de Jesus, filha dos ceus!

A consagrar Jesus ao Deus de Sara,
Maria, com seu Filho, entrou no templo:
Do mundo o Creador quiz ser o exemplo
De humilde sujeição á antiga Lei!
No altar, aonde a lampada fulgura,
Vae a Virgem depôr a offrenda pura:
Dois pombinhos, imagem da candura,
Vassalagem d'amor, que presta um REI!

O justo Simeão entra no templo,
E, subito, a Maria se encaminha:
Em seus braços recebe a creancinha,
E dobrando o joelho assim fallou:
«É este o Salvador! a luz formosa
«Das escuras nações!... Hora ditosa,
«Em que vi o Senhor!... Que venturosa
«Minha morte não é!... Em paz eu vou!»

Extaticos, José e a esposa amada
Escutavam tão leda prophecia...
Mas bem rapido o enlevo d'alegria
Converte-se em terror no coração!
Do velho pelas faces respeitosas
As lagrimas desciam copiosas.
Quando estas palavras pavorosas
Profere, em voz pungente, o ancião:

«Mãe! Que immensa dôr teu Filho espera!
«Os homens cravarão agudo espinho
«De atroz ingratidão em seu caminho
«Na terra, que persegue o seu Creador!

«Ai de ti, Mãe sósinha e desgraçada!
«Verás do Filho a face ensanguentada!
«E o gume sentirás d'aguda espada
«Varar-te o coração, morto de dôr!»

MARIA! não são homens, que se elevam
D'este mundo a julgar vosso martyrio!
Dos homens as paixões são um delirio
Momentaneo, fugaz... angustias—não!
Dizei, vós, se podeis, mães carinhosas,
Que lagrimas amargas, tormentosas,
Chorou a Mãe das mães mais extremosas
Ao vêr prescripta ao Filho a perdição!

. . . .

II

Fugida para o Egypto

> Minha vida inteira se passou na dôr e nos gemidos: meus tormentos tive-os sempre diante de meus olhos.
>
> PS. XXX, 2 e XXXVII, 18.

Nas plagas desertas da Arabia inclemente,
Na aurora da vida, uma virgem mimosa
Mendiga um refugio em terra piedosa,
Que ampare a existencia do filho innocente.

Em quanto MARIA á dôr que a trespassa
Cedendo, consolo não tem na afflicção,
José, seu esposo, mendiga ao que passa,
Nos trances da fome uma esmola de pão!

Nos sêrros gelados, por noites de inverno,
MARIA seus membros cansados pousava.
Seu peito era o berço do Filho do Eterno,
Ao som de seus prantos JESUS dormitava.

Nos sonhos da Virgem o ferro, tingido
De sangue innocente, sinistro luzia;
De mil creancinhas pungente gemido,
Nas vascas da morte, acordava MARIA!.

«Meu Filho! meu Filho!» soltava-lhe o peito
O grito materno, que chega até Deus!
«Que vás ao Egypto, do Eterno é preceito»
Dizia-lhe um anjo descido dos ceus.

No centro das pompas da terra do Egypto
MARIA, na angustia de immensa pobresa,
Lá vai mendigar, pois assim fôra escripto,
A's portas do rico as migalhas da mesa!

Migalhas da mesa... uma esmola pedida
A's portas dos homens com tanta humildade!...
Quem pede essa esmola o auctor é da vida!
O Rei do Universo a pedir caridade!...

O amargo sustento da VIRGEM MARIA,
Durante sete annos d'acerba afflicção,
Abunda no pranto, que verte a agonia,
Lembrando as palavras d'aquelle ancião.

Que importa a pobreza? não tem ella um Filho?
Nas trevas da vida o amor não é luz?
MARIA! não chores!... eterno é seu brilho,
E' astro perpetuo nos braços da cruz!

III

Desapparecimento de Jesus no templo

> Vistes o querido da minha alma? Perdido meu filho... onde irei eu!?...
>
> CANTARES III e RUBEN.

De David os sanctos hymnos,
Que magestade não tem!
Que delicia é ir ao templo
Da sancta Jerusalem!

Como é terno ao som dos psalmos
O fervor d'uma oração!
E enviar ao ceu, no incenso,
Uma sancta aspiração!

O cadente som das harpas,
Que Sião aos ceus envia,
Prende os anjos com os homens
Pela mystica harmonia.

Desce o anjo ao som do hymno
Busca o homem na afflicção,
E murmura-lhe na alma
Palavras de contricção.

O amor nasce-lhe ardente
D'entre os gelos da apathia;
Densa nevoa da tristeza
Foge aos raios da alegria!

Doridos lances da vida,
Profundos golpes da dôr,
Grata esp'rança os suavisa
Com o balsamo do amor!

De David os sanctos hymnos
Que magestade não tem!
Que delicia é ir ao templo
Da sancta Jerusalem!

*

Com seu Filho e seu Esposo
No templo estava Maria.
O seu cantico inspirado
Era aos ceus arrebatado
Pelos anjos da harmonia

«Minha alma exalta e louva o meu Senhor!
«Meu espirito exulta
«No meu Deus, meu Salvador!

«D'esta escrava a humildade o Eterno viu
E de bençãos e venturas,
«Deus potente, me cubriu.

«E, por tal, me julga o mundo a mais ditosa
«Mas o Eterno é pae de quantos
«Temem sua mão poderosa.

«Em seus thronos os soberbos derrubou,
«E os humildes, com seu braço,
«Sobre os grandes exaltou.

«Rico fez o pobre, e o rico empobreceu;
«E Israel como seu filho,
«Compassivo, recebeu.

«As palavras que fallou a Abrahão,
«Hão-de ter divino ecco
«Na extrema geração.»

*

Calaram-se as harpas dos cantos divinos,
O ecco dos hymnos ao longe se esvae;
Maria, não vendo Jesus a seu lado
Do templo sagrado á pressa ella sahe.

Pergunta, anciosa, se viram seu filho
A quantos no trilho de Nazareth vão;
Ninguem lhe dá novas do filho sumido...
Talvez que, perdido, ficasse em Sião!...

Talvez que os parentes, o templo deixassem,
Comsigo levassem Jesus, filho seu!...
A atroz incerteza cruel agonia
Da virgem Maria no peito accendeu.

A esposa do Espirito, em pranto banhada,
Caminha apressada até Nazareth;
Na pobre choupana seu filho procura...
Que intensa amargura!... Jesus lá não é!

N'um lance tão triste, a Virgem afflicta
Se julga maldita da Lei do Senhor;
Suppondo-se indina de ter em seu seio
AQUELLE, que veio a ser Redemptor!

O ferro, que a magoa no seio lhe enterra,
Nas linguas da terra, não tem expressão!
Que contem os anjos os tristes lamentos,
Os surdos tormentos do seu coração!

IV

Maria encontra Jesus no caminho do supplicio

> Aonde ides, Virgem Sancta? Ao Calvario!... Ah!... vêr cravar n'um madeiro infame aquelle que era a vossa existencia!...
>
> S. AFFONSO DE LIGORIO,
> e DEUTER. XXXVIII, 66.

Vem, discipulo amado!
Vem ao seio amargurado
D'esta mãe do justiçado,
Um allivio vem trazer!
Toda a noite lagrimosa,
Ella espera-te anciosa...

Traz-lhe nova venturosa...
Diminue-lhe o padecer!
Diz-lhe que Jesus tem vida,
Que do ceu lhe foi cedida,
E que, victima remida,
Não irá na cruz morrer!

*

Nem uma esp'rança para a Mãe das Dôres!...
Jámais veria junto a si Jesus!
Não era d'ella seu amado filho...
Era do mundo, no altar da cruz.

No lacerado coração da Virgem,
Do filho amado o derradeiro adeus
Vertêra a morte, a não descerem anjos
Manter-lhe a vida como um dom dos ceus!

Que tristes novas vem trazer-lhe aquelles,
Que viram Christo condemnado á morte!
Fugiram todos ao furor das turbas...
Na hora extrema só MARIA é forte!

Fugiram todos, e João, chorando,
Encontra a Virgem, que, no seu delirio,
D'accesas ancias, corre apoz seu Filho,
Que vae de rastos ao cruel martyrio.

Segue os vestigios de Jesus, no sangue
Que tinge as ruas, onde o Justo passa!...
Em cada gota, um punhal de fogo
Da pobre Mãe o coração trespassa!

Pedindo á morte a robustez da vida,
Maria rompe a multidão intensa,
E os sons escuta da fatal trombeta,
Que diz ás turbas a feroz sentença.

Primeiro encontra o apparelho horrivel
Que vai seu filho suspender na cruz...
Depois... vergado sob um lenho enorme,
Vertendo sangue, deparou Jesus.

«Meu Filho!...» exclama a desvairada Virgem..
Corre a abraça-lo, mas em vão forceja!...
E', com desprezo repellida, e, a custo,
A Mãe consegue que seu Filho a veja.

Os olhos torvos de gelado sangue
Jesus fitou em sua Mãe; e a dôr,
Que, n'este lance, lhe varou o peito,
Qual ella foi, sabei-la Vós, Senhor!

V

A morte de Jesus

> Em vão busquei ao redor de mim consolações. Olhei, e nem uma só pessoa vi que me ajudasse a soffrer... Eu estava estreitamente abraçada com a cruz de meu filho...
>
> REV. A. S. BRIGIDA, e ISAIAS, LXIII.

Ao Golgotha subiu o condemnado!
Da tunica inconsutil despojado,
Provoca a irrisão!
Resôa a voseria imprecadora,
Referve irada a onda rugidora
Da fera multidão!

Sobre o lenho da cruz Jesus é posto...
Goteja-lhe da fronte o sangue ao rosto
Em serena agonia!
Rangem-lhe os ossos, quando atroz pancada
No cravo, sobre a mão ensanguentada,
As carnes lhes fendia.

Retumba o alarido! Ei-la suspensa
A cruz, imposta a Christo, em recompensa
Dos homens, que salvou!
MARIA! eis o teu caro filho exangue!
Vem lagrimas verter sobre este sangue,
Que no teu circulou!

Vem, Senhora, saudar o moribundo!
Vem vêr que paga tem do ingrato mundo...
Por quem morre na cruz!
Abre teu peito a esta dôr suprema,
O golpe d'esta dôr, talvez extrema,
Aos anjos te conduz!

*

Já vistes, entre as rochas, n'um mar em tormenta,
Ludibrio das ondas, ao mastro abraçado,
Um filho, que implora soccorro das praias,
Soccorro aos seus trances crueis d'afogado?

Já viste nas praias vagar delirante
A mãe d'esse filho, que além, vê morrer...
Que pede, prostrada, que salvem seu filho...
E em vão, que não tem quem lhe possa valer?

Julgai pela dôr d'essa mãe carinhosa,
Que vira entre as vagas seu filho expirar,
A angustia da VIRGEM, que, ao pé de seu Filho,
Da morte affrontosa o não póde salvar!

Julgai pela dôr d'essa mãe carinhosa,
Que dôr não seria a da Mãe de Jesus,
Ao vêr-se isolada, no ermo da morte,
Cingindo em seus braços a hastea da cruz!

Julgai pela dôr d'essa mãe carinhosa,
Que espada no peito da Virgem desceu,
Ao vêr que seu Filho, voltando-lhe a face,
Succumbe ás torturas, perdôa, e morreu!

VI

Jesus golpeado pela lança e descido da cruz

> Vós, que passaes, insensiveis,
> parai, e vêde se ha uma dôr
> igual á minha!

Tremeu a terra, e no seio
Fende-se o abysmo profundo!
Do templo rasga-se o veu...
Negro manto cobre o mundo!

Os mortos surgem das campas,
Os vivos vergam á dôr!
Os assassinos de Christo
Vagam hirtos de terror!

No pó se curva contricto
O cruel centurião...
Do fundo d'alma lhe estala
O seu grito de perdão!

Nas escarpas do Calvario
Mora o silencio da dôr...
A virgem não tem gemidos...
Suffocou-lh'os o terror!

Lá no intimo da alma,
Turvada pela agonia,
Uma supplica afflictiva
A Jesus ergue Maria.

A seu Filho, que no seio
Do Padre Eterno descança;
Mas d'amor é sua prece,
Não é prece de vingança!

E' perdão aos matadores
De seu Filho, e do seu Deus!
E' a pomba erguendo o vôo
D'entre espinhos para os ceus!

A paschoa d'Israel, festa pomposa
Na judaica nação,
Ao sangue tinha horror; e Jesus Christo,
Suspenso n'uma cruz, turvava o goso
Da cruel multidão.

A turba sobe aos visos do Calvario,
E pára ao pé da Cruz...
Vai o morto descer, partir-lhe os ossos...
E' lei dos justiçados... vão cumpri-la
No corpo de Jesus!

MARIA vai de rojo ante os malditos
Da colera do ceu!
«Meu filho—a Virgem diz—é um cadaver!
«Inutil crueldade é espedaça-lo!
«O meu Filho morreu!

«Ah ! não exacerbeis o meu supplicio !
«Cedei á compaixão !
«Não vêdes tanto sangue derramado ? !
«Por ventura terá uma só gota
«Seu morto coração ? !

*

Mão cruenta levanta uma lança,
Que no lado do Christo embebeu !
D'esse golpe, n'um peito já morto,
Jorro d'agua e de sangue correu.

Outro golpe cruento rasgava
As entranhas da VIRGEM MARIA !...
Era a espada cruel dos ultrages
No cadaver, que aos impios pedia.

Condoidos da Virgem dois justos
De Pilatos alcançam mercê.
De Jesus... de seu Filho os despojos
Em seus braços MARIA emfim vê !

Contra o seio comprime o cadaver,
No delirio da dôr abrasada...
Cola os labios na face sanguenta,
E na fronte d'espinhos rasgada.

Vê-lhe as chagas das mãos denegridas
E dos golpes do açoute os vergões !...
Grande Deus ! que preceitos d'angustia
A' Rainha dos anjos impões !

«Todos vós, que passaes insensiveis...»
—Exclamava esta Mãe desditosa—
«Reparai se ha martyrios que possam
«Egualar esta dôr tormentosa!»

VII

Jesus encerrado no sepulchro

Meu querido filho! tudo perdi
comtigo!... Filho de Deus...
eras meu pae, e meu esposo, e
minha alma... e perdi-te!...

S. BERNARDO. *De Lament. V.*

Sinta o meu coração as minhas culpas,
Se não póde sentir a dôr da Virgem.

Sósinha, pelos ermos, onde soam
Seus gritos derradeiros, vaga o anjo
Da nossa redempção a Mãe de Christo!
Seu Filho ás regiões desceu da morte!...
As guardas afastaram-na do tumulo!
Ali, sobre o sepulchro de seu Filho,
Nem lagrimas verter a Virgem póde!

Sinta o meu coração as minhas culpas,
Se não póde sentir a dôr da Virgem.

Uma só d'entre vós, mães extremosas,
Que, entre afagos d'amor, creou seu filho,
Innocentinha flôr, singelo anjo
De virtude e bondade!...
Eu quero ouvir-te
Os mysterios d'horrivel supplicio,
Passados em teu seio, quando viste
Tal filho de teus braços arrancado,
E, victima de infame ignominia,
Entregue á mão do algoz no cadafalso!
Contae-me esses segredos pavorosos,
Que eu não pude dizer, quaes os tormentos
Da mais atormentada entre as mulheres!

Sinta o meu coração as minhas culpas,
Se não póde sentir a dôr da Virgem.

Christão! E' fraco o homem! Suas dores
Algemadas á terra não se exaltam
Acima das paixões, filhas da terra.
Sabemos conceber grandes martyrios;
Mas lagrimas que a face innundam hoje
Manhã vem o sorrir sustar nos olhos.

As angustias da Mãe de Jesus Christo
Não podem corações, envenenados
Pelo fel das paixões, que o inspira,
Senti-las; e, ao som d'um hymno triste,
A magoa despertar em almas tibias.

Eu, filho do peccado, e circumscripto
No circulo de ferro, que me cinge,
Lançado pela mão do Omnipotente,
Prostrado irei depôr no altar da VIRGEM
A harpa, onde intentei chorar-lhe as DORES,
E só pude chorar as minhas culpas.

FIM

INDICE

INDICE

Preceitos do coração

Preceitos da consciencia

HOSANNA!

PARAPHRASE DOS SETE PSALMOS PENITENCIAES:

AS SETE DORES DE MARIA SANTISSIMA: